



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS / Unidade  
de CURRAIS NOVOS  
E-MAIL: [profletrascn@gmail.com](mailto:profletrascn@gmail.com)**

***UMA IDEIA TODA AZUL:  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE  
UMA COMUNIDADE LEITORA***

Josenice da Silva Diniz

**CURRAIS NOVOS - RN  
2023**

JOSENICE DA SILVA DINIZ

***UMA IDEIA TODA AZUL:***  
**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE**  
**UMA COMUNIDADE LEITORA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Currais Novos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Linguagens e Letramentos

**Orientadora:** Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias

**Co-orientador:** Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo

**CURRAIS NOVOS - RN**  
**2023**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes – CCHLA

Diniz, Josenice da Silva.

Uma ideia toda azul: proposta de intervenção para a formação de uma comunidade leitora / Josenice da Silva Diniz. - 2023.  
120f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2023.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Valdenides Cabral de Araújo Dias.

Coorientador: Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo.

1. Letramento Literário. 2. Formação de leitores. 3. Conto. I. Dias, Valdenides Cabral de Araújo. II. Rabelo, Sebastião Augusto. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 372.4

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo  
(CO-ORIENTADOR)

---

Profa. Dra. Gianka Salustiano Bezerril de Bastos Gomes  
(UFRN)

---

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva  
(UEPB)

Para José Primo e Maurice, José Rigon e Lawana,  
Rei e rainha, príncipe e princesa  
da minha existência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a minha família, meu sustentáculo, meu porto seguro, meus maiores apoiadores em tudo o que planejo e realizo.

Minha gratidão aos colegas do PROFLETRAS, por compartilharem comigo tantos momentos de alegrias, de conquistas e de busca constante pelo conhecimento.

Ao colega Sebastião Leones, pelas inúmeras e incansáveis vezes que me ajudou, aconselhou, incentivou e compartilhou seus conhecimentos e saberes comigo. Minha eterna gratidão.

Aos meus professores do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS / Unidade de Currais Novos, pelos ensinamentos e por nos conduzirem em momentos difíceis e conflituosos, com sabedoria e maestria.

À CAPES, por contribuir e apoiar a formação de professores e pesquisadores em nosso país.

Aos colegas de trabalho que, fazendo parte da educação e, compreendendo a necessidade de melhorias desta, apoiaram e contribuíram, de alguma forma, para que meu trabalho de pesquisa alcançasse o êxito objetivado.

Agradeço, com o sentimento de profunda gratidão e afeto, à professora orientadora Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias, uma das pessoas que tenho como referência profissional de educadora, que acolhe e incentiva os alunos a seguirem sempre em frente. Agradeço pela disponibilidade, pela paciência e gentileza, pela tranquilidade com que fui guiada. Sou imensamente grata por ter tido a honra de tê-la como professora por duas vezes, em minha vida.

*A literatura nada mais é, afinal, do que um longo, um interminável discurso sobre a vida, um artifício em que, através de narrativas, os seres humanos elaboram suas paixões, suas angústias, seus medos, e se aproximam do grande enigma do ser.*

Marina Colasanti

## RESUMO

A importância da literatura é algo inquestionável visto que as obras literárias constituem, na história da humanidade, a própria essência do humano: o saber que é difundido através da leitura. No entanto, a leitura de obras literárias no cotidiano escolar é algo que precisa ser discutido e implementada com maior ênfase por todos que fazem parte da comunidade escolar, em especial, pelo professor, por sua condição de agente de letramento. Pensando nessa problemática e entendendo a leitura de obras literárias como algo que precisa de maior recorrência no cotidiano das atividades escolares (e fora dela também!) intencionamos apresentar uma proposta de intervenção a partir da leitura de *Uma Ideia Toda Azul*, de Marina Colasanti (1979) na perspectiva de que, ao enveredarmos pelos contos que compõem esta obra, possamos promover uma aproximação entre leitores e textos que poderão possibilitar a experiência enriquecedora da leitura literária, em turma do 9º ano. Em se tratando de uma intervenção, a pesquisa proposta é do tipo pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), com abordagem qualitativa de dados (BOGDAN, BIKLEN, 1994). Para a intervenção proposta, pautamo-nos na sequência básica sugerida por Cosson (2016). O aporte teórico das discussões compreende refletir, a partir das contribuições teóricas de Jouve (2012), Petit (2009), Freire (2018), Zilberman (2009), entre outros, sobre a possibilidade de realizações de estratégias pedagógicas que possam, objetivamente, auxiliar os professores na formação de leitores literários na sala de aula.

**Palavras chaves:** Letramento Literário. Formação de leitores. Conto.

## ABSTRACT

The importance of literature is unquestionable since literary works in history the very essence of the human: humanity, the knowledge that is disseminated through reading. However, the insertion of the reading of literary works in the school routine is something that needs to be discussed and thought with emphasis by all who are part of the school community, especially by the teacher, for his condition of mediator of learning. Thinking about this problem and understanding the reading of great literary works as something that needs works within the visibility of the school (and outside it too!), we intend to carry out an intervention proposal based on the reading of *Uma Ideia Toda Azul*, by Marina Colasanti (1979) in the class where we can send stories through a class that makes it possible to offer this work, we promote the approach between readers of perspectives and texts that can enrich literary reading, in a 9th grade class. To carry out this study, we adopted a qualitative methodological approach (BOGDAN, BIKLEN, 1994)., based on action research, based on the perspective of Thiollent (2011). To implement this intervention proposal, based on the study carried out with the short story genre, we used the basic sequence suggested by Cosson (2016). We intend to reflect, based on the theoretical contributions of Jouve (2012), Petit (2009), Freire (2018), Zilberman (2009), among others, training on the possibility of strategic pedagogical plans that can objectively help teachers in literary readers in classroom.

Keywords: Literary Literacy. Reader training. Tale.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Capa completa do livro <i>Uma ideia tudo azul</i> .....	72
<b>Figura 02:</b> Organograma.....	78
<b>Figura 03:</b> Capa do livro <i>As viagens de Marco Polo</i> .....	79
<b>Figura 04:</b> Capa do livro <i>O trabalho com as mãos</i> .....	81
<b>Figura 05:</b> Capa do livro <i>Uma ideia toda azul</i> .....	112

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Plano-Síntese da Sequência Básica (SB).....	69
<b>Quadro 02:</b> Biografia de Marina Colasanti.....	73
<b>Quadro 03:</b> Gênero diário pessoal.....	74
<b>Quadro 04:</b> Conto O último Rei.....	77
<b>Quadro 05:</b> Conto Além do Bastidor.....	79
<b>Quadro 06:</b> Conto Por duas asas de veludo.....	81
<b>Quadro 07:</b> Conto Um espinho de marfim.....	84
<b>Quadro 08:</b> Conto Uma ideia toda azul.....	87
<b>Quadro 09:</b> Conto Entre as folhas do verde O.....	90
<b>Quadro 10:</b> Conto Fio após fio.....	93
<b>Quadro 11:</b> Conto A primeira só.....	95
<b>Quadro 12:</b> Conto Sete anos mais sete.....	97
<b>Quadro 13:</b> Conto As notícias e o mel.....	99
<b>Quadro 14:</b> Esquema da Sequência Básica (SB).....	115

## SUMÁRIO

<b>1. IDEIAS INICIAIS</b> .....	13
<b>2. IDEIAS TEÓRICAS</b> .....	18
2.1 A LEITURA DO CONTO NA SALA DE AULA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO LEITORA .....	18
2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO: O PAPEL DO PROFESSOR .....	25
2.3 LEITURA: DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS NOS CONTOS CONTEMPORÂNEOS .....	28
2.4 MARINA COLASANTI EM SALA DE AULA: RECEPÇÃO CRÍTICA .....	39
<b>3. IDEIAS METODOLÓGICAS</b> .....	62
<b>4. IDEIAS PARA A INTERVENÇÃO</b> .....	67
4.1 A SEQUÊNCIA BÁSICA.....	70
4.1.1 MOTIVAÇÃO.....	70
4.1.2 INTRODUÇÃO.....	71
4.1.3 LEITURA.....	75
4.1.4 INTERPRETAÇÃO.....	101
<b>5. IDEIAS FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	106
<b>APÊNDICES</b> .....	110
<b>ANEXOS</b> .....	116

## 1 IDEIAS INICIAIS

Esta dissertação, insere-se na área de Linguagens e Letramento do Programa de Mestrado Profissional em Letras, (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, (UFRN) e na linha de pesquisa “Leitura e Produção textual: Diversidade textual e Práticas Docentes”. O programa visa contribuir para a melhoria da qualidade do ensino da Língua Portuguesa, capacitando professores para o exercício da pesquisa científica e da docência. Sendo assim, abordaremos questões relacionadas ao fazer pedagógico destinadas para o trabalho que pretendemos desenvolver com a leitura literária, em sala de aula, a partir de alguns contos de Marina Colasanti.

É notória a importância da leitura, na vida das pessoas e há uma necessidade cada vez mais crescente desta, para o dia a dia do indivíduo, posto que vivemos numa sociedade grafocêntrica, permeada por instrumentos tecnológicos que promovem o acesso à informação e ao conhecimento. Também são explícitos os obstáculos existentes, quando se trata da fruição da leitura e da capacidade de interpretação textual. Percebe-se ainda, que a leitura de diversos gêneros textuais, faz-se presente a partir do surgimento dos estudos culturais, desde a década de 1990. No entanto, é perceptível que existe uma certa dificuldade com relação à formação leitora de obras literárias. Essa dificuldade torna-se ainda mais evidentes, quando nos reportamos à leitura do texto literário, sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, cabe-nos uma reflexão sobre o papel da escola e do professor, uma vez que, como agência de letramento, deveria sobretudo, promover a prática de leitura de diversas obras literárias, no decorrer dos anos de escolarização básica. Porém, é inegável que existe uma lacuna nesse contexto, o da formação de leitores literários.

Por entender que é fundamental redimensionar o processo de formação de leitores, em todos os níveis básicos da escolarização e pela importância, indiscutível, da literatura e de seu poder transformador, surgiu a necessidade de investigar as possibilidades para desenvolver estratégias, as quais promovam a formação de leitores literários, nos anos finais do Ensino fundamental.

Pensando sobre essa problemática e, considerando que a escola precisa desenvolver o papel que lhe cabe, como espaço propício à aprendizagem, em seus mais amplos sentidos, interrogamo-nos: o que fazer para estimular a formação de novos leitores e promover o gosto pela leitura? Como inserir a leitura de obras literárias à rotina escolar? Quais estratégias e práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas para que a escola possibilite o acesso à leitura? Como ampliar o letramento literário dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental?

Essas indagações foram o ponto de partida para a formulação desse estudo, visando contribuir para a formação do leitor literário na escola. Entendemos que a escola precisa adequar, a sua rotina, à promoção de práticas leitoras e sabemos que o letramento literário deve ultrapassar os limites da escola, abrir portas e novos caminhos em que os leitores podem sempre enveredar.

É mister ainda ressaltar, o entendimento sobre letramento literário, o qual, não se trata apenas da habilidade de ler, mas do envolvimento em um processo que implica a leitura de obras literárias e a formação de um leitor como um ser em processo de construção, e por esse motivo, apto a mudanças e à aquisição de novos saberes. Reforçamos a ideia de que esse processo precisa ser mediado e realizado, de forma planejada e consciente. Sendo assim, entendemos a importância da escola como espaço propício para o desenvolvimento de práticas leitoras e que estas precisam ser executadas pelo professor, de forma intencional e sistematizada.

Ressaltamos também, que é de suma importância que o ambiente escolar favoreça a formação de leitores e que o professor se reconheça como autor que irá viabilizar esse processo, expandindo a leitura, dentro da sua sala de aula, e que possibilite aos seus alunos o acesso literário, ao fazer uso de estratégias que oportunizem o encontro entre livros e possíveis leitores.

Discorrer sobre a leitura literária, na escola, exige de nós uma imersão pautada em vários questionamentos, os quais nos permitem refletir sobre o nosso fazer, enquanto professores, para que a escola desenvolva um trabalho com esse modelo de leitura, qual dispõe de uma linguagem artística, destacando qual é o papel da instituição escolar e de seus agentes, evidenciando como

ensinar a leitura de obras de literatura na escola. Cumpre registrar que essas questões têm sido discutidas, no entanto, ainda falta muito empenho para que esses obstáculos sejam solucionados na prática educacional.

Considerando que a leitura de obras literárias ainda não é amplamente contemplada no âmbito escolar, é importante refletirmos sobre a ausência dessa prática e buscarmos compreender a necessidade de uma mudança de postura. É notável a escassez de momentos voltados para a leitura literária, o que nos leva ao questionamento, de como podemos promover e valorizar a leitura, de forma mais efetiva, na escola. Nesse sentido, é fundamental repensar a importância da literatura no processo educativo e buscar formas de incentivar o contato dos alunos com as obras literárias.

Assim sendo, entendemos que a escola, como agência de letramento que promove o ensino de forma sistematizada, precisa estar atenta a essa necessidade e inserir, em sua rotina, projetos de leitura literária que contemplem todos os seus discentes e que seus agentes mobilizem o espaço educacional para esse fim.

Nesse sentido, partimos da premissa de que a leitura literária precisa ser contemplada dentro de projetos voltados para a melhoria da formação de leitores literários e de uma comunidade leitora que possa gerir suas reflexões em torno do lido. Cabe à escola e seus agentes promover estratégias que permitam o desenvolvimento dessa capacidade, compreendendo que ler, e ler obras literárias, necessita, sobretudo, de organização de tempo, espaço e planejamento sistematizado e processual.

Mediante a existência dessa problemática e da necessidade de intervir nessa realidade, e de contribuir para a formação dessa comunidade leitora, nosso objetivo geral consiste em discorrer sobre o desenvolvimento de uma proposta de intervenção destinada para a formação do leitor literário, a partir do trabalho com a obra *Uma Ideia Toda Azul* (2003), de Marina Colasanti. Esse estudo tem ainda, como objetivos específicos, identificar como se dá a formação de leitores na escola e como os alunos respondem à aplicação das práticas leitoras; ressaltar as possíveis causas da falta de gosto pela leitura literária; desenvolver ações que promovam o processo de fruição do texto literário,

observando a receptividade e interação da turma; utilizar estratégias de leitura para o desenvolvimento da competência leitora.

Torna-se interessante, enfatizar que este plano de intervenção é direcionado aos estudantes do Ensino Fundamental II e tal plano adota como referência básica literária a obra *Uma Ideia Toda Azul*, de Marina Colasanti, pois cremos que a leitura, interpretação e produção de textos, especialmente, contos, permitirão que os estudantes tenham maior interação e desenvolvimento, nas etapas do processo de letramento. Urge acentuar que esta pesquisa visa contribuir para que esse processo seja favorável ao desenvolvimento de leitores cada vez mais autônomos e proficientes.

A proposta de intervenção pedagógica que apresentamos está pautada na abordagem metodológica qualitativa e tem como princípio a pesquisa-ação, a qual permitirá, sob esse prisma, realizar uma investigação sobre o tema, aqui exposto, e desenvolver ações didáticas colaborativas que permitam a constatação de como é possível formar leitores na escola. Para isso, seguiremos a proposta do letramento literário, tendo como premissa, a sequência básica proposta por Cosson (2016), a qual será destinada às turmas de 9º anos, das escolas públicas, situadas no município de Parelhas–RN.

Nessa perspectiva, utilizaremos estratégias de leitura e desenvolveremos ações que favoreçam o processo de fruição do texto literário. Propomos a realização de questionários, a observação da participação dos alunos para identificar as possíveis causas da falta do gosto pela leitura literária. Também, sugerimos a elaboração de um diário do leitor durante a aplicação da sequência básica, o qual permitirá que o professor analise como os alunos respondem às atividades aplicadas em sala de aula. Para tanto, estruturamos nosso estudo a partir desta introdução, na qual expusemos a problemática, os objetivos e a necessidade de uma atividade leitora propositiva e interventiva.

Na segunda parte, tratamos das reflexões teóricas acerca da leitura literária no Ensino Fundamental e a sua importância para a formação leitora do aluno, com base em Dantas (2019) e Colomer (2003). Também abordamos o letramento literário, a partir de Cosson (2009), da leitura do texto literário conforme Zilberman (2009), entre outros e da leitura de contos de fadas, além

de discorrermos sobre a recepção aos contos de Marina Colasanti e seus possíveis intertextos, mais especificamente, na obra *Uma ideia toda azul*.

Na terceira parte abordamos os aspectos metodológicos que nortearam este estudo, conforme Thiollent (2011) amparados na pesquisa qualitativa, de viés etnográfico (Bogdan e Biklen, 1994).

Na quarta parte, apresentamos a proposta de intervenção desenvolvida, seguindo o modelo de sequência básica de Cosson (2009) e, por fim, a conclusão, a qual faz uma retomada de todo o estudo e apresenta pontos de vista que favoreçam a consolidação do leitor literário na escola.

## **2 IDEIAS TEÓRICAS**

Sob a perspectiva de refletir acerca da leitura do texto literário, na sala de aula, do letramento literário e da possibilidade da formação de uma comunidade leitora na escola, reportaremos-nos a estudiosos e pesquisadores que tratam dessas temáticas, para analisarmos aspectos relevantes que dão suporte à nossa proposta de intervenção. Para a apresentação do referencial teórico, esta seção foi organizada nas seguintes subseções: (2.1) a leitura do texto literário na escola e a importância da formação leitora; (2.2) o letramento literário e o papel do professor; (2.3) a leitura: diálogos intertextuais nos contos contemporâneos; (2.4) Marina Colasanti em sala de aula: recepção crítica.

### **2.1 A LEITURA DO CONTO NA SALA DE AULA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO LEITORA**

Se iniciarmos um diálogo sobre o leitor e a importância da literatura para a nossa sociedade, certamente iremos ouvir que é de grande relevância para a formação das pessoas e para o desenvolvimento humano. Poderíamos também ouvir como resposta, que a leitura de obras literárias, transporta-nos para outros lugares e nos oportuniza conhecer diferentes épocas e culturas, que podemos vivenciar fatos e acontecimentos através dos livros e dos personagens, os quais compõem as histórias. Enfim, poderíamos ouvir também vários relatos positivos, como se pode esperar, de definições advindas de pontos de vista que não entram no âmago de questões mais complexas, mas que contemplam a compreensão das obras lidas.

Portanto, refletir sobre a literatura, e mais especificamente aqui falando, sobre as práticas literárias na escola, exige de nós uma compreensão mais aprofundada sobre o que são essas práticas e como realizá-las. Não estamos falando, no entanto, de aplicar instruções pedagógicas ou sugerir algum tipo de método que, repentinamente, irá transformar a comunidade escolar em leitores assíduos. Não pretendemos encontrar respostas prontas. Nossa pretensão é falar sobre o texto literário, sobre a possibilidade que a leitura de bons livros pode

atrelar à vida de cada ser e de como é necessário que a escola possibilite a inserção dos discentes no universo literário. Para Compagnon (1999),

Muitas questões são levantadas a respeito da leitura, mas todas elas remetem ao problema crucial do jogo da liberdade e da imposição. Que faz do texto o leitor quando lê? E o que é que o texto lhe faz? A leitura é ativa ou passiva? Mais ativa do que passiva? Ou mais passiva do que ativa? (COMPAGNON, 1999, p.146)

Tentar responder a estas questões remete à prática do professor, de como ele está desenvolvendo a leitura em sala de aula e quais perspectivas apresenta, em relação aos alunos. O jogo de liberdade pode favorecer uma troca satisfatória muito maior que a imposição, uma vez que pode chegar a descobrir as possíveis respostas aos dois primeiros questionamentos :o leitor pode se apropriar do texto e reportá-lo, dentro de uma sensibilidade que lhe é peculiar, também ao seu universo de vida, ou seja, o texto lhe retorna com ecos que lhe preenche anseios possíveis.

Nesse sentido, podemos nos reportar, também, ao pensamento de Machado (2009) que, parafraseando Antonio Candido<sup>1</sup>, nos diz

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. (MACHADO, 2009, p. 15)

Mediante a abordagem de Compagnon e Machado, compreendemos que, para pensarmos sobre a formação de leitores na escola, deveremos saber quais “alimentos” ofertar, como fazê-lo e até cogitar a quantidade para que se possa dosar essa oferta, de acordo com cada contexto, observando também a realidade de cada turma, ou seja, nem mais, nem menos, mas apenas o suficiente para despertar o desejo, a vontade de “comer” e, quiçá, de instigar a busca por novos sabores através de uma leitura ativa.

---

<sup>1</sup> Em **O direito à literatura**, Candido afirma que “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”. Ver artigo in: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/372/382/1125?inline=1>. Acesso em 04/08/22.

Ainda utilizando como metáfora o alimento, pensemos que não podemos obrigar ninguém a comer/ler, porém é preciso garantir que esteja disponível, (servido em bandeja). Portanto, dispor de uma variedade de obras selecionadas com qualidade e que se promova um momento para a degustação. Desse modo, o aluno vai poder, após provar, fazer suposições, se a leitura de algum livro lhe é agradável ou não, se prefere este ou aquele outro tipo de livro, ou se não gostou de nada que lhe foi ofertado.

Partindo da compreensão de que a leitura literária atravessa o espaço escolar, dentro de uma invisibilidade que pode e deve ser vencida, corroboramos as reflexões de Compagnon (2009), o qual atenta para o fato de que, mesmo diante de toda a adversidade que a cerca, a literatura nos proporciona, além do conhecimento amplo que carrega, um autoconhecimento, situa-nos como seres pensantes e capazes de posicionamentos. Nesse sentido, a literatura

deve ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, àqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por sua condição de vida. (COMPAGNON, 2009, p. 47)

Entendemos que a escola tem um papel primordial na formação de leitores literários e precisa incentivar e promover a leitura de obras as mais diversas possíveis. Para isso, é preciso o planejamento de ações voltadas para uma mobilização, em torno de um projeto de letramento literário que promova continuamente momentos de apreciação de livros através de diferentes estratégias e que movimente os atores da escola em torno de uma ideia: de que a leitura de uma boa obra pode ser algo divertido, prazeroso, necessário, libertador; que pode nos proporcionar descobertas e novas sensações; que podemos nos reconhecer, nos identificar e nos descobrir através das leituras que fazemos e que, primordialmente, possamos perceber que ela é um direito de todos e, por sua intencionalidade, uma vez que usa a língua de uma forma específica, amplia seus sentidos para além da objetividade.

Sobre o uso da língua como atividade humana, atendendo a uma intencionalidade, Bakhtin (2003, p. 261) nos diz que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. E acrescenta que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262)

Os estudos de Bakhtin nos mostram que os gêneros estão presentes em várias esferas de comunicação e que atendem aos propósitos de determinada intenção, além de apresentar três características: conteúdo temático, estrutura organizacional e estilo. O referido autor nos explica que

Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Decorrente dessa abordagem, entendemos que a interação verbal é marcada por propósitos comunicativos e que os gêneros do discurso, por serem uma atividade humana, apresentam um caráter sociocultural e histórico. Para Bakhtin, os gêneros do discurso são heterogêneos e multiformes. O autor propõe uma distinção, classificando os gêneros como primários e secundários para realização de seus estudos. Dentro da perspectiva de seus escritos, considera como “gêneros discursivos secundários”, aqueles que apresentam uma complexidade maior, nos quais enquadra os literários por surgirem “nas condições de um convívio cultural mais complexo e, relativamente, muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sócio-político etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Os gêneros literários<sup>2</sup> são, no sentido bakhtiniano, exemplos de gêneros secundários por apresentarem uma complexidade, e aqui, vamos discutir sobre a necessidade de conhecermos o conto, dentre tantas espécies do texto literário,

---

<sup>2</sup> Ressaltamos aqui que, quando falamos em gêneros literários, os manuais de literatura se reportam aos gêneros tradicionais: lírico, épico e dramático. Roger Samuel (2011) afirma que, diante das tendências críticas surgidas a partir do século XX, essa tripartição não mais cobre a dimensão do textos literários e podemos pensar que o gênero, na atualidade, “passa a ser o verossímil da obra literária, o conjunto de significados no horizonte amplo do sentido de uma obra.” (SAMUEL, 2011, p. 45)

como também abordaremos a importância da realização da leitura de contos, em sala de aula. Assim, nos propomos a refletir acerca das possibilidades que essa leitura pode contribuir, tanto para a prática do professor (uma vez que se trata de uma proposta de intervenção), quanto para a formação leitora do aluno, além de apontar caminhos para o contato com outras obras, as quais favoreçam a imersão em um mundo, em que realidade e ficção se façam presentes, esse mundo, rico em fantasias, dotado de cenários, personagens e situações que permeiam o imaginário das pessoas, desde os tempos mais remotos.

Considerando que os contos, dos mais diversos tipos, podem instigar e aguçar a curiosidade leitora, também contribuem para que se desenvolva o hábito da leitura. Nesse sentido, propomos enveredar um pouco mais nesse universo que trata sobre essa narrativa curta, porém intensa, a qual envolve poucos personagens. Acrescentamos a ideia de que é de suma importância trabalhar, especificamente, com contos de fadas, não somente como leitura destinada ao público infantil, mas também com o juvenil, proporcionando aos leitores a oportunidade de ultrapassar as fronteiras do real e adentrar no mundo das narrativas encantadas e maravilhosas que os contos nos permitem vivenciar.

A palavra *conto*, segundo Kempinska e Souza (2012, p.128), “provém do verbo *computare*, que significa em latim “calcular”, “contar”. Assim, na Idade Média, o conto remetia a um relato simples que enumerava evento”. Explanando como o fato de contar um evento verídico, apresenta-se atualmente, como um gênero narrativo, tendo como uma de suas características marcantes, a possível transposição da realidade para a ficção, Yves Stalloni nos diz que

Surgido na Idade Média (século XII), o termo designa inicialmente um relato que se inspira na realidade e conta coisas verdadeiras. Mas, sendo o ato literário, por natureza, transposição do mundo, a lei da fidelidade ao real sofre múltiplas modificações, posto que a palavra passa a aplicar-se aos contos medievais em versos, aos ditados, e até mesmo às canções de gesta. (STALLONI, 2001, p. 119)

Percebemos com isso, que o relato de um acontecimento está associado ao fato de que, contar e ouvir histórias é algo que existe ao longo da história da humanidade, em diferentes épocas e povos. O status de conto literário adquiriu notoriedade no século XIX (dezenove) e, no Brasil, principalmente, através da obra de Machado de Assis. Teles (1995) afirma ser o conto literário, a forma mais

difícil de ser escrita, pela força de síntese que carrega. Para ele, o conto, diferentemente do romance, expõe o coletivo de uma sociedade. Atemp-se a um detalhe relevante que possa ser resolvido de forma imediata, dependendo da criatividade do escritor.

Desse modo, a narrativa de diferentes histórias permeia a nossa sociedade, de forma oral ou escrita, há muito tempo. E esse ato de narrar histórias, seja como entretenimento, seja com o intuito de repassar ensinamentos ou com a intenção de informar sobre algo, perpassa por tempos e lugares diferentes, ajudando a disseminar a cultura e mostrar valores e costumes de determinada época. Assim, entendemos que os contos são histórias que retratam a vida e que, por sua especificidade literária, fonte humanizadora, são essenciais para o conhecimento humano.

Desde a primeira infância, ouvimos histórias que são dotadas de símbolos, mitos e elementos que nos marcam e que nos fazem memorá-las, ao ouvirmos, a característica expressão “Era uma vez...” Nesse sentido, Kempiska e Souza nos afirmam que

A forma mais ilustrativa e rudimentar do conto é o conto maravilhoso. Sua renúncia ao realismo é visível na falta de precisão sócio-histórica do tempo e do lugar de sua ação: ele geralmente começa com a fórmula vaga “Era uma vez...” Além disso, o conto maravilhoso abunda em objetos e seres mágicos. Seu didatismo, que substitui o realismo, aparece na estrutura da intriga que se assemelha à estrutura de uma provação na qual o mal é vencido pelo bem. (KEMPISKA, SOUZA; 2012, p. 129)

Os contos, em específico os maravilhosos e os contos de fadas, permeiam o imaginário mítico, colocando-nos em contato com histórias, em que nos deparamos com personagens, cenários e situações, os quais representam um universo de fantasia e de inventividade. Nesse sentido, os contos são como portas que permitem ao leitor, por uma via mais rápida, adentrar por caminhos em que a imaginação, a beleza do encanto e da magia, a sensação etérea dos sentimentos humanos nos aproximam de valores e costumes de outras culturas, oportunizando-nos vivenciar outras situações vivenciadas em outros tempos, mais “precisamente” no tempo do “era uma vez”.

Outro enfoque pertinente, e em consonância com a BNCC, reforça mais uma vez, a necessidade de práticas de leitura literária, quando ela nos

apresenta, em suas competências específicas para a o ensino fundamental, a seguinte assertiva:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a Literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de Imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2017, p. 87)

Diante das reflexões acima, cremos que a nossa pesquisa atende às recomendações da BNCC, uma vez que a leitura de contos, em sala de aula, quando realizada com todo o cuidado que um bom planejamento exige e dinamizada pela mediação do professor, pode propiciar o encontro do leitor com esse universo literário encantador, possibilitando ao aluno conhecer o poder “transformador e humanizador da experiência com a literatura.” (BNCC, 2017, p. 85)

Por essas razões, reiteramos, a importância e a necessidade de termos em sala de aula, como também fora dela, a presença constante de textos, como os contos maravilhosos, os contos de fadas que nos permitem realizar uma viagem para lugares, onde a sua fronteira é ilimitada pela presença da fantasia e das sensações que esse tipo de leitura pode promover em cada leitor. Sobre isso, a autora de diversos contos maravilhosos, Marina Colasanti, nos diz que

...literatura também não é realidade. Mas ela não pretende ser nada além dela mesma, não se esforça para comprovar o que diz. Ao contar uma história fantástica ou maravilhosa, o narrador apenas narra, sem garantir que aquilo tenha acontecido, mas cuidando de fundir o possível com o impossível, de modo a manter o tênue equilíbrio da verossimilhança, e permitir que o leitor estabeleça a seu próprio critério os limites entre o real e o irreal. (COLASANTI, 2004, p. 167)

Ao fazermos a leitura de um conto maravilhoso e, à medida que vamos nos questionando sobre os elementos metafóricos existentes, podemos apreender muitas percepções e sensações que a leitura pode nos despertar, quando transposta para a realidade. A possibilidade de encantamento que a experiência da leitura pode promover em cada pessoa, talvez seja, entre tantos,

um dos motivos pelos quais, os contos fascinam crianças, jovens e adultos, desde os tempos mais remotos até os dias atuais.

Nesse caso, quanto mais contos ouvirmos e mais histórias conhecermos, mais poderemos vivenciar essa experiência literária tão enriquecedora. Aqui, ao propormos uma intervenção elaborada, a partir dos contos colasantianos, pensamos, no quão intensamente, podemos estar colaborando para a proficiência leitora dos alunos.

## 2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO: O PAPEL DO PROFESSOR

O contato com os textos se faz presente na vida das pessoas a partir de vários gêneros. Estamos cercados pela leitura, convivemos com a diversidade de gêneros textuais em seus mais variados suportes. Ou seja, fazemos parte de uma sociedade grafocêntrica, estamos inseridos no mundo da leitura de diversos modos no nosso cotidiano e, assim, podemos afirmar que a leitura nos atravessa, uma vez que vivemos num mundo totalmente letrado.

No entanto, convém ressaltar que, ao pensarmos na leitura de obras literárias, é comum ouvirmos afirmações do tipo “brasileiro lê pouco”, “meus alunos não gostam de ler”, “meus alunos não costumam frequentar a biblioteca”, entre outras. De fato, temos contato com muitas leituras, porém os textos literários aparecem como os menos apreciados na escola e também fora dela. Sobre o afastamento da leitura, Oliveira nos afirma que

O brasileiro lê pouco. É o que muitos dizem. Mas será isso verdade? Não sei exatamente o que “ler pouco” significa. Afinal, a vaguidade está marcada na palavra *pouco*. Entretanto, posso afirmar, com muita segurança intuitiva, que os textos menos lidos pelos brasileiros em geral são os literários, que são lidos por professores e estudantes na escola e na universidade e por algumas outras pessoas que desenvolveram o gosto pela leitura literária. Comparativamente, leem-se muito mais livros de autoajuda, livros técnicos, jornais, revistas, mensagens de e-mail e de MSN. (OLIVEIRA, 2010, p. 172)

De fato, a literatura não é o tipo de leitura escolhida pela maioria dos leitores e, quando adentramos o universo escolar, fica perceptível que esta comunidade, como um todo, ainda não prioriza a leitura de textos literários. Por essa razão, precisamos refletir sobre o que os alunos estão lendo, como estão

fazendo essas leituras, se o ambiente escolar está favorecendo o encontro com obras literárias, se na biblioteca e na sala de aula são desenvolvidos projetos que suscitem, no discente, o gosto pela leitura, entre tantas outras reflexões, que essa temática nos impulsiona a pensar.

Para cogitarmos a inserção de uma cultura leitora na escola, a qual, faz-se tão fundamental. Precisamos pensar também em mudança de postura, em relação às práticas leitoras, muitas vezes, ao que parecem, são inexistentes no âmbito escolar. É plausível tencionar essa mudança? É possível fazer com que os alunos vivenciem, no período da escolarização básica, uma experiência com livros e obras literárias de boa qualidade? É viável que professores, bibliotecários e demais agentes da comunidade escolar percebam a necessidade de criar um projeto que promova a formação de leitores? No tocante à necessidade de mudança e de intervenção de seus atores, no ambiente onde atuam, Paulo Freire nos afirma que:

... a diferença de atuação está na adaptação e na inserção do ser humano. Na adaptação, há uma adequação, enquanto na inserção, há uma tomada de decisão no sentido de intervenção no mundo. Nenhuma realidade é posta como definitiva quando há sobre ela uma possibilidade de intervenção e de inovação. (FREIRE *apud* BACICH; NETO; TREVISANI, 2015, p. 160)

Nessa perspectiva, entendemos que existe a possibilidade de mudança, de intervenção na realidade existente e também de inovação de postura daqueles que fazem parte da esfera escolar. Para que isso se efetive é preciso atrelar a essas reflexões, ações que permitam a articulação de estratégias eficazes para a inclusão da leitura de obras literárias, no ambiente escolar.

Partindo desse pressuposto, nos remetemos à necessidade de pesquisar estratégias que possam ser trabalhadas e desenvolvidas, em sala de aula, e que sirvam como aporte de tentativas para esse fim. Para tanto, utilizamos as considerações de Cosson (2016), quando este propõe um letramento literário na escola, explicitando o que é esta proposta de ensino da leitura literária na escola básica. Este autor, aborda que, leitura, nessa dimensão: “trata-se não da aquisição da habilidade de ler escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas.” (COSSON, 2016, p. 11). Considerando essa perspectiva,

Cosson desvela oportunidades para conversão de leitores passivos em leitores ativos, engajados em um processo interativo, desde que haja agentes leitores, ambientes propícios para incentivar a leitura e iniciativas diárias de promoção desse hábito.

Dando continuidade as suas contribuições, o referido autor nos esclarece que o letramento literário, como está proposto em sua obra, possui uma configuração especial e nos explica que

... o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2016, p.12)

Nessa visão, compreendemos o letramento literário, em seu sentido mais amplo, voltado não apenas para a fruição do texto como também, e especialmente, para a aquisição da competência leitora e formação de uma comunidade de leitores capaz de refletir e criticar suas realidades.

Entendemos, contudo, que uma proposta, estando pautada em estratégias de ensino para um determinado fim, necessita de um planejamento estratégico que facilite o acesso à leitura e aproxime os alunos desse universo. Para tanto, é fundamental primar pelas alternativas dos textos literários a serem lidos. É preciso fazer escolhas, de forma bem pensadas, analisadas e coerentes com relação ao que se vai apresentar ao aluno e como fazê-lo. É importante pensar na obra e no autor (a) que poderão constituir uma experiência leitora, a fim de despertar a essência que a literatura é capaz de nos proporcionar: a experimentação humana impressa no universo de palavras. Além disso, o próprio agente de formação deve ter uma convivência harmoniosa com os textos, os quais nortearão as ações de promoção à leitura, ou seja, é fundamental que demonstre gosto pelos textos escolhidos para tal propósito.

Desta forma, torna-se indiscutível o papel do professor, como agente desse processo. A esse respeito, Oliveira (2010, p. 180) estabelece que o professor “é quem pode auxiliar seus alunos a se prepararem para uma leitura mais apurada dos textos literários.” Uma leitura mais apurada mexe com a

sensibilidade do aluno, imprime nele o gosto por ler. Reafirmando essa ideia, Petit nos afirma que

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. (PETIT, 2009, p. 154)

Entendemos, assim, como fundamental, o encargo do professor, como ser mediador das trocas para que o letramento literário seja efetivado. na escola. A esse respeito Cosson, ressalta, que o professor deve desempenhar três importantes funções junto ao aluno:

... o papel primeiro do professor é essencialmente arquitetural, no sentido de que a sua função é planejar as atividades e projetar os caminhos que serão percorridos pelos alunos [...] um segundo papel a ser assumido pelo professor é o de guia ou condutor da experiência literária. [...] O professor possui, ainda, um terceiro papel a cumprir no paradigma do letramento literário, que é a constituição de uma comunidade de leitores em sala de aula. (COSSON, 2020, p. 190)

Portanto, evidencia-se, assim, a importância do professor mediador na constituição desse processo, enquanto arquiteto, guia, promotor de uma comunidade de leitores e, para seu desempenho ser eficiente, é necessário que sejam traçadas estratégias de leitura, na tentativa de instituir uma comunidade escolar voltada para a leitura de produções literárias, a começar pela escolha que deve ser feita em relação à obra selecionada. Se pretendemos formar comunidade de leitores literários, devemos começar por textos mais curtos. Para propor esta intervenção, escolhemos o gênero conto, conforme já referenciamos no item 2.1, por contemplar características que imaginamos ser capazes de atrair os alunos para a leitura, como por exemplo, o tamanho e o universo fantasioso dos enredos.

### **2.3 A LEITURA: DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS NOS CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS**

Ao pensarmos sobre a inserção das obras literárias na escola, devemos nos ater ao sentido de não apenas fazer o livro chegar até ao aluno, mas sim, e,

principalmente, de promover o encontro da obra com o leitor. Antes, porém, é preciso pensar cuidadosamente, sobre a obra selecionada a ser trabalhada, em sala de aula.

Corroborando com esse pensamento, Zilberman (2009) nos esclarece que “ler coincide então com a aquisição de um hábito e tem como consequência o acesso a um patamar do qual dificilmente se regride” e nos propõe uma reflexão sobre “ler” quando menciona

Porém, a ação implícita no verbo em causa não torna nítido seu objeto direto: ler, mas ler o quê? Dessa maneira o sentido da leitura nem sempre se esclarece para o aluno que é beneficiário dela. Por conseguinte, mesmo aprendendo a ler e conservando essa habilidade, a criança não se converte necessariamente em um leitor, já que este se define, em princípio, pela assiduidade a uma entidade determinada – a literatura. (ZILBERMAN, 2009, p. 30)

Mais uma vez, fica evidente que, cabe à escola e, de modo especial, ao professor, como agente de letramento literário, estabelecer um planejamento pautado em estratégias que primem pela realização do trabalho com as obras literárias, pensando desde a escolha do livro, até as particularidades que este apresenta, bem como, da adequação temática à faixa etária do alunado.

Refletindo sobre a importância dessa escolha e da necessidade de levar para a sala de aula uma obra que permita a imersão do aluno, no universo dos contos, propomos a leitura do livro *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti, dada a relevância que os contos, enquanto narrativas curtas, têm dentro do universo escolar, por permear a imaginação e a sensibilização dos alunos através de suas personagens e de narrativas fantasiosas. Dessa forma, reiteramos a ideia de que

[...] a leitura de bons livros traz ao leitor certo contentamento ao perceber em uma personagem características reconhecidas em si mesmo e ainda a capacidade de se transportar para outros mundos, propiciando simultaneamente uma experiência enriquecedora. (MACHADO *apud* SOUZA; FEBA, 2011, p. 102)

Pensando nessa escolha e na possibilidade de que a leitura de contos pode ser motivadora, ao optarmos pela obra de Colasanti, entendemos que é preciso atentarmos para a continuidade de um processo de formação de leitores,

o qual começa nos anos iniciais da escolarização, porém torna-se escasso nos anos finais do Ensino Fundamental, que é a leitura de contos de fada.

Acreditamos, assim como Alves; Espíndola; Massuia (2011) que “os sonhos e o imaginário são excelentes instrumentos para a criança se desenvolver de forma equilibrada e harmoniosa” (MASSUIA, 2011, p. 103) e ratificamos essa ideia, considerando a importância de se trabalhar com contos que perpassem essa temática fantasiosa, nos anos finais do Ensino Fundamental, proporcionando também aos jovens leitores ultrapassarem as fronteiras da realidade e adentrarem no mundo das narrativas encantadas e maravilhosas que os contos de fadas nos permitem conhecer.

Coelho (2003), ao dizer que “as fadas estão de volta”, lança um olhar acolhedor para esta temática tão antiga quanto atual e tão necessária, em tempos de “cultura cibernética”. Para ela, esse tipo de narrativa, considerado apenas para o público infantil, precisa “ser redescoberta como fonte de conhecimento de vida”, ou seja, há uma necessidade premente que os contos de fadas sejam como “auxiliares fecundos, na formação da mente dos novos, dos ‘mutantes’ que já estão chegando e precisam ser preparados para atuar no amanhã, que está sendo semeado hoje”. (COELHO, 2012, p. 17)

Nessa perspectiva, a opção pelos contos da obra *Uma ideia toda azul*, faz-se pertinente, por estabelecer um diálogo entre a realidade e a fantasia, além de construir a possibilidade de reflexão e sensibilização que estes textos provocam nos alunos. Como nos afirma a autora, em nota do próprio livro

Nesta época de transformações rápidas “muda a realidade externa, mas a nossa realidade interior, feita de medos e fantasias, se mantém inalterada. E é com esta que dialogam as fadas, interagindo simbolicamente, em qualquer idade e em todos os tempos. (COLASANTI, 2003, p. 63)

O que Colasanti faz é atualizar/contemporaneizar o conto de fadas. Ela retoma mitos, arquétipos e símbolos, trazendo-os para uma realidade compreensível e possível. Desse modo, podemos afirmar, a partir de Coelho, que a contista retoma os mitos que “nascem na esfera do sagrado”; os arquétipos que “correspondem à esfera humana” e os símbolos, que “pertencem à esfera da linguagem, pela qual os mitos e arquétipos são nomeados e passam a existir como verdade a ser difundida entre os homens e transmitida através do tempo”.

(COELHO, 2012, p. 91). Ou seja, a autora se vale do artifício da intertextualidade para apresentar, dentro de narrativas contemporâneas, os temas atemporais.

Kristeva (2005), apoiando-se nos estudos bakhtinianos sobre dialogismo e polifonia, constrói e dissemina o conceito de intertextualidade, como se o texto fosse um “mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um em outro texto” (KRISTEVA, 2005, p. 68).

Tratando também sobre intertextualidade, Salmoyault (2008) afirma que a literatura é produto de uma relação que se estabelece entre o escritor e o mundo, entre o escritor e as leituras de outras literaturas internalizadas ao longo da vida e transmutadas, dentro de uma originalidade que lhe é peculiar, passando a sua obra fazer parte de uma espécie de genealogia que se compõe:

Uma árvore com galhos numerosos, com um rizoma mais do que com uma raiz únicas, onde as filiações se dispersam e cujas evoluções são tanto horizontais quanto verticais. [...], nascem uns dos outros; influenciam uns aos outros. (SALMOYAUULT, 2008, p. 9)

Aqui nos propomos, portanto, fazer uma leitura de *Uma Ideia Toda Azul*, de Marina Colasanti (1979) na perspectiva da intertextualidade, observando que, através do processo de imbricar elementos de um texto no outro, Colasanti vai nos apresentando imagens de outras obras, permitindo ao leitor estabelecer um diálogo com outras histórias já passadas. Mosaicos vão se formando e o leitor detetive vai embarcando na aventura de descobrir nuances do enredo, perfis de personagens, finais de narrativas que gostariam de modificar ou de vivê-las.

Para enveredarmos no estudo sobre os possíveis diálogos existentes entre os textos, reportamo-nos à obra de Colasanti, cuja intertextualidade, faz-se presente na forma de alusão a outros contos que, provavelmente, permeiam a memória de muitos leitores. Tencionamos, ainda, refletir sobre a possibilidade da intertextualidade, como mecanismo que irá auxiliar na formação de leitores. Compreende-se que, a relação que um texto estabelece com outros textos poderá contribuir para uma possível aproximação entre o leitor e a descoberta de novas obras literárias. A reflexão acima vai ao encontro do que Nitrini (2000) afirma:

A grande literatura é um permanente ‘reescrever ou revisar’. Portanto, os poetas fortes criam, a partir de uma ‘desleitura’ de outros, vale dizer, a partir de um processo que envolve várias modalidades de

apropriação, com o intuito de se circunscrever um espaço imaginativo peculiar a cada um. (NITRINI, 2000, p. 146)

A intertextualidade engrandece a obra colasantiana porque oferece ao seu leitor a oportunidade de revisitar outras obras. São incontáveis as maneiras com as quais Colasanti relaciona suas obras com outros textos e, como leitores, tratamos de atualizá-las no nosso dia a dia. Vivemos, pois, atravessados por textos e mais textos que chegam ao nosso alcance diariamente, sejam de forma verbal ou não-verbal. Cada texto, com sua funcionalidade específica, atendendo a um propósito comunicativo e carregado de sentidos próprios. Lê-se por muitos motivos, intencionalmente ou não (é o caso, por exemplo, das placas contendo algum aviso em lugares públicos).

Vivemos numa sociedade em que somos impulsionados por meios tecnológicos e pela informação constante e, conseqüentemente, fazemos uso da leitura e da escrita mais do que nunca. No entanto, ao abordarmos a leitura literária, fica evidente que ainda falta um espaço escolar genuíno dedicado à apreciação das obras literárias, uma vez que o texto literário, muitas vezes, é utilizado como mero pretexto para outras finalidades, que não a própria experiência da leitura literária.

Pensando sobre essas questões e percebendo que a leitura de obras literárias, como aporte necessário para o desenvolvimento das pessoas, como um todo, ressaltamos, à luz do que nos afirma Jouve (2012, p. 163), que “o confronto com as obras [...] enriquece nossa existência”, propomo-nos a analisar, de que forma a intertextualidade pode ser percebida pelo aluno, quando nos oportuniza o contato com outras obras. Sobre a definição de intertextualidade, Elias e Koch nos mostram que

Todos nós já conhecemos o princípio segundo o qual todo texto remete sempre a outro ou a outros, constituindo-se como uma resposta ao que foi dito ou, em termos de potencialidade, ao que ainda será dito, considerando que a intertextualidade encontra-se na base de constituição de todo e qualquer dizer. ((ELIAS, KOCH; 2018, p. 92)

Sendo assim, reforçamos a ideia exposta por Antunes (2017, p. 118) quando afirma que “nenhum texto parte de um ponto zero” e que “todo texto está preso a textos anteriores”. A autora explica que todo texto é parte de um processo dialógico construído a partir dos saberes adquiridos, ao longo dos

tempos, ou seja, “não existe um discurso totalmente original”. Antunes nos afirma que

A intertextualidade é uma condição das ações discursivas, segundo a qual a linguagem é, essencialmente, uma atividade que se constitui na retomada de conhecimentos prévios – o que implica a incorporação de outras experiências de linguagem anteriores – gerando, assim, uma ininterrupta continuidade na linha dos discursos humanos. (ANTUNES, 2017, p. 117)

Compreendemos que a intertextualidade, faz-se presente em inúmeras obras e que é possível reconhecer a presença de elementos que dialogam com outros textos. Nesse sentido, Dionísio (2007, p. 103), em consonância com essa ideia nos afirma que “a percepção das relações entre os textos é uma das tarefas postas ao leitor quando ele se depara com textos que remetem a outros, nos mais variados gêneros”.

Sobre as relações intertextuais, as autoras Elias, Marquesi e Pauliukonis (2017, p. 110) reforçam a ideia de que essas relações “se estabelecem pelo diálogo entre textos que se espera serem sempre identificáveis pelos interlocutores”. As referidas autoras também nos explicam que podemos reconhecer essa relação através das chamadas “copresenças” - quando as partes de um texto-fonte estão presentes em outro texto (citação, paráfrase, referência e alusão); ou através das chamadas derivações – o caso em que um texto-fonte deriva de outro texto, por transformações, de forma e conteúdo (paródias e adaptações).

No entanto, vale ressaltar que esse diálogo se concretiza apresentando-se em alguns momentos de modo evidente, e em outros, de forma mais velada. Ou seja, em alguns textos podemos perceber a intertextualidade quando o autor cita a fonte constituinte em sua obra e, em outros casos, o autor nem sempre demonstra de forma clara, a intertextualidade existente, como afirma Elias e Koch (2018, p. 77), quando nos diz que “nem sempre a intertextualidade se constitui de forma desvelada”. Elas nos explicam “que a intertextualidade pode se constituir explícita ou implicitamente”. Desse modo,

A intertextualidade explícita ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como acontece nos discursos relatados, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas de textos de parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo na

conversação (cf. KOCH, 1997 a e b, 2004). (ELIAS, KOCH; 2018, p. 87)

Nesse caso, o leitor consegue visualizar os elementos textuais recorrentes de outrem, no texto lido e entender a escolha do autor, como estratégia para a evidente produção de sentido que o leitor pode fazer, como podemos visualizar, no trecho do conto **Sete anos e mais sete**, onde há uma intertextualidade implícita com o conto de fadas, *A bela adormecida*:

Deitaram a moça numa cama enorme, num quarto enorme, dentro de outro quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme. Sete portas enormes escondiam a entrada pequena do enorme corredor. Cavaram sete fossos ao redor do castelo. Plantaram sete trepadeiras nos sete cantos do castelo. E puseram sete guardas. (COLASANTI, 2003, p. 32)

Com relação à intertextualidade implícita, as mesmas autoras nos mostram que

A intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias (cf. KOCH, 1991, 1997 a e b, 2004). (ELIAS, KOCH; 2018, p. 92)

Entendemos, desse modo, que exista uma intencionalidade, por parte do autor, a qual transporta o leitor a fazer certas descobertas e a realizar inferências. Para isso acontecer, no entanto, é preciso ativar conhecimentos prévios para a compreensão do texto. “Quando isso não ocorre, a construção de sentido fica prejudicada”, segundo, as autoras referenciadas acima. Refletindo sobre essa construção, em conformidade com a ideia da intencionalidade presente, nas relações intertextuais, as mesmas autoras nos dizem que

a construção da intertextualidade, longe de ser gratuita, é estratégica e, por conseguinte, revestida de finalidade e de significações. Além disso, dependendo do contexto em que ocorra, a intertextualidade pode gerar sentidos não intencionados pelo autor ou, de outro modo, apenas sentidos intencionados pelos leitores. ((ELIAS, KOCH; 2018, p. 130)

Os contos de Colasanti vão, portanto, reativar nos alunos, memórias de leituras passadas, estabelecendo redes intertextuais que fomentam, com mais facilidade a compreensão. No caso dos contos colasantianos, em estudo, tanto

nos deparamos com fatos históricos passados quanto com o contexto dos contos de fadas clássicos. Sobre a probabilidade de pensarmos que um determinado texto literário pode servir de ponte para outros textos, incitando a leituras de outras obras literárias, corroboramos a ideia de que

O discurso literário, ao ser elaborado, mantém de forma implícita ou explícita um diálogo com outro discurso. O escritor, quando elabora um texto, recorre a leituras anteriores, recupera fragmentos de uma obra e transforma-os em outro texto. As partes retiradas do texto de referência ganham vida própria num outro contexto. Trata-se de uma estratégia do escritor para que o leitor tenha a sensação de familiaridade, pois o texto possibilita que o leitor reconheça lugares e até personagens de outras leituras, como acontece com os mitos e os contos maravilhosos. (ACCAMPORA, 2016, p. 40)

Para enveredarmos na análise sobre os possíveis diálogos existentes entre os textos, propomo-nos a refletir sobre a possibilidade da intertextualidade, como mecanismo que irá auxiliar na formação de leitores. Também, será evidenciada a relação que se pode estabelecer entre os textos, a qual deverá contribuir para uma aproximação aceitável entre o leitor e a descoberta de novas obras literárias.

Sendo assim, é imprescindível difundir a ideia do letramento literário na escola, a partir dos contos de fadas, a fim de despertar cada vez mais o gosto pela leitura, contribuindo para a formação de jovens leitores. Através dessas leituras, que possamos, de fato, estimular as nossas realidades interiores: professor e alunos unidos, interagindo nesse universo simbólico, que é a leitura literária, seja ela permeada por fadas, bruxas, mágicos ou personagens comuns.

Os contos de fadas permeiam o imaginário mítico, desde o momento em que temos o primeiro contato com essas histórias e nos deparamos com personagens, cenários e situações que representam um universo de fantasia e de inventividade até o momento de conclusão de sua leitura. Nessa perspectiva, as histórias publicadas pela autora Marina Colasanti, nos seus livros de contos, estão impregnadas desse sentido mítico, fictício, imagético e inventivo que fazem parte desse contexto do “faz-de-conta”.

Os contos do livro *Uma Ideia Toda Azul* fazem alusão a personagens, cenários e situações, as quais nos lembram as antigas histórias de fadas, cujos enredos são entrelaçados por príncipes, princesas, reis e rainhas, convivendo

em castelos e lugares mágicos, com personagens míticos, como unicórnio e gnomos. Entre as tramas dos contos também estão presentes objetos e animais dotados de encantamento. Esses elementos mágicos, fazem-nos revisitar lembranças permeadas por esses seres encantados e místicos.

Caso o leitor, desde a infância, tenha contato com as histórias dos contos de fadas, e, por essa razão, terá condições de ativar os conhecimentos prévios existentes, fazendo uma vinculação entre esse universo literário e as histórias apresentadas no livro, *Uma Ideia Toda Azul*. Irá também, reconhecer a presença de personagens como reis e rainhas, princesas, cavaleiros da guarda real, e ainda revisitar lugares como palácio, florestas e bosques encantados.

Entre todos esses aspectos, característicos dos contos de fadas, podemos ainda encontrar no livro citado de Marina Colasanti, outros elementos que irão trazer à tona, a questão da intertextualidade, mesmo que de forma implícita. Alguns contos apresentam objetos mágicos, como bastidor para bordado que parece dar vida ao que foi tecido ou uma rede de ouro trançada com os fios de cabelo de uma princesa. Outros mostram situações em que a magia da transformação se faz presente, assim como acontece em muitas histórias compostas pelo feitiço da mutação de seres.

Vamos citar como exemplo o conto **Sete Anos e Mais Sete** em que a autora faz alusão à história da *Bela Adormecida*, que ao ser alvo de encanto, dorme profundamente. O conto é marcado por semelhanças e por inúmeras diferenças do texto-fonte. Antes, porém, de atentarmos para os detalhes existentes nas linhas e entrelinhas do conto, é pertinente conhecer o seu processo de criação. A autora nos conta, no posfácio, do livro *Mais de 100 Histórias Maravilhosas* (2015), que precisava escrever algo para suprir a ausência de uma matéria no jornal em que estava, naquele momento, ocupando a função de editora. Como solução inicial, pensou em escrever um conto, como nos narra

Tento pensar como uma professora primária e decido que dar algum trabalho para os pequenos leitores será ótimo. Já em casa, escolho reescrever um conto clássico trocando a ordem, para que as crianças o rearrumem. A ilustração, eu mesma farei. E porque estou contente de ter achado a solução, sento de alma leve diante da minha Olivetti

22 e começo a reescrever *A bela adormecida*. (COLASANTI, 2015, p.420)

Como a Marina Colasanti nos relata, a autoria dos seus contos maravilhosos (nomenclatura que ela usa para se referir aos seus contos), iniciou-se de maneira inusitada (característica constante em muitas de suas histórias) quando esta revela que “... talvez seja mais justo dizer que os contos maravilhosos me saltaram em cima”. Ainda discorrendo sobre a maneira imprevista, pela qual o processo de criação do conto aconteceu, Colasanti nos narra que:

...ao terminar de escrever, percebo ter gerado outro conto. Pensando continuar sentada no meu escritório, eu havia me transferido para aquele universo ao qual nunca havia imaginado pertencer. E a maravilha é tanta, que não quererei mais abandoná-lo. O conto ganha o título de 7 anos e mais 7. Assim tem origem o livro *Uma ideia toda azul*. (COLASANTI, 2015, p. 421)

Esse processo de criação, diante do que foi relatado, aconteceu de modo inesperado para a escritora, quando esta pretendia solucionar um problema editorial no jornal em que trabalhava. Essa marca do imprevisível, também é característica presente em seus contos, pois nos deparamos com uma quebra de expectativa, cuja história vai gerando, no decorrer das suas narrativas. Isso acontece explicitamente, no conto **Sete anos e mais sete**.

O conto inicia-se com a expressão que marca sempre o começo de um conto de fadas “Era uma vez” e se encerra com o tão esperado “e foram muito felizes para o resto de suas vidas.” Outras semelhanças com o conto **A Bela Adormecida** também são evidenciadas: a presença de um rei, uma princesa (filha única), o príncipe, a fada (madrinha da princesa) e a existência de um feitiço. Contudo, a história toma um rumo diferente do original. O rei, com o intuito de coibir o amor entre a princesa e o príncipe, pede ajuda à fada e colocam-na para dormir, usando para isso, uma bebida mágica.

Podemos verificar a presença de traços da contemporaneidade, quando o rei justifica sua insatisfação, ao deixar claro que o príncipe “não era nenhum marido ideal para sua filha”, já que “o rapaz não tinha acabado os estudos, não tinha posição, e o reino dele era pobre”. Outro aspecto que fica evidente, logo

nos primeiros parágrafos, é a existência de uma ruptura quanto ao tempo, marcada pela transformação da princesa de menina para jovem. Fato perceptível nos dois primeiros parágrafos do conto:

Era uma vez um rei que tinha uma filha. Não tinha duas, tinha uma, e como só tinha essa gostava dela mais do que de qualquer outra. A princesa também gostava muito do pai, mais do que de qualquer outro, até o dia em que chegou o príncipe. Aí ela gostou do príncipe mais do que de qualquer outro. (COLASANTI, 2003, p.52)

Ao leitor atento, cabe aqui, uma reflexão sobre a preocupação evidente do pai em querer escolher “o melhor partido” para sua filha. Sendo pai, essa preocupação justifica-se até que ponto? A interferência nessa situação é salutar, já que o pai escolhe enfeitiçar a filha para afastá-la do príncipe? São aspectos que parecem ter a pretensão de nos causar certa provocação reflexiva.

Outro ponto que merece nossa atenção é a simbologia com o número sete. A princesa foi colocada dentro de um quarto onde somente se chegava por um corredor em que sete portas escondiam a entrada. Existiam sete fossos, sete trepadeiras, nos sete cantos do palácio, protegido por sete guardas. Mais adiante, a sequência narrativa continua destacando o número sete, como podemos conferir no trecho

O príncipe, ao saber que sua bela dormia por obra de magia, e que pensavam assim afastá-la dele, não teve dúvidas. Mandou construir um castelo com sete fossos e sete plantas. Deitou-se numa cama enorme, num quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme disfarçado por sete enormes portas e começou a dormir. Sete anos se passaram e mais sete. (COLASANTI, 2003, p.53)

Podemos realizar várias inferências, a partir da leitura feita. Refletir sobre que esse número representa e levantar hipóteses sobre a presença dessa numeração: o que esse número nos lembra? Que outras histórias e/ou expressões populares existem que fazem referência ao número sete?

No final, o que o conto nos mostra é que o amor se concretizou através dos sonhos: o príncipe sempre sonhava com a princesa, e esta sonhava todos os dias com o príncipe. Até que chegou “o dia em que ambos sonharam que era chegada a hora de casar, e sonharam um casamento cheio de festa e de música e de danças. E sonharam que tiveram muitos filhos e que foram muito felizes para o resto da vida” (COLASANTI, 2005, p.55).

Ao fazermos a leitura do conto e, à medida que vamos nos questionando sobre os elementos metafóricos existentes, podemos apreender muitas percepções e sensações que a leitura pode nos despertar. As alusões e metáforas presentes nos contos da obra *Uma ideia toda azul* estabelecem um diálogo com outras histórias, tal diálogo, nem sempre perceptível a um leitor que não esteja habituado com uso desses recursos textuais, utilizados pela autora do referido livro. Acerca desse aspecto da escrita de Colasanti, Accampora (2016) nos diz que “Seus contos são bastante metafóricos, nos quais, o leitor possui papel fundamental na construção dos sentidos do texto”.

Mediante essa realidade, entendemos que é preciso alguém que conduza o leitor, fazendo-o enveredar, com maior facilidade, pelas histórias encantadas, presentes na referida obra, de forma que seja possível desvendar os sentidos metafóricos existentes. Nesse caso, acreditamos que a presença do professor, em sala de aula, como mediador desse processo de condução pelas veredas do texto, é imprescindível. Como mediador, além de promover o encontro entre a obra e o leitor, este pode conduzi-lo e guiá-lo por caminhos que apontam para outras trilhas, outras percepções, outros sentidos, ou seja, que possam descobrir os filtros de outros textos ali presentes, os chamados intertextos.

#### **2.4 MARINA COLASANTI: RECEPÇÃO CRÍTICA**

Quando pensamos no leitor de Marina Colasanti, vimos a necessidade de fazer um levantamento de alguns estudos, acerca da obra *Uma ideia toda azul*. Aqui destacamos a dissertação de mestrado de Maldaner (2012), que constrói o seu estudo voltado para a exploração das figuras de linguagem e se debruça sobre o estilo da autora. Para ela, que considera o estilo de escrita colasantiano único, “quem lê seus contos percorre um estilo cuidadoso” (MALDANER, 2012, p. 44). Estilo este que se revela em cada conto, no uso das metáforas que nos põem em confronto e, ao mesmo tempo, em contato com um universo fabuloso de mitos, convivendo com nossa realidade atual. Para ela,

Apropriando-se do mundo fantástico e maravilhoso dos contos de fadas, Colasanti incorpora a suas narrativas uma linguagem própria, cuja intenção é criar no leitor efeitos de surpresa, de encantamento e, às vezes, de estranhamento, sendo capaz de perceber o mundo simulado pelas figuras. (MALDONER, 2012, p. 64)

Na verdade, a autora não trata da formação leitora, mas da compreensão da obra, a partir de recursos linguísticos e de sua relevância para a Literatura Infantil e a Juvenil brasileira. Uma outra dissertação importante, trata da temática da intertextualidade, na obra *Uma ideia toda azul*. Costa (2016) analisa alguns contos para vincular o intertexto com a mitológica Aracne e sua arte de tecer. Para a pesquisadora, o conto **Fio após fio** e **Além do bastidor**, por exemplo, apresentam

entre si diálogo interno que se refere ao ato de criação adotado. Entretanto, em sua dimensão explícita, as narrativas estabelecem relação dialogante com outras histórias, particularmente com a lenda de Aracne, personagem da mitologia grega, quando narra a história da moça que, em seu bordado, tece os amores dos deuses por mortais e, assim procedendo, Aracne desafia a deusa Atena. (COSTA, 2016, p. 19)

A riqueza contida nesta obra e os inúmeros aspectos que podem ser abordados, ao se fazer a leitura dos contos Colasantianos, proporcionam-nos explorar sob diferentes prismas, os textos presentes no livro *Uma ideia toda azul*. No entanto, nosso fio condutor está voltado para a análise dos contos, com o intuito de formar leitores reflexivos e capazes de ler, nas entrelinhas, não somente a linguagem conotativa tão presente na obra de Marina Colasanti, como também compreender que como leitores podemos, ao ler um mesmo texto coletivamente, ter impressões e sensações iguais e/ou diferentes dos que estão compartilhando conosco a mesma leitura. Interessa-nos, portanto, o quanto essa obra já foi estudada com os propósitos semelhantes, aos nossos aqui, os quais são relativos à sala de aula. Muitas contribuições foram dadas no sentido de ampliar as possibilidades interpretativas e estratégias de leitura, o que facilitou a construção de nossa proposta de intervenção.

Os contos da obra *Uma ideia toda azul*, remete-nos ao universo fantástico dos contos de fadas, em que os elementos e ações mágicas estão sempre presentes. Porém, a narrativa nos surpreende com desfechos imprevisíveis e diferentes dos contos tradicionais. Cada conto retrata aspectos relacionados a vivências de personagens ímpares e nos apresenta temáticas próprias da existência humana. Desse modo, temas que podemos considerar atemporais e universais como a morte, a passagem do tempo, a solidão, a busca pela

felicidade, o amor, a importância do poder de decisão, a vingança, a traição, o conflito entre a verdade e a mentira e questões relacionadas a uma sociedade ainda marcada pelo poder patriarcal aparecem de maneira inusitada.

Ao lermos o primeiro conto, *O Último Rei*, deparamo-nos com um personagem muito interessante que permeia a ficção e o passado histórico. O conto narra os encontros entre o último rei da dinastia Mogul, Kublai-Khan, e o vento. O rei subia no alto da muralha de sua fortaleza para ouvir o vento e aprender com este sobre o mundo, pois nunca havia saído do seu castelo. Todos os dias, no alto da muralha, o rei ficava sabendo sobre as notícias da Terra e conhecia a neve da montanha, a doçura das tâmaras do deserto e o que não conseguia enxergar além dos limites do seu forte. Até que, um dia, o vento beijou de sal a boca do rei que desejou conhecer o mar, maior que o deserto e mais profundo que a neve. E, assim, o último rei Mogul, como se estivesse encantado pelo chamado de sereias, prende cordas de linho nas pontas de uma grande pipa de seda e erguendo a pipa contra o vento, deixa-se levar para longe pela corda branca, além dos muros de sua fortaleza.

Temos, aqui, alguns elementos representados pelo vento (como personagem) e pelo cenário (a fortaleza do rei) que merecem uma análise paradoxal:

Fortaleza = segurança/ riqueza/ poder

Vento = liberdade/ conhecimento/ poder de escolha

Enquanto o rei vivia preso em seu castelo, cercado por muralhas, pois “nunca tinha saído de sua fortaleza, não conhecia o mundo”; o vento desfrutava de sua liberdade, de seu poder de escolha, de ir e vir dando voltas na Terra, o que causava enorme admiração ao Rei, que achava bonito o fato de o vento “ir e voltar sem nunca se perder”.

Deparamo-nos com um conflito existencial do rei: ficar na segurança da sua fortaleza e apenas ouvir as histórias que “todos os dias o vento contava, em seus caminhos no alto da muralha” ou sair e conhecer o mundo lá fora, desfrutando das maravilhas contadas pelo vento? Era nítida, a vontade do rei em aventurar-se pelo mundo a cada novo relato do vento. Quando o vento falava sobre a neve, “Kublai-Khan teve desejo de neve”. Quando narrava sobre o calor

do deserto, seus grãos de areia e suas tâmaras, “Kublai-Khan quis suar com a doçura das tâmaras”.

Além da possível indecisão do rei, em resolver sobre a sua vida com segurança dentro das muralhas, da sua moradia e a liberdade de conhecer o mundo, podemos refletir sobre outro aspecto contraditório:

- a materialidade existente, na forma da grandeza de sua fortaleza, das riquezas pertencentes a um rei e das posses atribuídas a um monarca;
- e a imaterialidade, tanto presente na forma de poder, de supremacia e soberania enquanto imperador, quanto na forma do conhecimento e da liberdade que este personagem não podia desfrutar.

Deduzimos, assim, que o Rei não tinha conhecimento do mundo, não tinha a liberdade de ir e vir como o vento. Sobre isso, refletimos que

O poderio deste rei causava-lhe a impressão que supostamente tinha domínio sobre todas as coisas. Colasanti transgride com esta ideia criando uma personagem que se opõe à supremacia do reinante: O vento que, ao contrário do monarca, não havia força que o prendesse a lugar nenhum. A escritora demonstra que a força do homem é limitada e encontra-se reservada dentro de suas muralhas, enquanto o poder do infinito, atemporal do vento o coloca numa posição de supremacia. (MIGUEL, REIS, 2019, p. 17)

Diante disso, podemos inferir que o poder do homem é limitado, enquanto o poder do infinito (o vento) é acrônico. O rei governava sobre as coisas terrenas, tinha o poder da materialidade a seu favor, porém não tinha o poder de liberdade e o conhecimento que o vento tinha e teria para sempre. O Rei teria seu tempo de reinado. Tudo, para ele, seria passageiro.

Reforçando ainda mais essa concepção, MIGUEL e REIS, chama-nos a atenção para que

Notemos que este é o último rei da Dinastia Mogul, ou seja o poder dos reinos é passageiro, mas a força atemporal do vento é superior aos aspectos terrenos. Denota-se que a intenção da autora em mostrar o quão fracas são as edificações dos homens perante a grandeza do universo. (MIGUEL, REIS, 2019, p. 17)

Portanto, a imponência do rei refletida através da imagem de sua enorme fortaleza sucumbe diante da supremacia do não material, da magnitude exercida pelos eventos das forças existentes na natureza, como o poder do vento, por exemplo. Ao final do texto, o rei encanta quando escuta o vento descrever

que “o mar é maior que o deserto e mais profundo que a neve...” e, assim, o monarca decide “prender cordas de linho nas pontas da grande pipa de seda ... e abandonando com os pés o alto da muralha de sua fortaleza, deixou-se levar pela corda branca, último rei Mogul, longe no céu, lá onde ele se tingiu de mar.”

Mais uma vez, citamos Maldaner (2012) que, em seu estudo sobre as figuras como recursos linguísticos-expressivos no conto *O último rei*, discorre sobre o final do conto concluindo que

No fragmento do desfecho do conto “... deixou-se levar pela corda branca, último rei Mogul, longe no céu, lá onde ele se tingiu de mar.” (p. 12), a autora revela, por meio do eufemismo, a passagem da morte “a corda branca” que remete à paz interior, caracterizada pela subida do rei ao paraíso, ao céu infinito como a imensidão dos mares. (MALDANER, 2012, p. 68)

Este conto, em específico, também pode ser discutido, em sala de aula, tendo em vista o viés histórico, uma vez que existe um contraponto, o qual pode ser feito entre a ficção e a realidade. Entre os elementos presentes, no conto escrito por Marina e o fato de que a Dinastia Mogul teve Kublai-Khan como um dos grandes imperadores de sua época. Esta pode ser uma outra possibilidade para que possamos compreender, ainda mais, os elementos que compõem o conto e realizarmos nossas próprias inferências.

O segundo conto que compõe a obra em estudo, apresenta uma característica marcante na escrita da autora: a ação de tecer, de bordar, de costurar.

No conto **Além do bastidor**, uma habilidosa menina borda um jardim em seu bastidor. O jardim parecia ganhar vida, ao passo que a agilidade das mãos da menina constituía o bordado. A naturalidade da criação era tanta que “criador e criatura” pareciam estar imbricados pela magia existente no seu jeito de bordar: quanto mais bordava, mais o jardim se embelezava em ricos detalhes. Até o dia em que ornando uma árvore, desceu pelo fio e se transportou para o galho mais alto. A menina, de repente, viu-se dentro do seu bordado. Para retornar, descobriu que era só tocar no ponto do bordado ainda não concluído. Assim, ela fazia excursões para o jardim quando desejava. Vivenciava a plenitude de estar presente dentro de sua criação e voltava para casa através do fio mágico que tecia algo inacabado. Até o dia em que sua irmã, vendo o lindo

bordado quase pronto, completou o que parecia apenas um traço, bordando os cabelos, a saia, as mãos acariciando uma garça, e por fim, ao bordar a fita dos cabelos, cortou a linha deixando a menina presa, para sempre, em seu jardim.

Percebemos que o bastidor, a agulha e a linha são elementos fundamentais para a existência da personagem, em que “o bastidor é o espaço, onde os acontecimentos sofrem as suas transformações, adquirindo vida no bordado da menina. A agulha humaniza os elementos da natureza por meio da personificação.” (MALDONER, 2012, p. 68). A linha, como observamos, tornar-se o elo da menina entre o mundo real e o mundo que ela borda, dentro do bastidor.

Podemos considerar a ação de bordar com o ato de criação da própria vida: a personagem tecia um jardim e por ele caminhava, interagia com animais, subia em árvore e deliciava-se com o seu fruto. Assim, ela usava a linha como ponte entre o real e o imaginário, entre a sua existência fora do bastidor e a existência “além” do que ela bordava no bastidor, pois adentrava num universo paralelo a sua realidade. Nesse caso, a linha expressa duplo sentido: a fiada usada para bordar e a linha como elemento mágico que a transportava para um mundo irreal, um mundo de fantasia.

Podemos assim, refletir sobre um fato inerente à existência humana: a fuga da realidade, a necessidade de se transferir para um lugar fantasioso, de traçar um caminho para longe de uma realidade que, talvez, não seja tão bonita e suave como o bordado que a menina ornava em seu bastidor.

O conto seguinte, **Por duas asas de veludo**, tem como protagonista uma princesa que gostava de caçar borboletas. Tantas já havia aprisionado, que estava com dificuldade de encontrá-las por perto. Foi ao bosque e, quase noite, avistou uma imensa borboleta negra. Tentou alcançá-la, mas, não conseguindo, voltou para o palácio, prometendo a si mesma que, se a tivesse, deixaria de caçar. No dia seguinte, após uma noite povoada por sonhos, nos quais viajava nas asas de veludo da borboleta, armou-se com arco e flecha e pôs-se à espreita no bosque. Esperou o dia inteiro até que, ao cair da noite, ela apareceu e, abrindo suas asas, pousou no lago, não como borboleta, mas como cisne, um nobre cisne negro. A princesa atira a flecha e acerta o alvo, no peito do cisne, mas é

do peito dela que o sangue espirra, transformando seu corpo em penas. Na escuridão da noite, o cisne negro desliza, agora, acompanhado.

Esta história é dotada por componentes que nos chamam a atenção, durante o desenrolar das ações contidas no texto. Uma delas é a ação de transformação, tanto da borboleta, que na verdade é um cisne, quanto da princesa que também se transforma em cisne. Outro aspecto relevante, é o fato de que a princesa tinha uma obsessão por caçar borboletas, pois “não se contentava com as que tinha, caixas e caixas de vidro em todos os aposentos do palácio. Queria outras. Queria mais. Queria todas.”

Ao analisarmos esses aspectos, podemos inferir que a felicidade da personagem estava em possuir mais e mais, em preencher seu vazio, possuindo o outro, aprisionando-o. Ao final do conto, a princesa se depara com duas situações inesperadas: a borboleta que se tornou objeto de seu desejo, na verdade, é um cisne; e ao tentar flechá-lo, cravando uma seta de ouro no peito de seu alvo, “é do peito dela que o sangue espirra”. Nesse instante, ocorre uma transfiguração e o “filete e jorro, banhando a roupa, desfazendo a seda por onde passa, transforma seu corpo em penas, negras penas de veludo.”

Aqui, podemos refletir sobre a questão de que na sua busca desenfreada, ao tentar aprisionar o outro, a princesa encantada com a leveza e exuberância da “borboleta” não atingiu a compreensão de que, na verdade, era um “cisne, nobre cisne negro”.

Ao tentar ferir o cisne e de seu peito jorrar sangue, podemos inferir que ela acabou sendo vítima de suas próprias ações: tentou ferir, mas acabou ferindo-se, sofrendo as consequências de seus atos. A princesa, transforma-se em cisne, mudando a sua própria aparência, na sua tentativa de caçar, de aprisionar o outro. O conto pode metaforizar o fato de que, podemos ser prisioneiros de nossos próprios desejos. Ao analisar o final do conto, Maldaner (2012) nos apresenta um outro olhar e nos revela que

Em *Por duas asas de veludo* acontece uma metamorfose da princesa em cisne. Ela encontra a sua metade, isto é, sentiu-se igual na transformação, deslizando lado a lado na água do lado com o outro cisne. (MALDANER, 2012, p. 71)

Essa é mais uma das características marcantes, na escrita de Marina Colasanti: as inúmeras possibilidades de leituras e inferências que, ao ler seus contos, podem nos ser reveladas através de descobertas realizadas pelo próprio leitor, como afirma Iser (1999) ao nos explicar que o texto pode ser ampliado pela condição de interação entre leitor e texto

[...] é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre leitor e texto. Pois os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. (ISER, 1999, p. 10)

Seguindo essa vertente, o conto, **Um espinho de marfim**, permite-nos mais de uma possibilidade de interpretação acerca do desfecho da história, a qual tem como protagonistas, um unicórnio e uma princesa.

O unicórnio visita, todos os dias, o jardim de uma princesa, para, por entre as flores, poder admirá-la. O rei, ao visitar o aposento da filha, avistando tão extraordinário animal, ordenou que seus cavaleiros o caçassem. Durante dias e noites, tentaram capturar o unicórnio<sup>3</sup> em vão.

De volta ao castelo, ao contar sobre o fracasso de sua caçada, a filha, penalizada, promete dar de presente ao pai o que ele deseja. Assim, a princesa trançou com os fios de seu cabelo uma rede de ouro. Porém, ao capturar aquele que a amava, ela também se apaixonou. Como não consegue cumprir com a promessa de entregar o unicórnio ao pai, ela abraça o animal e crava o espinho de marfim em seu coração.

A autora utiliza o unicórnio, personagem da mitologia, que representa a pureza. No *Dicionário de símbolos*, Chevallier e Gheerbrant (1998, p. 1003), relata-nos que “o unicórnio medieval é um símbolo de poder, o que o chifre essencialmente, expressa, mas também de luxo e pureza”.

Nesse caso, o personagem do conto expressa a pureza do amor que, em sua manifestação mais genuína, somente pode ser tocado por uma donzela

---

<sup>3</sup> Na idade Média muitas tapeçarias surgiram com o tema da princesa e do unicórnio. Dentre elas, estão: A caça ao unicórnio, A Dama e o Unicórnio. Surgida por volta de 1500 e de autor desconhecido, encontra-se exposta no Museu Cluny, em Paris. Ver a síntese analítica do conjunto de tapetes que é composto por seis peças no link: <https://artrianon.com/2017/01/18/obra-de-arte-da-semana-a-magia-da-tapeçaria-a-dama-e-o-unicornio/>. Acesso em 17/05/2023.

virgem. Corroborando esse pensamento, Chevallier e Gheerbrant também nos descreve que

P.H. Simon sintetizou com perfeição o valor do símbolo: que ele seja, pelo símbolo de seu chifre, que separa as águas poluídas, detecta os venenos e só pode ser tocado impunemente por uma virgem, o emblema de uma *pureza ativa*, ou que, perseguido e invencível, só possa ser capturado pelo ardil de uma donzela que o adormece com o perfume de um leite virginal, o unicórnio sempre evoca a ideia de uma *sublimação milagrosa da vida carnal* e uma força sobrenatural que emana do que é puro.  
(CHEVALLIER, GHEERBRANT; 1998, p. 1004)

No conto, o unicórnio é capturado pela princesa que “traçou com os fios de seus cabelos uma rede de ouro”. Porém, ao capturar o animal com sua arquitetada armadilha, a princesa também é capturada pela doçura do olhar e mansidão da sua presa, como nos revela o trecho a seguir.

A princesa aproximou-se. Que animal era aquele de olhos tão mansos retido pela artimanha de suas tranças? Veludo do pelo lacre dos cascos, e desabrochando no meio da testa, espinho e marfim, o chifre único que apontava ao céu.  
Doce língua de unicórnio lambeu a mão que o retinha. A princesa estremeceu, afrouxou os laços da rede, o unicórnio ergueu-se nas patas finas.  
Quanto tempo demorou a princesa para conhecer o unicórnio?  
Quantos dias foram precisos para amá-lo? (COLASANTI, 2005, p. 26)

Inicia-se, assim, um dilema moral e angustiante para a princesa: cumprir a promessa de entregar ao seu pai, o unicórnio ou viver, em segredo, seu grande amor? Essa indecisão aumenta sua angústia, pois a promessa que tinha feito ao pai estabelecia um prazo de que “dentro de três luas lhe daria o unicórnio de presente.” E assim, aproximando-se o final do prazo estabelecido, a princesa encontrava-se diante de um grande impasse, pois “Era preciso obedecer ao pai, era preciso manter a promessa. Salvar o amor era preciso.”

O desfecho desse dilema acontece diante de ações contínuas realizadas pela princesa ao raiar do dia em que, finalmente, extinguiu-se o tempo de cumprir a sua promessa: a) como no primeiro dia, aproximou-se do unicórnio; b) como no segundo dia, olhou-o no fundo de seus olhos; c) como no terceiro dia, segurou-lhe a cabeça com as mãos; d) no “último dia aproximou a cabeça de seu peito, com suave força, com força de amor empurrando, cravando o espinho de marfim no coração, enfim florido.”

A autora, mais uma vez, surpreende seus leitores com um final inesperado, em que a ação praticada, resulta numa transmutação presente no ato final, pois “quando o rei veio em cobrança da promessa, foi isso que o sol morrente lhe entregou, a rosa de sangue e um feixe de lírios.”

A primeira impressão que esse final pode causar no leitor é de que, semelhante a uma trágica história, a princesa encerra o ciclo de sua vida cravando no peito o espinho de marfim. No entanto, podemos analisar aspectos que indicam o fim de um período para o início de outro. O fato da transmutação pode inferir a ideia de que aconteceu uma transformação para ambos.

Sobre isso, Dias (2021) aponta-nos que podemos “perceber o enredo, a partir de três etapas, nas quais ocorrem os movimentos de busca, captura e metamorfose” (DIAS, 2021, p. 166). E sobre essa terceira etapa, a metamorfose que ocorre no final do conto, ela nos esclarece que

A triangulação nesse ponto do conto sofre uma metamorfose erotizada, semelhante a que apresentavam os Bestiários: a virgindade da princesa provoca o desejo do unicórnio. E, ao desvirginá-la, morrem ambos. De amor e êxtase, de vontade de não mais se separarem. Há aqui o renascimento de um para o outro. Ela, maculada pelo sangue do desvirginamento; ele, por ser detentor de sua pureza e castidade. A rede de ouro transforma-se em armadilha amorosa com efeito bumerangue, onde, os dois, presos num tempo indeterminado [...] passam a habitar o espaço inacessível do amor e da entrega total, impossível de ser penetrado por outrem que não eles próprios. (DIAS, 2021, p. 167)

Podemos perceber, no desfecho do conto, uma linguagem metafórica, muito utilizada por Marina Colasanti em sua escrita, a qual nos permite ver a cena sob a ótica do amor erotizado, quando a princesa, na verdade, é quem conduz esse ato, ao aproximar a cabeça do unicórnio de seu peito, “com suave força, com força de amor empurrando, cravando o espinho de marfim no coração ...”. (COLASANTI, 2005, p. 17)

Outro ponto relevante e esclarecedor, apontado por Dias é que a autora dos contos que compõem essa obra, explora elementos que dão “margem para o leitor encontrar nesse tema, que mais parece de um conto de fadas, a realidade do amor moderno, capaz de superar obstáculos.” Ela nos afirma que

Num mundo onde não mais se fantasia o amor, este tem que ser conquistado e preservado nos seus aspectos mais verdadeiros, com lealdade e confiança, ambas demonstradas no conto acima. É,

portanto, o avesso do conto de fadas: ao mesmo tempo em que dialoga com o mito e com o universo palaciano, aponta para um enredo que se distancia pelo fato de ser a princesa quem captura seu príncipe amado, metaforicamente representado pelo unicórnio. (DIAS, 2021, p. 168)

Essa autonomia feminina, característica pertinente a várias personagens femininas que compõem a escrita colasantiana, é encontrada em muitos dos seus escritos, tantos nos contos quanto em outros gêneros textuais de sua autoria.

O conto que dá nome ao livro, “Uma ideia toda azul”, apresenta-nos um rei que, ao ter a primeira ideia da sua vida, decide escondê-la na Sala do Sono, por receio de que seja roubada. O rei deitou a ideia em uma cama de marfim, baixou o cortinado e trancou-a. O tempo passou e, ao término do seu reinado, o monarca decide acordar a sua ideia. Ela continuava a mesma, porém o tempo havia passado e ele já não era mais o mesmo de quando teve a sua ideia azul. Então, baixou novamente o cortinado, fechou a porta do quarto, deixando a ideia adormecida para sempre.

Neste conto, o conflito existente permeia o fato de que o Rei, ao ter uma ideia, decide guardá-la com receio de que alguém a roubasse, afinal “é tão fácil roubar uma ideia. Quem jamais saberia que já tinha dono?” Tão maravilhado estava o rei com a “linda ideia dele toda azul” que não contou nem aos seus ministros.

Dessa maneira, “quando todos os olhos se fecharam, saiu dos seus aposentos, atravessou salões, desceu escadas, subiu degraus, até chegar ao Corredor das Salas do Tempo” [...] “até chegar à Sala do Sono”. Ali, “O Rei deitou a ideia adormecida na cama de marfim, baixou o cortinado, saiu e trancou a porta”. Percebemos, nessa situação, valores e sensações, como o egoísmo e o medo, presentes na atitude do rei. Ele não queria compartilhar sua ideia, tinha receio de que a tomassem dele. O rei guardava para si um segredo trancado em uma sala. A chave da porta da Sala do Sono estava presa “no seu pescoço em grossa corrente”, assim como a ideia estava guardada, protegida, isolada.

Até que “o tempo correu seus anos” e o rei, após ser destituído da sua função real, resolve, enfim, desfrutar da sua ideia toda azul, guardada por tanto tempo na sala do sono. Eis que a decepção do monarca é explícita, ao perceber que “entre ele e a ideia estava todo o tempo passado lá fora...” e que “seus olhos

não viam mais a mesma graça.” Entre eles havia a diferença natural causada pela passagem do tempo. O rei perdeu a chance de usufruir da sua ideia, no tempo oportuno e de vivenciar o presente, no momento devido.

Este conto, oportuniza-nos realizar uma reflexão profunda sobre a questão da transitoriedade da vida, sobre a passagem do tempo, as oportunidades perdidas e a inutilidade das ideias não compartilhadas.

Outro conto que nos desperta para uma reflexão filosófica, inerente às ações do ser humano, é a história intitulada **Entre as folhas do verde**. Essa história relata que era dia de caça no palácio e todos se preparavam para adentrar a floresta. Na floresta, todos se escondiam. Apenas a moça, metade corça e metade mulher, não se escondeu. O príncipe apaixonou-se assim que a viu e, capturando-a, levou-a para o palácio. Trancou-a num quarto, cuja chave só ele tinha. O príncipe a visitava todos dias, porém, eles não conseguiam se comunicar, pois ela só falava a língua da floresta. Ela queria dizer que o amava e gostaria de levá-lo para a floresta, onde pediria à Rainha das Corças para dar-lhe quatro patas. Ele queria dizer que a amava e que iria transformá-la na rainha do seu castelo. Ele chamou o feiticeiro que atendeu prontamente o seu pedido. No entanto, no oitavo dia de sua transformação, a mulher caminhou até a porta do palácio e adentrou na floresta, à procura da sua Rainha, para que a transformasse em corça; apenas corça, não mais mulher.

Percebemos aqui, outra forte característica encontrada nos contos de Marina, que é a quebra na ruptura do “felizes para sempre”, expressão tão intrínseca, a qual marca o desfecho, no conto tradicional. Miguel e Reis (2019, p. 22), ao analisarem este conto, afirmam-nos que é possível perceber “dentro da tessitura da narrativa, que a escritora desconstrói a leitura que comumente temos dos contos de fadas. Também recupera elementos medievais, como o príncipe, o castelo, os vassalos, entre outros”.

Observamos, assim, que a autora constrói sua narrativa, utilizando elementos inerentes aos contos de fadas, porém, mais uma vez, a narrativa é marcada pelo inusitado, pelo final inesperado e pelo contraste existente, na postura das personagens femininas que, diferentes das princesas dos contos tradicionais, agem com maior autonomia e fazem uso da força da sua voz de

mulher. É importante destacar esse aspecto sobre o fato de a mulher poder expressar-se de maneira autônoma, pois

...a protagonista é apresentada num primeiro momento como um ser desprovido de 'voz', símbolo utilizado por Colasanti para exprimir a situação social da mulher num momento no qual impera a voz masculina, portadora do controle androcêntrico. (MIGUEL, REIS, 2019, p. 17)

Durante a narrativa, o príncipe captura a corça, que, apesar de natural agilidade, não faz nenhuma menção em fugir, como podemos perceber no trecho em que

Na floresta também ouviram a trompa e o alarido. Todos souberam que eles vinham. E cada um se escondeu como pôde. Só a moça não se escondeu. Acordou com o som da tropa, e estava debruçada no regato quando os caçadores chegaram. (COLASANTI, 2005, p. 36)

A partir desse ponto da narrativa podemos constatar que o príncipe se apaixona ao ver a corça “Metade mulher, metade corça, bebendo água no regato”. E nesse mesmo instante, a ambiguidade se faz presente, pois “À mulher ele queria amar, à corça, ele, matar”.

O príncipe captura sua presa, leva-a para o palácio e a aprisiona em um quarto onde “Só ele tinha a chave”. Quanto mais o tempo passava, mais ele se apaixonava. A corça também queria dizer que o amava, porém, a ambiguidade mais uma vez, torna-se o cerne da situação, pois a “corça-mulher só falava a língua da floresta e o príncipe só sabia ouvir a língua do palácio”. Maldaner (2012) ao analisar as metáforas expressas em “língua da floresta” e língua do palácio”, nos diz que

Marina Colasanti descreve o mundo da corça-mulher (metade animal e metade humano) que entende e fala o idioma dos animais, do lugar onde ela habitava com os outros de sua espécie, a floresta. O mundo da realeza, da elite, dos humanos, era do príncipe, totalmente longe e com as diferenças da realidade em que vivem. O distanciamento se deve à incompatibilidade da linguagem. (MALDANER, 2012, p. 75)

O príncipe, detentor da chave do quarto, onde a amada estava e do poder da palavra que exercia sobre todo o palácio, mandou chamar um feiticeiro que transformou a corça em apenas mulher. E assim, “Vieram as costureiras e a cobriram de roupas. Vieram os joalheiros e a cobriram de joias. Vieram os

mestres de dança para ensinar-lhe a andar.” Apesar de todos os bens materiais, “Só não tinha a palavra. E o desejo de ser mulher.”

Observamos um impasse entre os desejos dos personagens, que, apesar de ter a vontade de amar um ao outro, faziam parte de mundos diferentes. Sendo assim, a mulher decide voltar para a floresta e “na manhã do oitavo dia, quando acordou e viu a porta aberta, juntou sete passos mais sete, atravessou o corredor, desceu a escada, cruzou o pátio e correu para a floresta à procura da sua Rainha”. Diante da reação da mulher, em voltar a ser corça e viver a sua liberdade no seu lugar de origem, Accampora (2016) analisa que

O conto fala diretamente com a questão do amor próprio em oposição ao amor pelo outro, o amor romântico. Apesar de não falarem a mesma língua, se amavam, mas o amor que sentiam um pelo outro não conseguiu ser maior do que o seu amor próprio, pois nenhum dos dois amantes quis abdicar da vida que tinham antes. Nem a corça queria viver no palácio sob a forma humana nem o príncipe queria viver na floresta. (ACCAMPORA, 2016, p. 94)

Diante dessa abordagem, refletimos acerca do posicionamento adotado pela corça-mulher, em não se enquadrar na idealização do outro. Ela não sucumbiu ao estereótipo estabelecido e renunciou aos “privilégios” que teria no palácio, preferindo a sua liberdade. Sendo assim,

A protagonista, fiel a sua natureza, não se deixa controlar por ninguém, nem mesmo pelo seu grande amor. O final do conto sugere que a corça ainda amava o príncipe, mas sua atitude de virar corça revela que ela não se sujeita a mudar pelo ser amado, este deve aceitá-la e amá-la do jeito que ela é e não do jeito que o agrada mais. Como o príncipe não pôde aceitar essa condição o amor não pôde se concretizar...” (ACCAMPORA, 2016, p. 94)

Esse texto, remete-nos a pensar sobre diferentes questões que se apresentam em nossas vidas, como a falta do diálogo, que pode resultar na incompreensão e no desentendimento, na possibilidade de projetar no outro o que gostaríamos que ele fosse, criando uma idealização e falsas expectativas. Também a necessidade (muitas vezes, mutiladora da personalidade) de fazer parte de um estereótipo social, na existência de relacionamento tóxicos, em que existe o aprisionamento do outro (tanto no sentido físico como psicológico) e na importância da mulher com voz ativa numa sociedade (que ainda precisa romper com estigmas culturais e históricos de sociedade patriarcal).

O próximo conto, **Fio após Fio**, também vai dispor de questões, as quais, permitem-nos refletir sobre temas relacionados aos valores humanos. Nesse caso, sobre inveja e vingança. O enredo mostra uma competição entre duas irmãs que se dedicavam a bordar um manto de seda branca. Quem primeiramente concluísse o trabalho, teria o direito de usá-lo. Enquanto Gloxínia, esforçava-se sem obter grandes resultados, Nemésia seguia com seu bordado, avançando, cada vez mais, para concluí-lo. Notando que perderia a disputa para a irmã, Gloxínia bordou uma palavra mágica, transformando Nemésia em aranha. Agora, enquanto a irmã metamorfoseada tecia o fio, Gloxínia usava-o para realizar o bordado perfeito. No entanto, ao concluir feliz e satisfeita, o manto que usaria, percebeu que estava presa entre teias e mais teias que a irmã teceu ao redor daquele lugar.

Neste conto, acima mencionado, vemo-nos presos nas teias de uma história, a qual tem seu início, apontando de imediato, o ponto convergente: a competição entre duas irmãs que deveriam bordar um “manto de seda branca que as duas fadas floresciam e que uma haveria de usar”. Sendo assim, apenas uma das irmãs seria a vencedora e merecedora do manto. “Nemésia, gestos seguros, desenhava flores e folhas de um jardim em que todas as pétalas eram irmãs, e a cada dia arrematava o ponto mais adiante” enquanto que “feriam-se os dedos de Gloxínia de tanto desmanchar. Sujava-se o pano”. (COLASANTI, 2005, p. 23)

Observamos duas irmãs que agem diferentemente. Enquanto uma é persistente e demonstra ser muito habilidosa, realizando com serenidade o seu bordado, a outra, não consegue avançar com seu trabalho, “faz e desmancha”, esgotando sua linha. Ao perceber que Nemésia iria “acabar o manto e ficar com ele, sem que ela (Gloxínia) a nada tivesse direito por seus esforços”, Gloxínia arquitetou um plano e “aproveitou o último fio para bordar sobre a seda, letra por letra, a palavra mágica. Nemésia ainda teve tempo de terminar o ponto e libertar mais uma rosa. Depois transformou-se em aranha”.

Evidenciamos a alusão ao mito de Aracne e recorremos a TELENI (2021) que, em seu trabalho de análise deste conto, aponta-nos o fio intertextual entre o conto de Marina e a antiga narrativa que faz parte da mitologia.

Esse caráter competitivo entre as duas irmãs, já apontando no início do conto, retoma o mito de Aracne, que também traz uma competição entre ela e a Deusa Atena. De acordo com a mitologia grega, Aracne era uma jovem tecelã que, devido à sua perfeição na arte de tecer, foi intitulada como a melhor fiandeira da região, o que fez com que ela se vangloriasse diante de uma habilidade que lhe havia sido concedida pelos deuses. Indignado com a falta de humildade da urdidura, certa vez, alguém resolveu lembrá-la de que ela era discípula de Atena, deusa da sabedoria, responsável pelas artes e pelos trabalhos manuais que incluíam também a tecelagem. Contudo, a empáfia fez com que ela desafiasse Atena afirmando ser melhor do que ela na arte de tecer, o que, de fato, confirmou-se. (TELENI, 2021, p. 97)

Destacamos, conforme a história mitológica, que há uma personagem com maior habilidade e desempenho, na arte de tecer, do que a outra, então aquela sofre um processo de mutação como castigo: Aracne é transformada em aranha pelas mãos de Atena, assim como Nemésia que toma a forma de aranha através da magia utilizada por sua irmã, Gloxínia.

Gloxínia passou a produzir o manto com os fios produzidos por Nemésia e, assim, “Fio após fio esqueceu-se da irmã”. Tão empolgada e absorta no seu bordado estava, que não percebeu a “teia” que lhe prendia para sempre, como podemos constatar no trecho:

Chegou o dia do último ponto. Gloxínia acabou uma pétala, arrematou um espinho, e percebeu num sorriso que nada mais havia para bordar: a primavera desabrochava no manto e a seda desaparecia debaixo das ramagens.

Guardada a agulha, Gloxínia levantou-se. Usaria o manto, surpreenderia enfim a corte. Prendeu as fitas largas no pescoço, ajeitou a cauda e virou-se para a porta.

Mas onde estava a porta?

Ao redor de Gloxínia, as teias de Nemésia. Teia encostada em outra teia, que Gloxínia rasgava sem chegar a lugar algum, somente a outras e mais teias. (COLASANTI, 2005, p.44)

A fada que, movida pela inveja, transforma a irmã em aranha, acaba caindo na própria armadilha, pois ficará presa para sempre no casulo criado por àquela que, habilidosamente, domina a arte de tecer, o que foi ampliando pelo fato de ter sido transmutada como aranha. Sendo assim, Nemésia, apesar de punida pela mutação imposta pela irmã, continuará tecendo, fiando sua arte em liberdade, “ao redor da corte, ao redor das salas, ao redor do castelo e dos jardins...”

O final surpreendedor do conto provoca uma reflexão sobre inveja e vingança, e, mais uma vez, podemos observar o caráter criativo e inovador da

autora, na construção das suas personagens que, apesar da condição de fadas, que trazem a delicadeza das flores nos próprios nomes, ainda assim, são capazes de sentir e vivenciar sentimentos que são considerados de teor negativo.

O conto seguinte da obra *Uma Ideia Toda Azul* também, apresenta-nos uma situação, em que a personagem vivencia sentimento de recusa, pois vive sozinha e se mostra reclusa dentro de seu quarto. Trata-se da história de uma linda princesa que se sentia solitária, pois não tinha com quem brincar. O rei, para tentar acabar com a tristeza da filha, encomendou um grande espelho e pediu que colocasse o objeto em pé, ao lado da cama da princesa. Quando acordou, ao ver uma linda menina refletida no espelho, a princesa ficou feliz. Via na própria imagem uma amiga com quem pudesse brincar e tornar seus dias mais alegres.

Nesse cenário, entre os brinquedos novos que o rei havia mandado fazer para a filha, estava uma bola de ouro que, ao ser jogada para as mãos da amiga, acabou estilhaçando o espelho. A princesa ficou triste, mas logo percebeu que tinha várias amigas com quem brincar. E assim, ela foi quebrando o espelho e multiplicando o seu círculo de amizades. Ao ponto que, nos pedaços do espelho, de tão fragmentados, não cabia mais nenhuma imagem. A princesa sentiu-se novamente sozinha e saiu correndo do palácio. No bosque, parou à beira de um lago e, ao ver seu reflexo, tenta fragmentá-lo na tentativa de encontrar outras amigas. Então, joga-se no lago, de braços abertos, produzindo ondas na superfície das águas que a abraça.

Podemos perceber a imagem de autoridade do pai, que mesmo preocupado com a situação angustiante da filha, achou melhor providenciar um espelho para ser colocado no quarto do que permitir que ela tivesse contato com outras pessoas. Ou seja, ela teria que ficar em casa, sob seus domínios, dentro do castelo sob sua proteção.

Outro ponto pertinente é a ausência da percepção da realidade e a necessidade de companhia para não se sentir sozinha. A princesa ilude-se com a própria imagem, tamanha necessidade que tinha de interagir com alguém. Ao ter o espelho quebrado e ver os cacos no chão, ela imaginou como seria diferente brincar com tantas amigas! E, vivenciando a sua fantasia, poderia

escolher com quem brincar: “Um dia escolheu uma, e logo se cansou. No dia seguinte, preferiu outra, e esqueceu dela em seguida. Depois outra e mais outra, até achar que todas eram poucas.”

A menina não consegue sentir felicidade com as amigas que, apenas reproduziam suas ações e irritada, quebrava os cacos para produzir mais e mais amigas, na falha tentativa de encontrar alguém que aplacasse a sua solidão.

E a linda filha do rei, ao sentir-se novamente sozinha, correu para o bosque e ao ver seu reflexo no lago, “atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas com que o lago arrumava sua superfície.”

O final trágico, faz-nos pensar a respeito da necessidade de construirmos verdadeiros laços afetivos, como também da importância de sabermos conviver com a solidão, tendo a capacidade de buscarmos a solitude.

O penúltimo conto do livro apresenta um conflito em que, mais uma vez, a figura masculina do pai, tenta decidir qual o melhor destino para sua filha, não estando em consenso com o propósito de felicidade da personagem do conto.

**Sete anos mais sete**, narra a história de rei que amava muito sua filha. A princesa, que também amava muito seu pai, conheceu um príncipe por quem se apaixonou, amando-o mais do que qualquer pessoa. O rei, por não gostar dessa situação, mandou chamar a fada madrinha da princesa e lançar sobre ela um feitiço: colocar a moça para dormir, pois assim ela poderia sonhar com outro e esquecer do tal príncipe. Assim sendo, o feitiço foi feito. O príncipe, ao saber do acontecido, mandou construir um castelo e também dormiu. Sete anos se passaram e mais sete. A princesa não sonhou com ninguém ao não ser com o príncipe e, este, da mesma forma, sonhava apenas com a princesa. Até que um dia, ambos sonharam que se casavam e que tinham muitos filhos e viveram felizes para sempre.

Antes de atentarmos para os elementos textuais desse conto, chamamos a atenção para um ponto na estrutura do texto: o fato de ser o único da obra *Uma Ideia Toda Azul* que inicia com a expressão “Era uma vez...” e termina com o emblemático “foram muito felizes para o resto de suas vidas.” Essa característica tão comum nos contos tradicionais também é reforçada pela tentativa dos

personagens de vivenciar o amor, superando obstáculos impostos por outras pessoas.

Podemos analisar vários elementos existentes nesse conto. Iniciaremos, observando a figura autoritária e super protetora do pai que, tendo a princesa como filha única, “não tinha outra para gostar”. Então, o rei dedica todo seu amor e afeto para essa filha exclusiva, a quem muito ama. Porém, o pai parece confundir esse amor com o poder autoritário de decidir pela filha, quais escolhas ela pode tomar em sua vida, inclusive com quem ela pode se relacionar (ou não). O segundo e terceiro parágrafos do conto tornam evidente como essa relação era estabelecida pelo autoritarismo do pai.

A princesa também gostava muito do pai, mais do que de qualquer outro, até o dia em que chegou o príncipe. Ai ela gostou do príncipe mais do que de qualquer outro.

O pai, que não tinha outra para gostar, achou logo que o príncipe não servia. Mandou investigar e descobriu que o rapaz não tinha acabado os estudos, não tinha posição, e o reino dele era pobre. Era bonzinho, disseram, mas enfim, não era nenhum marido ideal para uma filha de quem o pai gosta mais do que de qualquer outra. (COLASANTI, 2005, p.52)

Sendo assim, o pai resolve interferir diretamente no destino da sua filha e chama “a fada, madrinha da princesa” para juntos pensarem, em como afastar a princesa do príncipe. “Pensaram, pensaram, e chegaram à conclusão de que o jeito melhor era botar a moça para dormir. Quem sabe, no sono sonhava com outro e se esquecia dele.”

Esse acordo feito entre o pai e a madrinha da princesa, que era fada, coloca em oposição aos contos tradicionais, as figuras representativas do pai que tenta proteger a filha de todo e qualquer feitiço que a faça mal, como também da fada-madrinha que tenta desfazer e/ou amenizar qualquer encanto contra a princesa. No caso do conto de Marina, o pai e a madrinha da menina, tanto planejam e arquitetam um modo para afastar a moça do príncipe, quanto o colocam em execução. Sendo assim,

...deram uma bebida mágica para a jovem, que adormeceu na hora sem nem dizer boa noite.

Deitaram a moça numa cama enorme, num quarto enorme, dentro de outro quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme. Sete portas enormes escondiam a entrada pequena do enorme corredor. Cavaram sete fossos ao redor do castelo. Plantaram sete trepadeiras

nos sete cantos do castelo. E puseram sete guardas. (COLASANTI, 2005, p.52)

Percebemos que se concretiza a vontade do pai que, não leva em consideração o amor que a filha sente pelo príncipe, prefere fazê-la dormir e assegura-se de que nada, nem ninguém possa acordá-la, pois o plano consta não somente da magia utilizada para fazer a moça dormir, como também de uma organização, na estrutura do castelo para assegurar que a princesa não seja acordada pelo príncipe, como acontece no conto *A Bela Adormecida*.

No entanto, o rei não contava com a persistência e a resolução do príncipe que “ao saber que sua bela dormia por obra de magia, e que pensavam assim afastá-la dele, não teve dúvidas...”: usou das mesmas estratégias e dormiu “numa cama enorme, num quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme disfarçado por sete enormes portas” para poder, em sonho, encontra-se com sua amada. Para Accampora (2016),

Este é o conto, no qual Marina mais se aproxima dos contos de fada tradicionais, entretanto, as mudanças no enredo servem a um propósito: refletir sobre a relação muitas vezes exagerada e castradora dos pais que, por receio de deixar os filhos crescerem, acabam interferindo na felicidade deles. (ACCAMPORA, 2016, p. 90)

O número sete, que aparece repetida vezes como enumeração de elementos presentes no texto (sete portas, sete fossos, sete trepadeiras, sete guardas) também surge como o tempo decorrido do sono da princesa e do príncipe, no qual “Sete anos se passaram e mais sete”. Para Maldaner (2012),

As construções hiperbólicas no conto se desenvolvem no plano dos sonhos em que a passagem do tempo assume aspecto fantástico, narrando catorze anos decorridos enquanto os amantes dormiam. o exagero corre por conta também do crescimento das plantas, encobrendo os guardas. Chega ao ápice na descrição “aranhas teceram...” e “...dormiram nos seus casulos”. O tempo passou na narrativa do inconsciente, o castelo, ambiente da história, parou no momento dos catorzes anos. (MALDANER, 2012, p.78)

Ao explicitar a simbologia do número sete, Chevalier e Gheerbrant (2021) afirmam que “o número 7(sete) é o símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total”. Esses estudiosos citam inúmeros exemplos em que o sete surge como representatividade

simbólica, em diferentes culturas e épocas, às vezes assemelhando-se em alguns aspectos e, em outras, representando simbologias diferentes.

O sete corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição, às sete esferas ou graus celestes, às sete pétalas da rosa, às sete cabeças da naja de Angkor, aos sete galhos da árvore cósmica e sacrificial do xamanismo etc. (CHEVALLIER, GHEERBRANT, 2021, p.905)

Nos contos de fadas, a simbologia dessa numeração também se faz presente de diversas formas. Para Dantas (2019), o número três e sete são elementos simbólicos que caracterizam o repertório de diversos contos conhecidos mundialmente.

O número três e sete são altamente simbólicos e estão presentes em muitos contos, como os *Três porquinhos* (e as três tentativas do lobo), *Branca de Neve e os sete anões*, *A história dos três ursos* e outro em que o número está presente no conto, mas não aparece no título. Exemplos disso são as três irmãs do conto *Cinderela*; as três irmãs de *A Bela e a Fera*; os sete irmãos do conto *O Pequeno Polegar*; os três irmãos que recebem a herança em *O gato de botas*, as sete esposas de Barba Azul. (DANTAS, 2019, p. 99)

Como podemos analisar, o número sete tem inúmeras representações, sejam históricas e culturais, ficcionais e/ou simbólicas. Voltemos então, ao conto de Marina, em que a princesa e o príncipe dormem “sete anos e mais sete”. Parece-nos que esse número se repete por causa da ligação afetiva dos amantes: sete anos em que a princesa dormiria profundamente, estendem-se por mais sete anos, em que o seu amado resolve dormir para acompanhá-la em seus sonhos. Assim, ambos dormem por catorze anos.

Vale mencionar, outra situação citada por Chevalier e Gheerbrant (2021), exemplificando o emblemático número sete como “número da conclusão cíclica e da sua renovação” (p. 906).

O sétimo dia foi objeto de numerosas interpretações simbólicas no sentido místico. Esse dia em que Deus descansa após a Criação significa como que uma restauração das forças divinas na contemplação da obra executada. Esse descanso do sétimo dia marca um pacto entre Deus e o homem. (CHEVALLIER, GHEERBRANT, 2021, p.905)

Nesse caso, podemos inferir que a princesa e o príncipe, inconscientemente, para poder viverem, a relação que foi impedida de

concretizar-se pelo Rei e pela madrinha da princesa, selaram um pacto, em que o amor deles sobreviveria por sete anos mais sete, mesmo que em sonhos.

O último conto da obra *Uma ideia toda azul*, discorre sobre um rei que ficou surdo do ouvido direito. Para resolver seu problema, mandou chamar o gnomo da floresta que estabeleceu um trato: ficaria morando no ouvido direito e repetiria, ao rei, tudo o que ouvisse lá fora. Assim feito, rei e gnomo estabeleceram uma relação de amizade e enquanto falaria sobre as notícias no ouvido do rei, o gnomo, que tinha parentesco com as abelhas, fabricava alguma cera e um pouco de mel. Para poupar Vossa Majestade de informações desagradáveis, se o rei recebia uma má notícia no ouvido esquerdo, o gnomo transmitia uma boa no ouvido direito. Foi assim que o rei, tendo provado o mel e escolhendo a doçura, entregou o trono ao Primeiro Ministro e pediu que o amigo, gnomo, fabricasse algum mel e tapasse, para sempre, seu ouvido esquerdo.

O conto *As notícias e o mel*, coloca-nos diante de uma situação vivida pelo personagem, a qual nos apresenta uma reflexão muito pertinente à experiência humana: a busca pela verdade. Não se trata de filosofar sobre o sentido do que é verdadeiro ou não, mas de tomar conhecimento dos fatos ocorridos. Isso fica evidente no trecho, em que o Rei escolhe receber apenas boas notícias.

Uma certa doçura começou a espalhar-se do ouvido real para a cabeça, e o rei foi ficando aos poucos mais bondoso. Um certo carinho foi se espalhando da caverna real para o gnomo, e ele foi ficando aos poucos mais bondoso.

Foi essa a causa da primeira mentira.

O Primeiro Ministro deu uma má notícia no ouvido esquerdo, e o gnomo, não querendo entristecer o rei, transmitiu uma boa notícia no ouvido direito.

Foi essa a primeira vez que o rei ouviu duas notícias ao mesmo tempo.

Foi essa a primeira vez que o rei escolheu a notícia melhor.

Houve outras depois. (COLASANTI, 2005, p. 60)

No conto em questão, “...sempre que o rei ouvia duas notícias, escolhia a melhor delas”, o que denota uma fuga da realidade, pois assim alimentava a ilusão de que não existiam problemas para resolver, de que não precisava se preocupar com nada. Não existindo dificuldades, também não existiriam angústia, sofrimento, inquietação. Nesse caso, o que é mais apropriado: ouvir as notícias (boas ou ruins?) E tentar resolver os problemas ou fingir que nada sabe?

No final do conto, fica nítido que a opção do rei foi fugir da realidade e das preocupações vigentes a um monarca, pois ordena ao gnomo que tape o ouvido

e este, obediente, “voou para o lado esquerdo e, aproveitando seu parentesco com as abelhas, fabricou algum mel, e abundante cera, com que tapou para sempre o ouvido do rei”.

Esse conto, assim como os demais contidos na obra em estudo, permitem-nos dialogar com o universo literário, criado pela escrita peculiar da autora que nos faz enveredar por enredos surpreendentes com finais imprevisíveis, também com histórias, as quais conversam com outras histórias, com personagens e situações que, apesar de dotadas de magia, trazem em si, a característica do ser humano, em sua totalidade: suscetível a erros e acertos.

A ampla visão que os contos da obra, *Uma ideia toda azul* pode proporcionar aos seus leitores, permite que essa vivência literária, torne-se uma experiência enriquecedora, ao passo que, sendo realizada de forma coletiva, em sala de aula, oportuniza uma troca de impressões e sensações entre os participantes, o que, evidentemente, poderá contribuir para a formação leitora destes, colocando-os no caminho da proficiência.

### 3 IDEIAS METODOLÓGICAS

A proposta de trabalhar com o letramento literário na escola, a partir do conto, está associada ao preceito de que é necessário intervir na realidade, de modo que seja possível favorecer a formação de leitores. Para isso, e refletindo acerca das palavras de Freire (2018, p.30) quando afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, buscamos investigar como poderá se desenvolver esse processo em sala de aula.

Em consonância com o pensamento freiriano sobre a necessidade de o professor, pela própria prática docente, realizar pesquisa no âmbito educacional; reportamos-nos também a Bortoni-Ricardo, quando nos afirma que

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46)

Dessa maneira, pensarmos sobre o contexto escolar, e mais especificamente, acerca dos problemas que os docentes podem vivenciar, em sala de aula, tal feito, requer de nós mais do que uma postura reflexiva e crítica sobre a realidade, pois é necessário, além da reflexão, partir para a ação, a qual deve ser alicerçada por uma prática fundamentada no saber científico. É preciso, no entanto, que este saber científico esteja pautado em uma proposta metodológica que possibilite ao pesquisador atrelar teoria e prática em busca de alternativas que respondam às questões problematizadoras existentes.

Para isso, reportamo-nos à pesquisa-ação, com base no conhecimento empírico, isto é, na “pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas” (THIOLLENT, p. 15).

Portanto, com o intuito de apresentarmos uma proposta de intervenção, destinada para a formação do leitor literário, sugerimos a realização de uma pesquisa-ação voltada para esse fim, considerando que uma das

problematizações existentes, na maioria das escolas, é a ausência da leitura de obras literárias, em sala de aula. Compreendemos, à luz do que nos expõe Gil (20, p. 38), ao nos dizer que a “**pesquisa-ação** tem características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático”, que é necessário realizar a pesquisa-ação no contexto escolar, visando aprofundar os estudos relacionados à formação leitora para que, a partir de um diagnóstico realizado com os participantes, seja possível analisar e propor ações que favoreçam o letramento literário em sala de aula.

Assim, voltamos à pesquisa-ação, pensada sob a ótica de Thiollent (2011, p. 13), para sugerir que os professores, ao aplicarem a presente intervenção, compreendam os procedimentos metodológicos que a envolve. A pesquisa-ação, segundo Thiollent, é “uma linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação” social. Sendo assim, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, que consiste em

... dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob a forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. (THIOLLENT, 2011, p. 14)

Por conseguinte, sugerimos aos docentes que utilizem, para essa investigação, uma abordagem qualitativa, visto que, para realizar a geração de dados que possibilite analisar a problemática existente, é preciso observar o contexto e os atores nele inseridos. Para isso, a participação efetiva dos sujeitos é essencial, observando suas ações e como interagem durante a aplicação da intervenção proposta. Nesse caso, Bogdan e Biklen (1994, p. 70) , esclarece-nos que os investigadores da pesquisa-ação “estabelecem diálogos com os sujeitos relativamente ao modo como estes analisam e observam os diversos acontecimentos e atividades, encorajando-os a conseguirem maior controle sobre as suas experiências.”

Os mesmos autores, ao serem questionados sobre o objetivo da investigação qualitativa, evidenciam que

O objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem esses mesmos significados. Recorrem à observação empírica por considerarem que é função de instâncias concretas do comportamento humano que se pode refletir com maior clareza e profundidade sobre a condição humana. (BOGDAN, BIKLEN; 1994, p. 70)

Nesse sentido, reportamo-nos ao pensamento de Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) ao explicar-nos que “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. A mesma autora, ao falar sobre outra problemática existente na escola, relacionada à questão da interpretação leitora, esclarece-nos que:

Uma pesquisa qualitativa no microcosmo da sala de aula, que se volte para a observação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, vai registrar sistematicamente cada sequência de eventos relacionados a essa aprendizagem. BORTONI-RICARDO (2008, p. 35)

Tomemos, portanto, como referência essa citação, para que, voltados para o processo da leitura literária, em sala de aula, possamos buscar meios de averiguar, sistematicamente, como esse processo ocorre e de que forma podemos favorecer uma melhoria para a efetivação de um trabalho pedagógico destinado para a constituição de uma comunidade de leitores na escola. Dessa forma, compreendemos que

É tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula contribuir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42)

Sendo assim, o professor-pesquisador, agente ativo nesse processo, terá que, primeiramente, observar como acontece a rotina leitora na escola, lócus da pesquisa, para em seguida, tentar identificar possíveis deficiências, realizando atividades que possibilitem, através da verificação das respostas dos participantes, gerar dados que auxiliem a análise do estudo vinculado à questão da proficiência leitora, em sala de aula.

Tencionamos que a proposta de intervenção, apresentada como sugestão para a realização de um trabalho, a qual efetive a leitura de obras literárias, em sala de aula e que seja desenvolvida com turmas do 9º (nono) ano do Ensino

Fundamental II. Sendo assim, os alunos e professores, em especial, o professor de Língua Portuguesa, serão participantes ativos nesse processo, atuando como colaboradores e atores principais.

A obra literária escolhida para realização desta proposta, apesar de se tratar de contos de fadas, não se destina apenas a um público específico. Porém, direcionamos as atividades para a leitura de seus contos, tentando suscitar as impressões que a linguagem simbólica e metafórica dos textos é capaz de nos transmitir. Por sua qualidade sensível e, ao mesmo tempo, realista, compreendemos que os alunos do 9º (nono) ano terão repertório cultural para perceber as nuances presentes nos textos.

Para analisar, com maior clareza, os aspectos determinantes que nos possibilitarão conhecer melhor a realidade em que essa pesquisa pode ser desenvolvida, sugestionamos utilizar instrumentos que favoreçam uma leitura mais realista, do contexto escolar, na qual poderá ser aplicada. Esses instrumentos planejados, com o intuito de investigar sobre a formação leitora, em sala de aula, irão compor os dados que, através de informações coletadas, permitirão diagnosticar, como os participantes, sujeitos ativos na pesquisa, interagem diante da proposição da realização da leitura de obras literárias.

Desse modo, elencamos a observação da rotina escolar dos alunos, como ponto de partida para esse estudo. Em seguida, sugerimos a prática dialogada de uma roda de conversa, a qual poderá ser realizada, como atividade inicial, junto aos participantes da pesquisa, ou ainda, como atividade para finalizar esse processo de análise, cujo intuito será de comparar as respostas dos alunos, antes e depois da aplicação da intervenção aqui proposta, enquanto atividade leitora. Inicialmente podemos questionar:

- O que você mais gosta de fazer quando não estar na escola?
- E na escola, o que mais gosta?
- Você costuma ler em casa?
- E na escola, costuma ter aula sobre obras literárias?
- Lembra-se de algum livro que leu durante sua jornada estudantil até o momento?

- Já leu alguma história que tivesse personagens com poderes mágicos? Ou seres com características excepcionais? Como eram essas histórias? Onde podemos encontrá-las? Quais personagens fazem parte dessas histórias?

Esse momento inicial, permitirá conhecer aspectos da rotina dos participantes e averiguar se esses têm (ou não) atrelada a sua rotina a prática da leitura literária. Partindo dessa premissa, sugerimos a aplicação de entrevistas semiestruturadas, que direcionarão o olhar do pesquisador para questões que envolvem o processo da formação leitora dos alunos.

Outro instrumento de aplicação para geração de dados que permitirá uma leitura mais interpretativista do pesquisador é o “Diário do leitor”. Essa atividade possibilitará observar as impressões dos alunos, ao ler a obra proposta, em sala de aula, e se esse processo de leitura o impactou, de forma positiva ou negativa.

Durante a realização das atividades planejadas para execução da intervenção pedagógica, aqui proposta, pode-se, mediante autorização dos responsáveis, realizar registros fotográficos das atividades desenvolvidas, em sala de aula.

Para efetivação dessa proposta de intervenção, seguimos o modelo da sequência básica sugerida por Cosson e, para o desenvolvimento das estratégias recomendadas pelo autor aqui citado, o professor realizará o trabalho com os discentes num prazo estipulado de um bimestre. Durante esse percurso, serão desenvolvidas atividades que possibilitem aos alunos ter contato e maior proximidade com a obra literária *Uma Ideia Toda Azul*, através da execução dos quatro passos sugeridos para o trabalho com a sequência básica: motivação (antecipação da leitura), introdução (apresentação da obra e do autor), leitura (efetivação do processo de leitura da obra) e interpretação (questionamentos de possíveis inferências a respeito da obra lida).

Dessa forma, propomos ao professor observar como se dá a participação dos estudantes durante as aulas e como respondem às sugestões propostas, para que, assim, aquele possa analisar de que modo, estes interagem e se os objetivos planejados foram alcançados.

#### 4. IDEIAS PARA A INTERVENÇÃO

A nossa proposta inicial, é apresentar uma proposta de intervenção que leve em consideração tanto o letramento literário do aluno quanto a praticidade do professor em sala de aula. É fundamental demonstrar ao professor, a importância de um planejamento cuidadoso, ao trabalhar com textos literários, estimando os benefícios que a literatura pode trazer para quem se permite ser tocado por ela. O contato com uma linguagem plurissignificativa pode ampliar as potencialidades crítico-reflexivas do aluno, refletindo-se em sua escrita e, conseqüentemente, em sua formação como cidadão crítico e participativo.

Nesse sentido, o letramento literário abrange suas perspectivas e envereda por vários caminhos, ampliando os conhecimentos do homem. Assim, entendemos que a função do letramento vai além da aquisição da leitura e escrita na escola. Trata-se da apropriação de um conhecimento relacionado às práticas sociais existentes e que atende a diversos propósitos comunicativos. Aqui, vamos adentrar nas trilhas do letramento literário, via escola, por entendermos que fazer esse percurso é fundamental para que o professor aponte estratégias que permitam a imersão do aluno no universo da leitura.

O letramento literário possui uma configuração especial, conforme nos aponta Cosson (2016, p. 12), ao nos dizer, que este se refere a um processo de escolarização da literatura. Esse processo compreende o fortalecimento e a ampliação da educação literária e “busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola...”

Destarte, este estudo busca apresentar a proposta do letramento literário, entendendo que é necessário planejamento e uso de estratégias que favoreçam a constituição de uma comunidade de leitores em sala de aula. Para isso, propomo-nos a aplicar a Sequência Básica, seguindo o modelo sugerido por Cosson (2016), tendo como objeto de estudo a obra *Uma Ideia Toda azul* (2005), da renomada, autora Marina Colasanti.

O livro *Uma ideia toda azul*, obra escolhida para realização dessa proposta, apresenta dez contos, os quais são narrativas fantasiosas e fazem

referência a personagens e cenários que penetram o imaginário das pessoas: são reis, rainhas, princesas, animais e objetos mágicos, cenários como jardins, florestas e castelos. Essas histórias estão repletas de fatos que remetem a sentimentos como amor, ciúme, egoísmo, empatia, solidão; ou seja, tudo que, humanamente, constitui-nos como “ser”.

Nesse sentido, a obra escolhida para realização da sequência básica poderá apresentar inúmeros sentidos e incitar nos leitores diferentes impressões. A intencionalidade é provocar o aluno, antes, durante e depois da leitura para que, ao realizar a leitura da obra, os leitores tenham “como eixo central a experiência do literário ... e que contemplem o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras” (Cosson, 2016, p. 47). Daí a importância de selecionar uma obra que instigue os leitores, que provoque sensações e impressões diversas, que cause surpresa diante do inesperado, que promova a reflexão sobre aspectos vivenciados pelas personagens e situações conflituosas existentes. A esse respeito, Cosson (2016, p. 47) reforça que “é tão importante a leitura do texto, quanto as respostas que construímos a ela”.

Entendemos que, é de suma importância e necessidade urgente, pela ausência de leitura literária existente na escola, que se desenvolvam práticas de ensino, em sala de aula, que favoreçam o letramento literário. Nessa perspectiva, sugerimos a realização da sequência básica com o livro aqui citado, numa tentativa de aproximar os alunos e a leitura de textos literários, com o desejo de que essa relação entre leitor e obra possa se fortalecer e promover outras leituras no futuro.

Partindo dessa reflexão e observando as características presentes nos contos de Marina Colasanti, ricos em metáforas e simbologias, sugerimos que a sequência básica apresentada a seguir, seja desenvolvida em uma turma de 9º (nono) ano, por entendermos que esse público tenha maiores condições interpretativas de reconhecer os elementos intertextuais presentes nas histórias, de ler as entrelinhas existentes e ainda de construir, com autonomia, suas impressões sobre os textos lidos e, assim, poder socializá-las (já que a leitura em grupo nos permite a realização desse momento). Para tanto, organizamos um plano norteador da sequência básica, que servirá de guia auxiliar para o professor a desenvolver cada etapa.

ESCOLA:	
PROFESSOR(A)	
EMENTA:	Direcionamentos voltados para o aprimoramento da leitura literária, a partir da obra <i>Uma ideia toda azul</i> , de Marina Colasanti
CONTEÚDOS:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O gênero conto;</li> <li>• Leitura de contos;</li> <li>• Atividades de escrita criativa a partir dos contos lidos.</li> </ul>
OBJETIVOS:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender que o ato da leitura está em permanente processo de construção;</li> <li>• Ler e interpretar contos;</li> <li>• Estabelecer relações com outras narrativas que enveredam pela mesma temática;</li> <li>• Reconhecer os intertextos;</li> <li>• Produzir contos.</li> </ul>
RECURSOS DIDÁTICOS:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro de contos;</li> <li>• Dicionário;</li> <li>• Contos impressos</li> </ul>
METODOLOGIA:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas expositivo-dialogadas para observar os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao conteúdo; leituras silenciosas e orais de contos curtos; análise oral seguida de análise escrita para avaliar a evolução da compreensão dos alunos, o interesse despertado em cada um.</li> </ul>
AValiação:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A avaliação qualitativa, seguindo o desenvolvimento da sequência em relação aos avanços interpretativos da leitura pelos alunos.</li> </ul>
REFERÊNCIAS	COLASANTI, Marina. <i>Uma ideia toda azul</i> . São Paulo: Global, 2003.

Fonte: a autora.

De posse desse plano norteador, o professor terá mais facilidade para desenvolver os passos da sequência básica que elaboramos e apresentamos abaixo, considerando a necessidade premente que o aluno tem de desenvolver seu potencial de leitura literária de forma planejada:

## 4.1 A SEQUÊNCIA BÁSICA

Nessa subseção, apresentaremos uma sugestão de trabalho a ser desenvolvida, em sala de aula, a qual consiste em apresentar uma sequência básica para a leitura literária da obra *Uma Ideia Toda Azul*. Essa sequência irá guiar a leitura da obra, permitindo que os alunos possam mergulhar nas histórias, conhecendo melhor o universo literário dos contos e extraindo deles as impressões e reflexões que a leitura desta obra pode nos proporcionar.

A sequência básica é constituída por quatro passos: 1) Motivação – preparação para entrar no texto; 2) Introdução – apresentação do autor e da obra; 3) Leitura – leitura e acompanhamento da obra e 4) Interpretação – momento para realizar a externalização da leitura através de um registro feito pelos leitores da obra. Por sua vez, esses passos são desenvolvidos dentro de oficinas, as quais serão elaboradas, ensejando a proficiência leitora dos alunos.

### 4.1.1. MOTIVAÇÃO

Essa etapa inicial, da sequência básica, consiste na preparação estimuladora para a leitura do livro, antes mesmo que este seja apresentado à turma. Neste caso, é o primeiro passo para adentrarmos no reino dos contos colasantianos da obra em questão.

- **ENTRANDO NO REINO COLASANTIANO**

Uma vez seguindo o plano norteador, o professor perceberá que todas as etapas da Sequência Básica, em especial, a motivação, exigem dinâmicas que possam, de fato, retirar os alunos do lugar comum, no qual se encontram e ativar neles uma espécie de encantamento que favoreça o desenrolar das atividades de leitura que irão se apresentando ao longo das oficinas. Para iniciar, sugerimos a seguinte atividade:

1. Entregar papel A4 e lápis de cor (giz de cera, etc.) e propor que os alunos desenhem algo de que se lembrem, ao ouvirem a expressão: ERA UMA VEZ... (colocar em maiúsculas no quadro)

2. Conversar com os alunos para que representem o objeto, cenário e/ou personagens, utilizando todo o espaço da folha, com o intuito de que a imagem fique bem visível.

3. Após a realização dos trabalhos, os alunos irão apresentar sua produção para os demais colegas que deverão tentar relacionar a imagem a algum conto ou história que já tenham ouvido e/ou lido.

4. Esse momento poderá ser propício para falar sobre o gênero conto e seus elementos constitucionais: suas características, sua estrutura, organização, personagens, cenários, temáticas, conflito...

É importante destacar que, nesse momento, a conversa deve ser breve objetiva, visando apenas identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o conto. Não se trata de um estudo aprofundado da estrutura organizacional desse gênero literário. Nossa intenção é realizar uma sondagem sobre os conhecimentos dos alunos, questionando-os sobre as histórias que já conhecem e suas percepções sobre o que caracteriza o conto. O diálogo deve ser conduzido de forma a estimular a participação dos alunos e a troca de ideias, sem prolongar o debate.

5. Como sugestão para encerrarmos esse momento de motivação, pode-se montar um painel com as ilustrações feitas pelos alunos.

#### **4.1.2. INTRODUÇÃO**

A introdução consiste em apresentar a obra e a autora, oportunizando aos alunos o contato com o livro e para que estes possam conhecer um pouco sobre a vida e o universo da escrita de Marina Colasanti.

- **ABRINDO IDEIAS AZUIS**

Antes de os alunos iniciarem a leitura, em sala de aula, convém que o professor apresente informações sobre a obra escolhida, salientando que ainda estão tomando conhecimento sobre a temática. Fomentar neles a ideia de preciso criar um diálogo sensível entre sua imaginação, os medos e as fantasias da realidade interior de todos nós, seres humanos, "de qualquer idade", conforme encontra-se exposto na contracapa do livro. Marina Colasanti, sendo artista

plástica de formação, foi ilustradora de quase todos os livros de sua autoria, inclusive *Uma Ideia Toda Azul*.

Assim, sugerimos iniciar a apresentação da obra, a partir da ilustração da capa. Para isso propomos a seguinte atividade:

1. O professor irá apresentar a capa do livro (sem o título) para que seja feita uma análise das cores, formas e imagens contidas. Pode ser em forma de cartaz ou slide. Em seguida, irá propor que os alunos criem um título para a imagem.



Fonte: Colassanti (2005)

2. Após ouvir as ideias dos alunos, apresentar sugestão de possível título da obra. Qual seria?  
 O castelo na colina  
 A princesa e o pássaro  
 Uma ideia toda azul  
 À sombra do carvalho
3. Após esse momento, conversar sobre o título e a organização da obra (dez contos maravilhosos, que falam sobre personagens e lugares fantásticos).
4. Os alunos poderão utilizar o celular para pesquisar fotos da autora e dados de sua biografia.
5. Apresentar a autora Marina Colasanti e sua biografia. Se achar pertinente, pode-se confeccionar um mural que ficará exposto na sala.

### BIOGRAFIA

Marina Colasanti nasceu em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia. Residiu posteriormente em Trípoli, na Líbia, mudou-se para Itália e, em 1948, transferiu-se com a família para o Brasil, onde vive até hoje na cidade do Rio de Janeiro. É casada com o também escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tem duas filhas, Fabiana e Alessandra Colasanti.

De formação artista plástica, ingressou no *Jornal do Brasil*, dando início à sua carreira de jornalista. Desenvolveu atividades em televisão, editando e apresentando programas culturais. Foi publicitária. Traduziu importantes autores da literatura universal.

Seu primeiro livro data de 1968. Hoje são mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens e ensaios sobre os temas literatura, o feminino, a arte, os problemas sociais e o amor. Por meio da literatura, teve a oportunidade de retomar sua atividade de artista plástica, tornando-se sua própria ilustradora. Sua obra tem sido temas de numerosas teses universitárias.

É uma das mais premiadas escritoras brasileiras, detentora de vários prêmios Jabutis, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, do Melhor Livro do Ana da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia, de dois prêmios latino-americanos. Foi o terceiro prêmio no Portugal Telecom de Literatura 2011. Tornou-se *hors-concours* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), após ter sido várias vezes premiada.

*Texto contido no livro "Como se fizesse um cavalo" (2012), Pulo do Gato*

Fonte: Colassanti (2012, p. 78)

6. Para consolidar esse primeiro momento de encontro entre obra, autora e leitores, sugerimos a exibição do vídeo <https://youtu.be/gTcEjthGfoE> em que Marina Colasanti fala do processo de criação dos contos maravilhosos. É pertinente repetir o vídeo para que os alunos atentem à fala da autora sobre as temáticas dos contos e as possíveis sensações que estes podem despertar em seus leitores.

7. Para finalizar essa etapa inicial, retornaremos ao título do livro: *Uma ideia toda azul*. A proposta nesse momento é discutir sobre as ideias e possíveis formas de registrá-las. Sugerimos a produção do diário do leitor, entregando a cada aluno, um caderno para que registrem as impressões e reflexões acerca dos contos que serão lidos coletivamente. Como sugestão para dinamizar o início do processo da escrita no diário, após apresentar as instruções para elaboração e

organização do caderno, propomos que os alunos façam a capa do diário, sendo o autor e ilustrador da sua produção escrita, assim como a autora do livro.

É importante orientar os alunos sobre a estrutura organizacional do diário, destacando os elementos que constituem esse gênero textual. Além disso, é fundamental ressaltar, a relevância do diário, como um registro pessoal, cultural, histórico e afetivo na vida das pessoas. Dessa forma, os alunos compreenderão a importância de utilizar, corretamente, esse gênero textual e poderão desenvolver suas habilidades de escrita, de maneira mais eficaz, ao final de cada leitura realizada dos contos e registrar em seus diários, suas reflexões sobre as histórias lidas, da obra em estudo.

O quadro a seguir exemplifica o que pode ser evidenciado, em sala, para que os alunos compreendam como organizar o seu diário, observando a funcionalidade e estrutura do gênero, semelhante ao que sugerimos no quadro.

<b>Informações sobre o gênero Diário Pessoal:</b>
Os gêneros que expressam, por escrito, a vida de uma pessoa, por ela mesma são chamados autobiográficos e interessa-nos, o diário pessoal, informal e íntimo de comunicação cotidiana, bem como o de comunicação produzida. São gêneros propícios a refletir a individualidade de quem enuncia. Apresentam elementos constitutivos mais maleáveis, entretanto, sua estrutura constitucional apresenta elementos essenciais:
TEMA: a escrita sobre si (confissões, segredos, inquietações, emoções, opiniões...)
FORMA: datação, vocativo e despedida.
LINGUAGEM: uso da 1ª pessoa, vocabulário informal, caligrafia como marca pessoal nos suportes tradicionais e emoção;
TEMPO: resgate da memória diária ao final do dia, geralmente;
INTERLOCUÇÃO: o próprio diálogo com o diário. Leitor imaginário ou, eventualmente, autorizados pelo autor.
INTERATIVIDADE: inexistente - leitor não interfere. Qualquer pessoa pode ter um diário, bastando compromisso e iniciativa. Sua função é “guardar segredo”, se o autor assim quiser.

Fonte: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/3ano/lingua-portuguesa/diario-ler-para-conhecer-o-genero/2811>

É pertinente destacar que existem dois tipos principais de diários: o pessoal, que contém relatos íntimos e pessoais do autor; e o ficcional, que é uma obra literária que utiliza a forma e a estrutura dos diários pessoais. Sendo assim,

o professor pode apresentar aos alunos exemplos concretos dos dois tipos de diários, podendo realizar um paralelo entre eles, observando as semelhanças na estrutura e as diferenças significativas quanto à finalidade e conteúdo. Esse momento pode configurar como uma ocasião de enriquecimento para o aumento do repertório leitor dos alunos, pois o professor pode compartilhar sugestão de leitura de vários livros que são escritos como diário, como por exemplo, *Diário de Anne Frank*, *O diário de Zlata*, *Diário de um Banana*, *Diário de Pilar*, *Querido diário otário*, entre outros.

Consideramos que, ao compreender a estrutura e organização textual do gênero diário, os alunos terão melhores condições de produzir, de maneira eficiente e adequada, o DIÁRIO DO LEITOR, registrando suas impressões, reflexões, sentimentos e opiniões sobre a leitura dos contos propostos, nesta sequência básica. Acreditamos também que, ao fazerem uso da própria escrita para refletirem sobre a leitura e, conseqüentemente, posicionarem-se como leitor, os alunos serão capazes de aprofundar sua compreensão e análise dos textos lidos.

Após explicar como serão feitos os registros pessoais, o professor conduzirá a turma para a próxima etapa da sequência básica.

#### **4.1.3. LEITURA**

Esta etapa da sequência básica compreende a realização da leitura dos contos. É a ocasião em que os alunos irão conhecer as personagens e as situações vivenciadas por elas em cada conto. É o momento mais significativo da SB pois é a concretização da ação de ler.

- **SONHANDO COM REIS E PRINCESAS**

Após as etapas de motivação e da apresentação da obra e da autora, segue-se à etapa, em que convidaremos a turma para ler os contos. Para consolidação dessa etapa, precisamos cogitar, de que modo acontecerá o processo de leitura, da obra e sua organização peculiar, a fim de que a leitura dos contos seja dinâmica, atrativa e reflexiva para o aluno. Nesse sentido, propomos pensarmos sobre três pontos de como iniciaremos essa caminhada:

1. Como sugestão para organizar o tempo de leitura, em sala de aula, sugerimos a formação de oficinas, conforme a distribuição da carga horária do professor e da turma. Pode-se, por exemplo, distribuir os contos, de acordo com o número de aulas semanais, ou organizar dez oficinas, cada uma com duas aulas, para realizar a leitura de dos contos:

- 1ª ideia toda azul (uma aula) – leitura do conto O ÚLTIMO REI
- 2ª ideia toda azul (uma aula) – leitura do conto ALÉM DO BASTIDOR
- 3ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura dos contos POR DUAS ASAS DE VELUDO
- 4ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura do conto UM ESPINHO DE MARFIM
- 5ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura dos contos UMA IDEIA TODA AZUL
- 6ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura do conto ENTRE AS FOLHAS DO VERDE O
- 7ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura do conto FIO APÓS FIO
- 8ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura do conto A PRIMEIRA SÓ
- 9ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura do conto SETE ANOS MAIS SETE
- 10ª ideia toda azul (duas aulas) – leitura do conto AS NOTÍCIAS E O MEL

2. O professor deverá organizar o tempo da leitura da obra, encaminhando alguns contos para serem lidos em casa e, outros em sala, além de sugerir outras atividades que valerão como intervalos de leitura para enriquecimento das reflexões. Essa organização de tempo e espaço para a leitura dos contos dependerá de como a turma avança (ou não), na leitura da obra.

3. É necessário disponibilizar um livro para cada aluno. No entanto, caso não seja possível, pode-se entregar os textos digitalizados (já que são contos curtos e que podem ser distribuídos para a turma).

**1ª ideia toda azul  
(duas aulas)**

**Conto: O Último Rei**

Todos os dias Kublai Khan, último rei da dinastia Mogul, subia no alto da muralha da sua fortaleza para encontrar-se com o vento.

O vento vinha de longe e tinha o mundo todo para contar.

Kublai Khan nunca tinha saído da sua fortaleza, não conhecia o mundo. Ouvia as palavras do vento e aprendia.

\_A Terra é redonda e fácil, disse o vento. Ando sempre em frente, e passo pelo lugar de onde saí. Dei tantas voltas na Terra, que ela está enovelada no meu sopro.

Kublai Khan achou bonito ir e voltar sem nunca se perder.

Um dia o vento chegou mais frio, vindo das montanhas.

\_Fui pentear a neve, gelou o vento ao pé do ouvido do rei. A neve é pesada e macia. Debaixo do seu silêncio as sementes se aprontam para a primavera. Só flores brancas furam a neve. Só passos brancos marcam a neve. Na neve mora o Rei do Sono.

Kublai-Khan teve desejo de neve. Então prendeu fios de prata na Lua e a empinou contra o vento. Do alto, espelho do frio, a Lua trouxe a neve para Kublai Khan. E um sono tranquilo.

Todos os dias o vento contava seus caminhos no alto da muralha.

Todos os dias os longos cabelos do rei deitavam-se no vento e recolhiam seus sons, como uma harpa.

O vento contou o deserto

\_O deserto, disse com língua quente, é lento como o trigo. E como o trigo me obedece. Ele também se curva debaixo da minha mão. Mas seus grãos não são doces como os do trigo. São de areia. E com areia não se faz o pão. As gotas do deserto chamam-se tâmaras.

Kublai Khan quis suar com a doçura das tâmaras. Então prendeu fios de ouro nos raios do Sol e o empinou contra o vento. Do alto, o calor derramou no reino de Kublai Khan amadurecendo os frutos. E o rei bebeu o suco nas mãos em concha.

No alto da muralha gasta de sempre receber o vento, o mundo punha-se aos pés do rei.

E no tempo chegou o dia em que o vento beijou de sal a boca de Kublai-Khan trazendo-lhe o mar.

\_O mar é maior que o deserto e mais profundo que a neve, cantou o vento. O mar é verde como os campos, mas seu capim cresce nas profundezas e ninguém vê o gado que nele pasta. O mar chama os homens e canta. Sua voz tem nome de sereia.

Ouviu Kublai-Khan o chamado da sereia na voz do vento?

Ninguém sabe.

Dizem os pastores da planície que o viram prender cordas de linho nas pontas da grande pipa de seda. Depois ergueu a pipa contra o vento e, abandonando com os pés o alto da muralha da sua fortaleza, deixou-se levar pela corda branca, último rei Mogul, longe no céu, lá onde ele se tingia de mar.

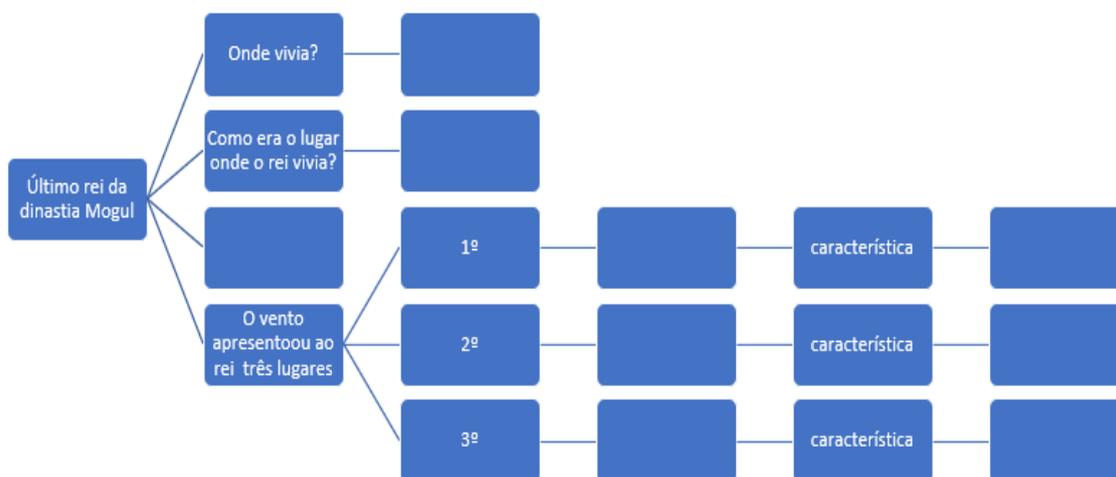
Fonte: Colassanti (2005, p.10 - 12)

1. Pode-se iniciar, organizando uma roda de leitura para realizar, em voz alta a leitura do primeiro conto. É de fundamental importância, a mediação do professor a fim de que a compreensão e a impressão sobre cada texto lido possam ser

compartilhadas e comentadas por todos. O professor poderá conduzir esse momento, realizando a leitura do conto e levantando questionamentos e hipóteses sobre os elementos contidos no texto:

- ✓ Quem era o último rei da dinastia Mogul?
- ✓ Onde ele vivia e como era esse lugar?
- ✓ Quem falava com o rei sobre as maravilhas da Terra?
- ✓ Quais são os elementos naturais que aparecem e como são?
- ✓ Essa história lembra alguma outra que você conhece?

2. Após essa primeira leitura, a qual propiciará uma primeira impressão sobre o texto, os alunos completarão um organograma a fim de identificarem, com maior clareza, os elementos do conto para, em seguida, debaterem sobre suas ideias e sensações ao lerem a história, como também relatarem possíveis dúvidas sobre a compreensão do texto.



Fonte: a autora

3. Após identificarem os elementos existentes no conto, propomos que os discentes conheçam a história do imperador **Mongol**, realizando uma pesquisa direcionada através do site <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-17878/kublai-khan/>. Sugerimos realizar a divisão dos grupos e acompanhar a realização da pesquisa, orientando os alunos a executarem a busca das informações direcionadas a cada grupo.

Grupo 1 – Quem foi Klubai Khan?

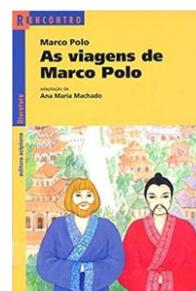
Grupo 2 – Como Klubai Khan morreu?

Grupo 3 – Por que Klubai Khan ficou conhecido historicamente?

Grupo 4 – Quem foi Marco Polo?

Se a escola dispuser de um espaço em que os alunos possam pesquisar, como um laboratório de informática, os grupos poderão realizar a pesquisa nesse espaço. Caso a escola não disponha de um espaço com recursos tecnológicos para a realização dessa atividade, pode-se planejar e orientar os alunos para que usem o próprio celular ou entregar o texto na íntegra para que cada grupo leia e selecione as informações sobre o protagonista do conto lido.

4. A última ação dessa oficina será a socialização das informações pesquisadas, para tecermos com os alunos, os fios da intertextualidade. Destacamos aqui, como aspecto relevante, que merece ser citado na história de Klubai Klan: a presença de Marco Polo, viajante veneziano que conheceu a China durante o reinado de Klubai klan e serviu ao imperador por determinado tempo.



Como recurso da intertextualidade presente, é interessante mostrar aos alunos o livro *As aventuras de Marco Polo*. O intuito nesse momento, é permitir que outras portas se abram para novas leituras e novos conhecimentos. Uma outra sugestão é assistir a filmes que tratem da vida de Marco Polo ou sobre o Império Mongol, disponível na internet.

## 2ª ideia toda azul (duas aulas)

Conto: **Além do Bastidor**

Começou com linha verde. Não sabia o que bordar, mas tinha certeza do verde, verde brilhante.

Capim. Foi isso que apareceu depois dos primeiros pontos. Um capim alto, com as pontas dobra das como se olhasse para alguma coisa.

Olha para as flores, pensou ela, e escolheu uma meada vermelha.

Assim, aos poucos, sem risco, um jardim foi aparecendo no bastidor. Obedecia às suas mãos, obedecia ao seu próprio jeito, e surgia como se no orvalho da noite se fizesse a brotação.

Toda manhã a menina corria para o bastidor, olhava, sorria, e acrescentava mais um pássaro, uma abelha, um grilo escondido atrás de uma haste.

O sol brilhava no bordado da menina.  
 E era tão lindo o jardim que ela começou a gostar dele mais do que de qualquer outra coisa.

Foi no dia da árvore. A árvore estava pronta, parecia não faltar nada. Mas a menina sabia que tinha chegado a hora de acrescentar os frutos. Bordou uma fruta roxa, brilhante, como ela mesma nunca tinha visto. E outra, e outra, até a árvore ficar carregada, até a árvore ficar rica, e sua boca se encher do desejo daquela fruta nunca provada.

A menina não soube como aconteceu. Quando viu, já estava a cavalo do galho mais alto da árvore, catando as frutas e limpando o caldo que lhe escorria da boca.

Na certa tinha sido pela linha, pensou na hora de voltar para casa. Olhou, a última fruta ainda não estava pronta, tocou no ponto que acabava em fio. E lá estava ela, de volta na sua casa.

Agora que já tinha aprendido o caminho, todo dia a menina descia para o bordado. Escolhia primeiro aquilo que gostaria de ver, uma borboleta, um louva-deus. Bordava com cuidado, depois descia pela linha para as costas do inseto, e voava com ele, e pousava nas flores, e ria e brincava e deitava na grama.

O bordado já estava quase pronto. Pouco pano se via entre os fios coloridos. Breve, estaria terminado.

Faltava uma garça, pensou ela. E escolheu uma meada branca matizada de rosa. Teceu seus pontos com cuidado, sabendo, enquanto lançava a agulha, como seriam macias as penas e doce o bico. Depois desceu ao encontro da nova amiga,

Foi assim, de pé ao lado da garça, acariciando-lhe o pescoço, que a irmã mais velha a viu ao debruçar-se sobre o bastidor. Era só o que não estava bordado. E o risco era tão bonito, que a irmã pegou a agulha, a cesta de linhas, e começou a bordar.

Bordou os cabelos, e o vento não mexeu mais neles. Bordou a saia, e as pregas se fixaram. Bordou as mãos, para sempre paradas no pescoço da garça. Quis bordar os pés, mas estavam escondidos pela grama. Quis bordar o rosto, mas estava escondido pela sombra. Então bordou a fita dos cabelos, arrematou o ponto, e com muito cuidado cortou a linha.

Fonte: Colassanti (2005, p.14 – 17)

1. Para iniciarmos a leitura, sugerimos uma reflexão sobre “a importância que têm as mãos para nós, seres humanos. Que ações podemos fazer com elas?”

- Pode-se fazer um cartaz e colocar no quadro. Entregar post-its para os alunos e pedir que escrevam o que eles pensaram acerca da importância das nossas mãos para desenvolvermos atividades diárias.
- Pedir que os alunos socializem o máximo de ideias possíveis. A intenção, é discutir as inúmeras possibilidades de uso, desde ações cotidianas naturais ao ser humano, como pegar, escrever, cozinhar, lavar... a ações que denotam habilidades como pintar, desenhar, moldar, costurar, bordar, tocar um instrumento etc. Podemos ainda inferir gestos com as mãos, como também falar, por exemplo, sobre a importância das mãos para as pessoas cegas e colocar vendas, em alguns alunos, para fazerem o reconhecimento de objetos pelo tato ou algum alimento, pelo paladar.
- O propósito é, a partir dessas atividades, viabilizar as discussões e apresentar a personagem do conto **Além do bastidor**.

2. Questionar o que é um bastidor. Indagar os alunos se eles conhecem alguém que realize esse tipo de trabalho.

3. Realizar a leitura e socializar as impressões sobre o texto:

- O que aconteceu com a menina que bordava em seu bastidor?
- Quem a prendeu para sempre no bordado?
- Por que será que a irmã a prendeu?

4. Levantar hipóteses entre os alunos e, para finalizar essa atividade, pedir que desenhem um lugar que, assim como a história, eles pudessem bordar, num bastidor mágico e se transportar.

5. Após concluir a atividade, o professor poderá sugerir aos alunos a leitura da obra *Os trabalhos da mão*, de Alfredo Bosi e com ilustrações de Nelson Cruz, como sugestão para ampliação sobre a temática “a importância das mãos”,



3ª ideia toda azul  
(duas aulas)

### Contos: **Por Duas Asas de Veludo**

A princesa pegou a rede, o vidro, a caixinha dos alfinetes, e saiu para caçar. Sempre atrás de borboletas, não se contentava com as que já tinha, caixas e caixas de vidro em todos os aposentos do palácio. Queria outras. Queria mais. Queria todas.

Nem adiantava procurar nos jardins. Depois de tanta caça, de tanto alfinete nas costas, as borboletas sabiam que aquele não era lugar para elas e até mesmo as lagartas arrastavam para longe suas curvas preguiçosas em busca de um canto mais seguro para virarem borboletas. Talvez nos campos, quando a colheita estivesse madura. Mas era outono. Talvez no bosque.

Para o bosque foi a princesa. Durante toda a manhã procurou. Viu duas asas coloridas mexendo entre as folhas, lançou a rede, recolheu apenas a flor que o vento agitava. Pensou ter achado uma borboleta escura pousada num tronco, era folha levada por formiga. Depois mais nada. Pássaros, abelhas, salamandras passeavam tranquilos, remexiam-se ao sol. Mas borboleta nenhuma. Como se avisadas da sua presença, esperassem escondidas nas beiras do escuro.

Era quase noite quando a viu, imensa borboleta negra voando lenta no azul que se apagava. Correu querendo acompanhá-la. Tropeçou numa pedra, perdeu-se entre os arbustos. O céu limpo, onde estava a borboleta? Pensou tê-la visto numa direção. Foi para lá. Mas tudo era quieto, só a água se encrespava na superfície do lago.

À noite, no palácio, só falou dela. Queria a borboleta. Se a tivesse, prometeu, deixaria de caçar. Escolheu no quarto o melhor lugar: acima da cabeceira, de asas abertas sobre a cama.

Sonhou com a borboleta. Viajava deitada nas suas costas e as asas de veludo a afaçavam no bater do voo.

Ao amanhecer armou-se de arco e flecha e saiu para o bosque. Esperou deitada, imóvel no mesmo lugar da véspera. A manhã passou. A tarde passou. A noite soprou seu vento. E no vento da noite veio a borboleta preta.

Desta vez não a perderia. Sem tirá-la do olhar, sem errar o passo, a princesa avançou entre as árvores, chegou à beira do lago. E a viu descer abrindo as grandes asas num último esforço, para pousar sem mergulho, não borboleta, mas cisne, nobre cisne negro.

Estremece a água do lago. A princesa arma o arco, retesa a corda, crava a seta de ouro no peito do cisne.

Mas é do peito dela que o sangue espirra. E filete, e jorro, banhando a roupa, desfazendo a seda por onde passa, transforma seu corpo em penas, negras penas de veludo.

O dia adormece. No lago dois cisnes negros deslizam lado a lado. Brilha esquecido o arco de ouro.

Fonte: Colassanti (2005, p.20 - 22)

1. Antes de iniciar a leitura do conto, é interessante questionar os alunos sobre o título da história:

- O que tem “duas asas”: animais, objetos? De quais asas o título pode estar fazendo referência?
- O que será que quer dizer asas de “veludo”? Como seriam essas asas? Seriam asas de tecido?
- Qual animal você acha que possui “asas de veludo”?

2. Ler apenas o primeiro parágrafo da história para descobrir quais personagens fazem parte da trama e a qual animal o conto se refere. Em seguida, comentar sobre a personagem protagonista do conto:

- Quem é ela? Onde morava? O que ela gostava de fazer?
- “Sempre atrás de borboletas, não se contentava com as que já tinha...”

Quais traços da personalidade da princesa podemos observar logo no início do texto?

3. Pedir que os alunos continuem a leitura coletivamente até o 5º (quinto) e o 6º (sexto) parágrafos. Nesse momento, sugerimos que o professor incentive a turma a tecer comentários sobre o comportamento da princesa, em relação à busca intensa para capturar a borboleta, para isso, ressaltamos os trechos:

*“À noite, no palácio, só falou dela. Queria a borboleta. Se a tivesse, prometeu, deixaria de caçar.”* (5º parágrafo)

*“Sonhou com a borboleta. Viajava deitada nas suas costas e as asas de veludo a afagavam...”* (6º parágrafo)

- O que levou a princesa a se interessar cada vez mais pela captura da borboleta?

- Será que as dificuldades que ela enfrentava faziam-na buscar o “desejo inalcançável” a ponto de sonhar com o momento em que teria a borboleta para si?

4. Continuar a leitura do conto até o momento em que a princesa, ao avistar a borboleta, prepara-se para aprisioná-la. Pedir que releiam, atentamente, e observem que a princesa se depara com uma surpresa: a borboleta, que ela tanto queria, não era o que ela pensava!

*“E a viu descer abrindo grandes asas num último esforço, para pousar sem mergulho, não borboleta, mas cisne, nobre cisne negro.”* (8º parágrafo)

- Esse trecho lembra alguma outra história em que o personagem se transforma em cisne? Qual?
- O que você pensa sobre isso? As pessoas também podem, de alguma forma, mudar e “se transformar”?
- Será que a princesa, ao desejar tanto a borboleta, não percebeu, na verdade, quem ela era?

5. Continuar a leitura, lendo sequencialmente os últimos parágrafos da história. Atente para os trechos que revelam um final inesperado:

*“[...]A princesa arma o arco, retesa a corda, crava a seta de ouro no peito do cisne.”* (9º parágrafo)

*“Mas é do peito dela que o sangue espirra.”* (10º parágrafo)

*“No lago, dois cisnes negros deslizam lado a lado.”* (11º parágrafo)

- O que vocês acham que aconteceu com a princesa?
- Que ditado popular essa cena nos lembra?
- Que reflexão podemos fazer sobre esse momento em que, ao tentar ferir, a princesa acabou ferida?

6. Após comentar com os alunos sobre essa passagem do texto, concluir a leitura do conto. Questionar, se o final corresponde ao que eles esperavam que aconteceria com a princesa, quando ela se transforma em cisne negro. Nesse momento, pedir que os alunos relatem o que acharam da história e que inferências podem ser realizadas, ao concluirmos a leitura do conto, questionando-os sobre os acontecimentos finais:

- Será que vale a pena deixar de ser princesa e transformar-se num cisne para poder conquistar o que se deseja?
- Será que vale a pena transforma-se, modificar sua personalidade para ficar com o outro?
- A princesa trocou a solidão do palácio pela vida em companhia no lago do bosque? O que você pensa sobre isso?

7. Nesse momento, em que a leitura do terceiro conto do livro está sendo concluída, pode ser uma oportunidade propícia para incentivar os alunos a debaterem sobre as impressões causadas ao lerem o conto. Como atividade para finalizar essa oficina, o professor dividirá a turma em grupos que terão a tarefa de:

- Grupo 1 – Descrever a personagem protagonista, fazendo uma análise de como a princesa se comporta, do início ao final do conto;
- Grupo 2 – Relacionar o conto a outras histórias e/ou a ditados populares, música, poema, entre outras possibilidades;
- Grupo 3 – Elaborar perguntas sobre a história para que a turma discuta sobre o texto lido. Os questionamentos devem propor que os colegas reflitam e justifiquem as respostas;
- Grupo 4 – Escrever um parágrafo, realizando uma análise crítica da história para identificar as impressões que o texto provocou.

8. Os grupos socializarão o que produziram, com o objetivo de compartilhar os conhecimentos adquiridos e aprimorar a interpretação da história. Dessa forma, todos terão a oportunidade de trocar informações, fazer reflexões e enriquecer, ainda mais, seus entendimentos sobre o tema elaborado.



4ª ideia toda azul  
(duas aulas)

Conto: **Um espinho de marfim**

Amanhecia o sol e lá estava o unicórnio pastando no jardim da princesa. Por entre flores olhava a janela do quarto onde ela vinha cumprimentar o dia. Depois esperava vela no balcão, e quando o pezinho pequeno pisava no primeiro degrau da escadaria descendo a jardim fugia o unicórnio para o escuro da floresta.

Um dia, indo o rei de manhã cedo visitar a filha em seus aposentos, viu o unicórnio na moita de lírios.

Quero esse animal para mim. E imediatamente ordenou a caçada.

Durante dias o rei e seus cavaleiros caçaram o unicórnio nas florestas e nas campinas. Galopavam os cavalos, corriam os cães, e, quando todos estavam certos de tê-lo encurralado, perdiam sua pista, confundiam-se no rastro.

Durante noites o rei e seus cavaleiros acamparam ao redor das fogueiras ouvindo no escuro o relincho cristalino do unicórnio.

Um dia, mais nada. Nenhuma pegada, nenhum sinal da sua presença. E silêncio nas noites.

Desapontado, o rei ordenou a volta ao castelo.

E logo ao chegar foi ao quarto da filha contar o acontecido. A princesa, penalizada com a derrota do pai, prometeu que dentro de três luas lhe daria o unicórnio de presente.

Durante três noites trançou com os fios de seus cabelos uma rede de ouro. De manhã vigiava a moita de lírios do jardim. E no nascer do quarto dia, quando o sol encheu com a primeira luz os cálices brancos, ela lançou a rede aprisionando o unicórnio.

Preso nas malhas de ouro, olhava o unicórnio aquela que mais amava, agora sua dona, e que dele nada sabia.

A princesa aproximou-se. Que animal era aquele de olhos tão mansos retido pela artimanha de suas tranças? Veludo do pelo lacre dos cascos, e desabrochando no meio da testa, espinho e marfim, o chifre único que apontava ao céu.

Doce língua de unicórnio lambeu a mão que o retinha. A princesa estremeceu, afrouxou os laços da rede, o unicórnio ergueu-se nas patas finas.

Quanto tempo demorou a princesa para conhecer o unicórnio? Quantos dias foram precisos para amá-lo?

Na maré das horas banhavam-se de orvalho, corriam com as borboletas, cavalgavam abraçados. Ou apenas conversavam em silêncio de amor, ela na grama, ele deitado a seus pés, esquecidos do prazo.

As três luas, porém, já se esgotavam. Na noite antes da data marcada o rei foi ao quarto da filha lembrar-lhe a promessa. Desconfiado, olhou nos cantos, farejou o ar. Mas o unicórnio que comia lírios tinha cheiro de flor, e escondido entre os vestidos da princesa confundia-se com os veludos, confundia-se com os perfumes.

Amanhã é o dia. Quero sua palavra cumprida - disse o rei - virei buscar o unicórnio ao cair do sol.

Saído o rei, as lágrimas da princesa deslizaram no pelo do unicórnio. Era preciso obedecer ao pai, era preciso manter a promessa. Salvar o amor era preciso.

Sem saber o que fazer, a princesa pegou o alaúde, e a noite inteira cantou sua tristeza. A lua apagou-se. O sol mais uma vez encheu de luz as corolas. E como no primeiro dia em que se haviam encontrado a princesa aproximou-se do unicórnio. E como no segundo dia olhou-o procurando o fundo dos seus olhos. E como no terceiro dia segurou-lhe a cabeça com as mãos. E nesse último dia aproximou a cabeça do seu peito, com suave força, com força de amor empurrando, cravando o espinho de marfim no coração, enfim florido.

Quando o rei veio em cobrança de promessa, foi isso que o sol morrente lhe entregou, a rosa de sangue e um feixe de lírios.

Fonte: Colassanti (2005, p.24 - 27)

1. Para iniciar a leitura do conto *Um espinho de marfim*, o professor poderá comentar que a história que os alunos irão ler apresentará um personagem MITOLÓGICO. Perguntar aos alunos se eles sabem o que essa palavra significa e pedir que citem exemplos de seres mitológicos que eles já ouviram falar.
2. Na sequência, o professor apresentará um dos protagonistas da história, o unicórnio, e estimulará a participação dos alunos, questionando-os sobre seus

conhecimentos, em relação a essa criatura mitológica. É oportuno, valer-se dessa ocasião para permitir o uso de celulares, de forma que os estudantes possam pesquisar informações e imagens sobre o personagem em questão.

3. O professor registrará, no quadro, as informações pesquisadas, aproveitando esse momento para falar sobre as características do unicórnio, como também elencar aspectos curiosos sobre este ser mítico.

4. Realizar uma leitura coletiva e discutir com os alunos aspectos relativos ao texto:

- Ao capturar o unicórnio, como a princesa se sentiu?
- Que dilema ela passou a vivenciar a partir desse momento?
- Imagine que você pudesse aconselhar a princesa sobre a difícil escolha que ela tem que fazer (viver seu amor com o unicórnio ou cumprir a promessa de entregá-lo ao pai), o que diria para ela?

5. Para finalizar, o professor organizará a turma, em grupos, e dará o seguinte comando:

➤ Releia os trechos e reflita:

“[...] E nesse último dia aproximou a cabeça do seu peito, com suave força, com força de amor empurrando, cravando o espinho de marfim no coração, enfim florido.

Quando o rei veio em cobrança de promessa, foi isso que o sol morrente lhe entregou, a rosa de sangue e um feixe de lírios.”

- O que vocês acham que aconteceu nesse momento?

6. Pedir que registrem suas respostas e que cada grupo socialize com a turma as suas impressões, discutidas coletivamente, apresentando as inferências que eles fizeram sobre o final da história. A intenção é abrir espaço para debater e refletir sobre as impressões registradas, por cada grupo, como também, evidenciar as possíveis contribuições que possam surgir, nesse momento de diálogo. Inclusive, a probabilidade de sugestão de leitura de outros textos que podem fazer alusão a outros animais míticos e/ou outras histórias de amor.



5ª ideia toda azul  
(duas aulas)

Contos: **Uma Ideia Toda Azul**

Um dia o Rei teve uma ideia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a ideia, para perceber o perigo. Sozinha no seu sono, solta e tão bonita, a ideia poderia ter chamado a atenção de alguém. Bastaria esse alguém pegá-la e levar. É tão fácil roubar uma ideia. Quem jamais saberia que já tinha dono?

Com a ideia escondida debaixo do manto, o Rei voltou para o castelo. Esperou a noite. Quando todos os olhos se fecharam, saiu dos seus aposentos, atravessou salões, desceu escadas, subiu degraus, até chegar ao Corredor das Salas do Tempo.

Portas fechadas, e o silêncio.

Que sala escolher?

Diante de cada porta o Rei parava, pensava, e seguia adiante. Até chegar à Sala do Sono.

Abriu. Na sala acolchoada os pés do Rei afundavam até o tornozelo, o olhar se embaraçava em gazes, cortinas e véus pendurados como teias. Sala de quase escuro, sempre igual. O Rei deitou a ideia adormecida na cama de marfim, baixou o cortinado, saiu e trancou a porta.

A chave prendeu no pescoço em grossa corrente. E nunca mais mexeu nela.

O tempo correu seus anos. Ideias o Rei não teve mais, nem sentiu falta, tão ocupado estava em governar. Envelhecia sem perceber, diante dos educados espelhos reais que mentiam a verdade. Apenas, sentia se mais triste e mais só, sem que nunca mais tivesse tido vontade de brincar nos jardins.

Só os ministros viam a velhice do Rei. Quando a cabeça ficou toda branca, disseram-lhe que já podia descansar, e o libertaram do manto.

Posta a coroa sobre a almofada, o Rei logo levou a mão à corrente.

- Ninguém mais se ocupa de mim - dizia atravessando salões e descendo escadas a caminho das Salas do Tempo - ninguém mais me olha. Agora posso buscar minha linda ideia e guardá-la só para mim.

Abriu a porta, levantou o cortinado.

Na cama de marfim, a ideia dormia azul como naquele dia.

Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma ideia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a ideia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono. Seus olhos não viam na ideia a mesma graça. Brincar não queria, nem rir. Que fazer com ela? Nunca mais saberiam estar juntos como naquele dia.

Sentado na beira da cama o Rei chorou suas duas últimas lágrimas, as que tinha guardado para a maior tristeza.

Depois baixou o cortinado, e deixando a ideia adormecida, fechou para sempre a porta.

1. Ao chegarmos ao quinto conto, sugerimos que os alunos atentem para o título e que antes de conhecerem a história façam suposições, respondendo ao questionamento:

#### O QUE SERIA UMA IDEIA TODA AZUL?

- Nesse momento, conversar sobre a relação dos alunos com as cores: de qual mais gostam? Por quê? Sobre o azul, o que pensam? O que essa cor pode significar?

2. Propomos, em seguida, um momento de relaxamento para reflexão. Para isso, pensamos numa sala ambientada com música suave e imagens que remetam ao mar, ao céu e aos demais elementos que lembrem a cor azul. Sugerimos assistir ao clip da música “Todo Azul do Mar” (Flávio Venturini e Guilherme Arantes), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=501eES6khhA>, para incentivar a reflexão sobre ideias que, possivelmente, são carregadas de significados metafóricos referentes à cor azul.

➤ A cor azul é comumente associada à calma, à serenidade e à estabilidade. Ela tem uma variedade de significados e simbolismos, em diferentes contextos culturais, religiosos e psicológicos. Em resumo, a cor azul possui uma ampla gama de significados e simbolismos, variando, de acordo com o contexto e a cultura em que é usada. Diante dessa realidade, caso o professor julgue necessário aprofundar os conhecimentos sobre a simbologia da cor azul, pode incentivar os alunos a realizarem uma pesquisa em grupo. Dessa forma, eles terão a oportunidade de expandir, ainda mais, seus conhecimentos sobre esse tema tão fascinante.

3. Logo após, iniciar a leitura do conto. Ler o 1º(primeiro) e o 2º (segundo) parágrafos e questionar:

- Como teria sido a ideia do rei? (Bonita como o azul do céu, profunda como o mar, intensa como o olhar de uma pessoa apaixonada...?)

4. Continuamente, ler o 3º(terceiro) e o 4º(quarto) parágrafos e indagar sobre as atitudes do Rei em relação a ideia que ele teve.

- Por que ele não quis compartilhar com as pessoas do seu reino? O rei era egoísta?

- Aqui, podemos refletir sobre como o azul qualifica uma ideia dita por um homem e como essa cor é no nosso imaginário cultural associada ao masculino. Ao qualificar a ideia, o azul significa egoísmo masculino?

5. Continuar a leitura até o 17º (décimo sétimo) parágrafo, em que o rei, depois de muito tempo, retorna à Sala do Sono, onde havia guardado a sua ideia e percebe que:

“... o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a ideia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono.”

- Comentar com os alunos o que esse momento significa.

6. Concluir a leitura até o final do conto e perguntar:

- Por que o Rei chorou? Como ele se sentiu no final da história?
  - Que impressões podemos compartilhar com os colegas sobre essa história?
  - No lugar do rei, se vocês tivessem tido uma ideia toda azul, como agiriam?

### **Intervalo**

Aqui propomos realizar o intervalo de leitura. Para isso, iremos exibir o filme “A corrente do bem”, que conta a história de Trevor McKinnley, um menino que cria um projeto para apresentar na aula de Estudos Sociais, como resposta ao desafio lançado pelo professor. Esse projeto consistia em apresentar uma proposta para tornar o mundo em um lugar melhor. Trevor desenvolve um organograma, em que as pessoas devem repassar favores recebidos para mais indivíduos, criando uma corrente de boas ações e ideias positivas. Através deste projeto, Trevor inspira outras pessoas a se juntarem à corrente e a fazerem a diferença em suas comunidades.

- 7. Após a exibição do filme, questionar os alunos sobre que ideias podemos espalhar pelo mundo, quais pensamentos merecem ser disseminados, quem podemos ajudar na nossa trajetória como alunos, como pessoas, como cidadãos que podem melhorar o mundo ao seu redor?

- 8. Para concluir esse momento, sugerimos realizar a atividade “Espalhe ideias azuis”, que consiste em confeccionar cartazes com reflexões e frases que os alunos podem criar ou pesquisar para espalhar, de forma criativa pela escola (nos corredores, em murais e/ou na biblioteca).



### Conto: **Entre as Folhas do Verde O**

Na primeira corça que disparou, errou.  
 E na segunda corça acertou.  
 E beijou. E a terceira fugiu no  
 coração de um jovem. Ela está entre as folhas do verde O.  
 Canção popular da Idade Média

O príncipe acordou contente. Era dia de caçada. Os cachorros latiam no pátio do castelo. Vestiu o colete de couro, calçou as botas. Os cavalos batiam os cascos debaixo da janela. Apanhou as luvas e desceu.

Lá embaixo parecia uma festa. Os arreios e os pelos dos animais brilhavam ao sol. Brilhavam os dentes abertos em risadas, as armas, as trompas que deram o sinal de partida.

Na floresta também ouviram a trompa e o alarido. Todos souberam que eles vinham. E cada um se escondeu como pôde.

Só a moça não se escondeu. Acordou com o som da tropa, e estava debruçada no regato quando os caçadores chegaram.

Foi assim que o príncipe a viu. Metade mulher, metade corça bebendo no regato. A mulher tão linda. A tão ágil. A mulher ele queria amar, a corça ele corça queria matar. Se chegasse perto será que ela fugia? Mexeu num galho, ela levantou a cabeça ouvindo. Então o príncipe botou a flecha no arco, retesou a corda, atirou bem na pata direita. E quando a corça- mulher dobrou os joelhos tentando arrancar a flecha, ele correu e a segurou, chamando homens e cães.

Levaram a corça para o castelo. Veio o médico, trataram do ferimento. Puseram a corça num quarto de porta trancada.

Todos os dias o príncipe ia visitá-la. Só ele tinha a chave. E cada vez se apaixonava mais. Mas corça- mulher só falava a língua da floresta e o príncipe só sabia ouvir a língua do palácio.

Então ficavam horas se olhando calados, com tanta coisa para dizer.

Ele queria dizer que a amava tanto, que queria casar com ela e tê-la para sempre no castelo, que a cobriria de roupas e joias, que chamaria o melhor feiticeiro do reino para fazê-la virar toda mulher.

Ela queria dizer que o amava tanto, que queria casar com ele e levá-lo para a floresta, que lhe ensinaria a gostar dos pássaros e das flores e que pediria à Rainha das Corças para dar-lhe quatro patas ágeis e um belo pelo castanho.

Mas o príncipe tinha a chave da porta. E ela não tinha o segredo da palavra.

Todos os dias se encontravam. Agora se seguravam as mãos. E no dia em que a primeira lágrima rolou dos olhos dela, o príncipe pensou ter entendido e mandou chamar o feiticeiro.

Quando a corça acordou, já não era mais corça. Duas pernas só e compridas, um corpo branco. Tentou levantar, não conseguiu. O príncipe lhe deu a mão. Vieram as costureiras e a cobriram de roupas. Vieram os joalheiros e a cobriram de joias. Vieram os mestres de dança para ensinar-lhe a andar. Só não tinha a palavra. E o desejo de ser mulher.

Sete dias ela levou para aprender sete passos. E na manhã do oitavo dia, quando acordou e viu a porta aberta, juntou sete passos e mais sete, atravessou o corredor, desceu a escada, cruzou o pátio e correu para a floresta à procura da sua Rainha.

O sol ainda brilhava quando a corça saiu da floresta, só corça, não mais mulher. E se pôs a pastar sob as janelas do palácio.

Fonte: Colassanti (2005, p.36 - 40)

1. Antes de iniciar a leitura, indagar se os alunos sabem o significado da palavra híbrido.
2. Após ouvir as respostas, compartilhar com a turma o verbete: **Híbrido**, consultando o dicionário. Após a consulta, iniciar uma breve discussão sobre os significados encontrados.
  - Você saberia citar algum personagem com essa característica híbrida?

➤ Deixar os alunos elencarem, o maior número possível, de seres que eles podem conhecer relacionados a essa palavra.
3. Ao explorar o tema de seres com características híbridas, o professor pode incitar os alunos a relacionarem as características das sereias, criaturas que são representadas como metade mulher, metade peixe, ao hibridismo. Além disso, o professor pode perguntar se os alunos conhecem algum conto ou lenda que envolva essa personagem e como ela é retratada na cultura popular.
4. Pedir que algum aluno reconte, com suas palavras, a história da Pequena Sereia. Caso nenhum aluno saiba contar, o professor deve estar, devidamente, preparado para fazê-lo.
5. Em seguida, comentar que vamos ler um conto, em que uma personagem, também híbrida, vive um dilema parecido com o da Pequena Sereia: transmutar-se por amor. A intenção é que os alunos façam uma analogia entre o comportamento da personagem sereia e da personagem corça, a protagonista da história que será lida.

6. Sugerimos realizar uma leitura compartilhada do texto, realizando questionamentos durante o percurso da história.

- A história inicia-se, narrando uma caçada. A moça, metade mulher e metade corça, ouviu o alarido das tropas do príncipe se aproximando. Porém, ela não fugiu. O que vocês pensam sobre esse momento: Será que ela teve medo a ponto de ficar paralisada? Ou será que ela deixou-se capturar?
- O príncipe levou-a para o castelo e colocou-a num quarto que só ele tinha a chave. Estavam apaixonados, mas não falavam a mesma língua, não sabiam se comunicar. O que vocês pensam sobre isso? Essa situação pode acontecer na vida real? O que vocês pensam sobre o fato de, mesmo amando a corça, o príncipe a mantinha trancada?
- Quando o príncipe chamou o feiticeiro e transformou a corça em mulher apenas, deu-lhe muitos presentes e adornos, e providenciou alguém para ensinar a moça a andar. Esse também era o desejo da mulher ou o príncipe impôs a vontade dele?
- Após sete dias, quando conseguiu aprender a andar, a mulher fugiu para a floresta em busca da sua rainha para ser corça novamente. O que vocês pensam sobre essa atitude?
- Ao refletir sobre toda a história, quais traços de personalidade é mais determinante no príncipe e na corça? O que a história diz para você sobre relacionamento e decisões?

7. É importante ouvir a opinião dos alunos sobre o final do conto. Indagar se eles conseguem fazer alguma relação com a história da Pequena Sereia que, diferentemente, transforma-se em humana para poder casar com o príncipe.

8. Como atividade para enriquecer esse momento, o professor pode sugerir que pesquisem o conto **A moça tecelã**<sup>4</sup>, ou entregá-lo impresso aos alunos, para que façam um paralelo com a personagem do conto *Entre as folhas do verde*. Essa discussão pode levar os alunos a explorarem questões sobre a diversidade de seres imaginários em diferentes culturas, bem como as diferentes formas como esses seres são representados ao longo do tempo. A partir dessa

---

<sup>4</sup> COLASANTI, M. **A moça tecelã** In: *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.

discussão, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais profunda sobre a forma como a mitologia e a cultura popular refletem valores e crenças da sociedade.



### Conto: **Fio após Fio**

Todas as tardes, na torre mais alta do castelo de vidro, Nemésia e Gloxínia bordavam.

Longo era o manto de seda branca que as duas fadas florescia e que uma haveria de usar.

Mas Gloxínia, nunca satisfeita com seu trabalho, desmanchava ao fim de cada dia o que tinha feito, para recomeçar no dia seguinte.

Nemésia, gestos seguros, desenhava flores e folhas de um jardim em que todas as pétalas eram irmãs, e a cada dia arrematava o ponto mais adiante.

Feriam-se os dedos de Gloxínia de tanto desmanchar. Sujava-se o pano. Os dedos de Nemésia, tranquilos, brotavam o manto branco.

Faz e desmancha, na cesta de Gloxínia esgotava-se a linha. E ao pegar a última meada, a fada percebeu que não havia avançado um raminho sequer. Caberia à irmã acabar o manto e ficar com ele, sem que ela a nada tivesse direito por seus esforços.

De nada adiantava agora procurar a perfeição. Abandonando por um instante a tentativa de suas pétalas, Gloxínia aproveitou o último fio para bordar sobre a seda, letra por letra, a palavra mágica. Nemésia ainda teve tempo de terminar o ponto e libertar mais uma rosa. Depois transformou-se em aranha.

Gloxínia teria agora tanta linha quanta precisasse.

Paciente, Nemésia teceu o primeiro fio. Que na agulha de Gloxínia revelou-se perfeito, permitindo um bordado certo sem precisar a irmã recorrer à tesoura. Pela primeira vez Gloxínia seguiu sem desmanchar.

Encantou-se com o trabalho. Já não dormia. Colhia o fio da teia mais próxima e logo mergulhava a agulha cantando na cadência dos pontos obedientes. Fio após fio esqueceu-se da irmã. Havia linha, o bordado enriquecia, e Gloxínia trabalhava feliz no passar dos anos.

Chegou o dia do último ponto. Gloxínia acabou uma pétala, arrematou um espinho, e percebeu num sorriso que nada mais havia para bordar: a primavera desabrochava no manto e a seda desaparecia debaixo das ramagens.

Guardada a agulha, Gloxínia levantou-se. Usaria o manto, surpreenderia enfim a corte. Prendeu as fitas largas no pescoço, ajeitou a cauda e virou-se para a porta.

Mas onde estava a porta?

Ao redor de Gloxínia, as teias de Nemésia. Teia encostada em outra teia, que Gloxínia rasgava sem chegar a lugar algum, somente a outras e mais teias.

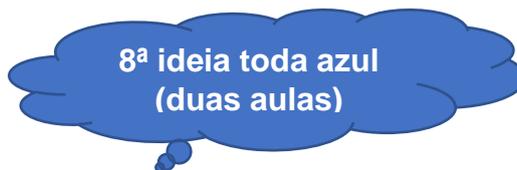
Onde estava a corte?

Ao redor da corte, ao redor das salas, ao redor do castelo e dos jardins, lá fora fiava e tecia a paciente Nemésia, esquecida da corte, esquecida da irmã para sempre prisioneira do seu casulo de prata.

Fonte: Colassanti (2005, p.42 - 44)

1. Antes de ler o conto *Fio após fio*, sugerimos que o professor pergunte aos alunos quais histórias e/ou personagens da mitologia eles conhecem ou já ouviram falar.
2. Em seguida, o professor avisará que irão conhecer uma história que faz parte da mitologia grega e que tem como título *Aracne*. Pedir que tentem identificar o que essa palavra pode significar e ao que remete. Logo após, ler em voz alta para que os alunos conheçam a história da moça habilidosa que foi transformada em aranha.
3. Ao concluir a leitura, pedir que os alunos leiam, em silêncio, o sétimo conto da obra em estudo, *Fio após fio*.
4. Quando os alunos sinalizarem que concluíram a leitura, o professor poderá indagar sobre os acontecimentos presentes no texto:
  - Compare as personagens Nemésia e Gloxínia. O que elas têm em comum? O que têm de diferente?
  - Qual evento foi decisivo para o conflito da história?
  - Como você se sentiu em relação a atitude de Gloxínia? E em relação a Nemésia?
5. Para concluir essa etapa da leitura, pode-se dividir a turma em grupos e cada grupo irá realizar uma atividade com objetivos diferentes:
  - 1º grupo - Pedir que façam anotações sobre as semelhanças e diferenças entre as duas irmãs do conto *Fio após Fio*.
  - 2º grupo – Relacionar as semelhanças e diferenças entre as histórias *Aracne* e *Fio após Fio*.
  - 3º grupo – Pesquisar o significado dos nomes das personagens Nemésia e Gloxínia e relacioná-los ao contexto da história criada por Marina Colasanti.

Os grupos devem socializar seus trabalhos para a turma, em forma de cartaz ou slides para que todos evidenciem as impressões sobre as leituras realizadas nessa aula.



### Conto: **A primeira só**

Era linda, era filha, era única. Filha de rei. Mas de que adiantava ser princesa se não tinha com quem brincar?

Sozinha no palácio chorava e chorava. Não queria saber de bonecas, não queria saber de brinquedos. Queria uma amiga para gostar.

De noite o rei ouvia os soluços da filha. De que adianta a coroa se a filha da gente chora à noite? Decidiu acabar com tanta tristeza. Chamou o vidraceiro, chamou o moldureiro. E em segredo mandou fazer o maior espelho do reino. E em silêncio mandou colocar o espelho ao pé da cama da filha que dormia.

Quando a princesa acordou, já não estava sozinha. Uma menina linda e única olhava surpresa para ela, os cabelos ainda desfeitos do sono. Rápido saltaram as duas da cama. Rápido chegaram perto e ficaram se encontrando. Uma sorriu e deu bom-dia. A outra deu bom dia sorrindo.

- Engraçado - pensou uma -, a outra é canhota.

E riram as duas.

Riram muito depois. Felizes juntas, felizes iguais. A brincadeira de uma era a graça da outra. O salto de uma era o pulo da outra. E quando uma estava cansada, a outra dormia.

O rei, encantado com tanta alegria, mandou fazer brinquedos novos, que entregou à filha numa cesta. Bichos, bonecas, casinhas, e uma bola de ouro. A bola no fundo da cesta. Porém tão brilhante, que foi o primeiro brinquedo que escolheram.

Rolaram com ela no tapete, lançaram na cama, atiraram para o alto. Mas quando a princesa resolveu jogá-la nas mãos da amiga, a bola estilhaçou jogo e amizade.

Uma moldura vazia, cacos de espelho no chão.

A tristeza pesou nos olhos da única filha do rei. Abaixou a cabeça para chorar. A lágrima inchou, já ia cair, quando a princesa viu o rosto que tanto amava. Não um só rosto de amiga, mas tantos rostos de tantas amigas. Não na lágrima que logo caiu, mas nos cacos todos que cobriam o chão.

- Engraçado, são canhotas – pensou

E riram.

Riram por algum tempo depois. Era diferente brincar com tantas amigas. Agora podia escolher. Um dia escolheu uma, e logo se cansou. No dia seguinte preferiu outra, e esqueceu dela em seguida. Depois outra e mais outra, até achar que todas eram poucas. Então pegou uma, jogou contra a parede e fez duas. Cansou das duas, pisou com o sapato e fez quatro. Não achou mais graça nas quatro, quebrou com martelo e fez oito. Irritou-se com as oito, partiu com uma pedra e fez doze.

Mas duas eram menores do que uma, quatro menores do que duas, oito menores do que quatro, doze menores do que oito.

Menores, cada vez menores.

Tão menores que não cabiam mais em si, pedaços de amigas com as quais não se podia brincar. Um olho, um sorriso, um lado de nariz. Depois, nem isso, pó brilhante de amigas espalhado pelo chão.

Sozinha outra vez a filha do rei.

Chorava? Nem sei.

Não queria saber das bonecas, não queria saber dos brinquedos.

Saiu do palácio e foi correr no jardim para cansar a tristeza.

Correu, correu, e a tristeza continuava com ela. Correu pelo bosque, correu pelo prado. Parou à beira do lago.

No reflexo da água a amiga esperava por ela.

Mas a princesa não queria mais uma única amiga, queria tantas, queria todas, aquelas que tinha tido e as novas que encontraria. Soprou na água. A amiga encrespou-se, mas continuou sendo uma. Atirou-lhe uma pedra. A amiga abriu-se em círculos, mas continuou sendo uma.

Então a linda filha do rei atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas com que o lago arrumava sua superfície.

Fonte: Colassanti (2005, p.46 - 50)

1. Sugerimos realizar a dinâmica do espelho para iniciar essa etapa da leitura.

- A dinâmica do espelho convida os participantes a refletirem sobre suas características, comportamentos e ações no ambiente do grupo, enquanto observam a si mesmos em um espelho. O professor deverá organizar uma caixa fechada com um espelho dentro e dizer aos alunos que dentro da caixa irão encontrar a foto de alguém muito importante.
- Cada aluno, na sua vez, dirige-se até o local onde está a caixa, abre e se olha no espelho. Nesse momento, sem revelar aos colegas o que está vendo, ele deverá falar sobre a importância do que ele está vendo, sobre as qualidades da pessoa refletida no espelho.
- O objetivo dessa atividade é estimular a reflexão e o autoconhecimento, auxiliando os alunos a compreenderem melhor a si mesmos e sua relação com os outros. Por meio dessa dinâmica, os participantes podem identificar seus pontos fortes e fracos, podem compreender como suas ações afetam os outros e buscar meios para desenvolver habilidades interpessoais.

2. Em seguida, o professor encaminhará a leitura do conto, apresentando a personagem protagonista, a qual ganha um espelho de seu pai para ter com quem brincar. Pedir que a turma leia o texto, coletivamente, e durante o decorrer da leitura, questionar:

- Qual problema a princesa vivenciava?
- Você já se sentiu sozinho, sem ter com quem conversar?
- O que fez o Rei para solucionar o problema da sua filha única?
- Se você fosse a princesa, como resolveria a situação?

3. O desfecho da história, leva-nos a considerar a importância de se buscar a solidão, que é a capacidade de estar sozinho de forma tranquila e produtiva.

Isso porque, em meio a uma sociedade cada vez mais conectada, é fácil nos perdemos na multidão e na superficialidade dos relacionamentos. No entanto, a capacidade de estar sozinho e de desfrutar de sua própria companhia pode ser uma habilidade valiosa para a vida pessoal e profissional, permitindo-nos refletir sobre nossos pensamentos, emoções e ações de forma mais profunda e consciente. Portanto, o final do conto nos convida a ponderar sobre a importância de construir relacionamentos significativos, bem como de desenvolver a habilidade de estar sozinho, de forma positiva e construtiva.

- Pensando nisso, sugerimos como atividade, após concluir a leitura do conto, que o professor entregue aos alunos um pedaço de papel para que confeccione um cartão para um amigo com uma mensagem de agradecimento pela amizade e por todos os momentos juntos vivenciados. Se considerar pertinente, o professor poderá fazer um sorteio, em sala, para que os colegas enviem um cartão uns para os outros. O sorteio viabilizará que todos recebam um cartão e que nenhum aluno fique sem participar desse momento.



### Conto: **Sete anos mais sete**

Era uma vez um rei que tinha uma filha. Não tinha duas, tinha uma, e como só tinha essa gostava dela mais do que de qualquer outra.

A princesa também gostava muito do pai, mais do que de qualquer outro, até o dia em que chegou o príncipe. Aí ela gostou do príncipe mais do que de qualquer outro.

O pai, que não tinha outra para gostar, achou logo que o príncipe não servia. Mandou investigar e descobriu que o rapaz não tinha acabado os estudos, não tinha posição, e o reino dele era pobre. Era bonzinho, disseram, mas enfim, não era nenhum marido ideal para uma filha de quem o pai gosta mais do que de qualquer outra.

O rei então chamou a fada, madrinha da princesa. Pensaram, pensaram, e chegaram à conclusão de que o jeito melhor era botar a moça para dormir. Quem sabe, no sono sonhava com outro e se esquecia dele.

Dito e feito, deram uma bebida mágica para a jovem, que adormeceu na hora sem nem dizer boa noite.

Deitaram a moça numa cama enorme, num quarto enorme, dentro de outro quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme. Sete portas enormes escondiam a entrada pequena do enorme corredor. Cavaram sete fossos ao redor do castelo. Plantaram sete trepadeiras nos sete cantos do castelo. E puseram sete guardas.

O príncipe, ao saber que sua bela dormia por obra de magia, e que pensavam assim afastá-la dele, não teve dúvidas. Mandou construir um castelo com sete fossos e sete plantas.

Deitou-se numa cama enorme, num quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme disfarçado por sete enormes portas e começou a dormir.

Sete anos se passaram e mais sete. As plantas cresceram ao redor. Os guardas desapareceram debaixo das plantas. As aranhas teceram cortinados de prata ao redor das camas, nas salas enormes, nos enormes corredores. E os príncipes dormiram nos seus casulos.

Mas a princesa não sonhou com ninguém a não ser com o príncipe. De manhã sonhava que o via debaixo da sua janela tocando alaúde. De tarde sonhava que sentavam na varanda e que ele brincava com o falcão e com os cães enquanto ela bordava no bastidor. E de noite sonhava que a Lua ia alta e que as aranhas teciam sobre o seu sono.

E o príncipe não sonhou com ninguém a não ser com a princesa. De manhã sonhava que via seus cabelos na janela, e que tocava alaúde para ela. De tarde sonhava que sentavam na varanda, e que ela bordava enquanto ele brincava com os cães e com o falcão. E de noite sonhava que a Lua ia alta e que as aranhas teciam.

Até o dia em que ambos sonharam que era chegada a hora de casar, e sonharam um casamento cheio de festa e de música e de danças. E sonharam que tiveram muitos filhos e que foram muito felizes para o resto da vida.

Fonte: Colassanti (2005, p.52 - 55)

1. Iniciar pedindo que observem com atenção o título “Sete anos mais sete”. Destacar a referência ao número sete. Pedir que os alunos escrevam no caderno, em um minuto, uma lista com elementos que retratam o número sete. Por exemplo:

- Os dias da semana
- As notas musicais
- As cores do arco-íris
- As sete maravilhas do mundo
- Os sete pecados capitais
- Os sete mares
- Os sete anões da Branca de Neve
- Os sete dias para a Criação, dentre outros que os alunos poderão citar.

2. Após sinalizar com os alunos a simbologia do número sete, pedir que leiam o texto até o quinto parágrafo e questionar:

- Essa história lembra alguma outra que você conhece?
- O que você acha da atitude do pai da princesa?

3. Sequenciar a leitura, pedindo que leiam até o penúltimo parágrafo do conto.

- O que você achou da atitude do príncipe? Ele demonstrou verdadeiramente amar a princesa?
- O que você acha que acontece no final da história?

4. Ler com os alunos o último parágrafo e estes devem observar se as suposições sobre o final da história se concretizaram. Para melhor organizar as ideias e tornar a atividade, ainda mais interativa, propomos dividir a turma em grupos. Cada grupo deve criar e escrever um final diferente para o conto. Isso pode ser feito com base em algumas orientações fornecidas pelo professor, quais sejam: manter ou não a mesma linha narrativa, criar personagens novos, mudar o cenário ou o tempo histórico, dentre outras possibilidades. Dessa forma, além de estimular a criatividade e a imaginação dos alunos, a atividade permite que eles compreendam melhor o processo de criação literária e como pequenas mudanças podem alterar completamente o sentido de uma história. Ao final, os grupos podem apresentar suas versões do final e discutir as diferenças e semelhanças entre elas, enriquecendo ainda mais a experiência de leitura e de escrita.



#### Conto: **As Notícias e o Mel**

Um dia o rei ficou surdo. Não como uma porta, mas como uma janela de dois batentes. Ouvia tudo do lado esquerdo, do direito não ouvia nada.

A situação era incômoda. Só atendia aos Ministros que sentavam de um lado do trono. Aos outros, nem respondia. E até mesmo de manhã, se o galo cantasse do lado errado, sua majestade não acordava e passava o dia inteiro dormindo.

Foi quando mandou chamar o gnomo da floresta, e o gnomo, obediente, apareceu na corte. Veio voando com suas asinhas, tão pequeno que, embora todos estivessem avisados da sua chegada, quase o confundiram com um inseto qualquer.

Chegou e logo se entendeu com o rei, estabelecendo um trato. Ficaria morando no ouvido direito e repetiria para dentro, bem alto, tudo o que ouvisse lá fora. Tendo asas, e desejando, poderia aproveitar seu parentesco com as abelhas para fabricar, no ouvido real, alguma cera e um pouco de mel.

O trato funcionou às mil maravilhas. Tudo o que o gnomo ouvia, repetia em voz bem alta nas cavernas da orelha, e o eco e a voz do gnomo chegavam até o rei, que passou a entender como antigamente, de lado a lado.

Correu o tempo. Rei e gnomo, assim tão vizinhos, foram ficando cada dia mais íntimos. Já um sabia tudo do outro, e era com prazer que o gnomo gritava, e era com prazer que o rei ouvia o zumbidinho das asas atarefadas no fabrico da cera e do mel. Uma certa doçura começou a espalhar-se do ouvido real para a cabeça, e o rei foi ficando aos poucos mais bondoso. Um certo carinho foi se espalhando da caverna real para o gnomo, e ele foi ficando aos poucos mais bondoso.

Foi essa a causa da primeira mentira.

O Primeiro Ministro deu uma má notícia no ouvido esquerdo, e o gnomo, não querendo entristecer o rei, transmitiu uma boa notícia no ouvido direito.

Foi essa a primeira vez que o rei ouviu duas notícias ao mesmo tempo.

Foi essa a primeira vez que o rei escolheu a notícia melhor.

Houve outras depois.

Sempre que alguma coisa ruim era dita ao rei, o gnomo a transformava em alguma coisa boa. E sempre que o rei ouvia duas notícias escolhia a melhor delas.

Aos poucos o rei foi deixando de prestar atenção naquilo que lhe chegava do lado esquerdo. E até mesmo de manhã, se o galo cantasse desse lado e o gnomo não repetisse o canto do galo, Sua Majestade esquecia-se de ouvir e continuava dormindo tranquilo até ser despertado pelo chamado do amigo.

De um lado o mel escorria. Do outro chegavam as preocupações, as tristezas, e todos os ventos maus pareciam soprar à esquerda da sua cabeça.

Mas o rei tinha provado o mel e a doçura era agora mais importante do que qualquer notícia. Entregou o trono e a coroa para o Primeiro Ministro. Depois chamou o gnomo para junto da boca e murmurou-lhe baixinho a ordem.

Obediente, o gnomo voou para o lado esquerdo e, aproveitando seu parentesco com as abelhas, fabricou algum mel, e abundante cera, com que tapou para sempre o ouvido do rei

Fonte: Colassanti (2005, p.58 - 61)

1. Antes de iniciar a leitura do conto, é recomendável que os alunos reflitam sobre as qualidades que um bom líder deve ter, uma vez que é a figura responsável por tomar decisões e liderar várias pessoas. Assim, é importante considerar o que um líder deve fazer em situações de dificuldade, bem um governante deve portar-se diante das adversidades. Para tanto, é possível solicitar que os alunos expressem suas opiniões e compartilhem suas reflexões com os colegas. O professor deverá registrar no quadro, em forma de tópicos, as observações citadas pelos alunos.

Essa atividade permite que os alunos desenvolvam suas habilidades de pensamento crítico, ao mesmo tempo, em que estimula a comunicação e a troca de ideias dentro do grupo. Além disso, essa reflexão prévia pode ajudar a compreender melhor o enredo do conto e a identificar possíveis conexões entre a história e suas próprias experiências e perspectivas.

2. Pedir que realizem uma leitura compartilhada, informando que o conto tem como personagem principal um rei. Os alunos deverão, ao final da leitura, verificar se o comportamento do rei atende aos requisitos de um bom líder elencados por eles no início da aula. Explicar aos alunos que não se trata de julgar o comportamento do personagem, mas de verificar o posicionamento dele como pessoa e como líder. Perguntar se já vivenciaram uma situação parecida com a do conto, em que o rei escolhia ouvir apenas as boas notícias e questionar:

- O gnomo contou uma mentira ao Rei. Qual foi a causa? O que você achou desse trecho da história?
- Imagine que alguém decidiu não lhe contar algo importante, com o objetivo de poupá-lo de algum sofrimento. Caso você descobrisse a verdade, como agiria em relação a essa pessoa?

3. Para encerrar essa atividade, sugerimos que os alunos realizem uma pesquisa e selecionem notícias que considerem relevantes para serem divulgadas em um mural que ficará exposto na escola. As notícias podem abranger tanto a localidade, em que a escola está inserida, quanto ao país e/ou ao mundo, e devem ser escolhidas com base em sua importância e relevância para a comunidade escolar. Essa atividade estimula a pesquisa, a seleção crítica de informações e a comunicação, ao mesmo tempo em que promove a reflexão sobre questões atuais e relevantes para a sociedade. Além disso, a exposição dessas notícias, no mural, pode contribuir para a formação de uma consciência cidadã e para o desenvolvimento de uma visão mais ampla e crítica do mundo.

#### **4.1.4. INTERPRETAÇÃO**

Este é o momento em que, após a leitura da obra, os alunos irão expressar e compartilhar a vivência leitora. O importante, é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão a seu modo, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar.

- **INTERPRETANDO AS IDEIAS AZUIS**

A atividade proposta nesse momento tem “como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro” (Cosson, 2016, p. 66). É mister enfatizar que as sugestões para o desenvolvimento dessa etapa (assim como as demais) são expostas para que o professor faça as adequações que julgar necessárias e pertinentes. Para isso, é preciso observar a turma, sua receptividade e sua participação nas atividades propostas.

1. Para dar oportunidade, em que o aluno possa compartilhar suas impressões sobre a leitura dos contos do livro *Uma ideia toda azul*, propomos a

atividade “História na caixa”: A ideia é que a turma seja dividida em dez grupos (cada grupo fica com um conto selecionado através de sorteio ou de alguma estratégia combinada com os discentes). Cada grupo irá organizar uma “maquete” que reproduza um cenário e a(s) personagem(ns) da história e contar para os colegas, socializando suas impressões. Para isso, sugerimos organizar o ambiente com o painel de imagens feitos pelos alunos durante a etapa de motivação, como também organizar o espaço físico, da sala de aula, (ou outro local disponível) para a realização desse momento, em que os alunos irão apresentar as maquetes e contar o que leram e compreenderam durante a realização desse projeto de leitura.

2. Esse momento pode ser compartilhado com todas as outras turmas da escola, pais e demais membros da comunidade escolar, para servir de estímulo à leitura do texto literário.

Após a conclusão da Sequência Básica, é importante que no momento seguinte, o professor possa organizar uma roda de conversa para dialogar sobre a leitura dos contos e todo o aprendizado que ficou. De quais contos gostaram, de quais não gostaram, o que mais chamou sua atenção, qual final mais surpreendente, se no decorrer das leituras desenvolveram predileção por algum personagem (verifique o porquê).

Algumas questões podem direcionar esse momento: se tivesse que sintetizar o livro em uma frase, qual seria essa frase? O que tem de mais importante no livro, na sua opinião? Se pudesse conversar com a autora da obra, o que perguntaria? Se fosse recomendar o livro para outra pessoa ler, o que diria?

Esses questionamentos deverão ser realizados também, de forma escrita (Atividade final), e serão de grande importância para diagnosticar aspectos relevantes do processo do letramento literário, desde a participação dos alunos às impressões que tiveram sobre as leituras realizadas.

## 5 IDEIAS FINAIS

É quase consenso entre todos os que fazem parte do meio educacional, a importância que a literatura tem na vida escolar dos estudantes pela sua múltipla dimensão de conhecimentos e saberes, constituindo-se, assim, como algo valioso e imprescindível para a formação humana. No entanto, também é evidente, a falta de um espaço propício para a realização de um trabalho com a leitura de obras literárias dentro do âmbito escolar.

Ao elaborarmos a proposta de Sequência Básica, cuidamos por oferecer ao professor sugestões de atividades complementares de leituras que possam enriquecer o universo de leituras, proporcionado pelos contos. Como modelo que é, fica aberta a sugestões que viabilizem ideias azuis, ou seja, que os alunos possam apresentar compreensões amplas acerca dos contos, aqui propostos, e possam partir, autonomamente, em busca de outras leituras prazerosas e significativas para suas vidas enquanto seres em formação constante. Quanto mais leituras, tanto mais saber.

Destarte, entendemos que é preciso uma mudança de postura com relação a um problema que tanto já foi debatido, porém nunca se esgota em sua relevância: a questão da leitura literária na escola. Acreditamos que, para essa mudança ser pretensa e efetivada, é preciso analisar vários aspectos, numa perspectiva de que a reflexão esteja imbricada com a ação, em um movimento que permita refletir e agir sobre o meio. Para isso, um dos primeiros pontos vigentes, destina-se aos atores e agentes escolares, os quais necessitam investir na formação profissional, a fim de que compreendam que são necessárias (e urgentes) a elaboração e a concretização de projetos que objetivem e viabilizem a leitura literária em sala de aula.

Como aspectos fundamentais, destacamos, primeiramente, a relevância do ProfLetras, no sentido de abrir caminhos teóricos e metodológicos para que o professor possa revisar a sua prática; em seguida, fazer-nos repensar o papel da escola como instituição que visa ao desenvolvimento do ser como um todo, e, por isso, responsável por fomentar práticas leitoras que permitam ampliar o conhecimento dos alunos, tornando-os produtores de suas ideias.

Outro fator importante é a necessidade de os alunos estarem com a obra a ser lida em mãos. Dessa forma, pensamos na leitura literária como uma dessas

práticas que a escola pode e deve desenvolver, como função primordial, uma vez que, como instituição educacional, precisa garantir que os alunos tenham acesso a todo tipo de saber, em especial, aos que estão dentro da área da Língua Portuguesa. Nesse caso, é fundamental que a escola tenha vinculada, em sua rotina, a prática de projetos que viabilizem a leitura, dentro do âmbito escolar e que favoreçam a participação de toda a comunidade.

A escola precisa ser propagadora da importância que a leitura tem na vida de todos os alunos, para formá-los cidadãos mais humanos. Essa ideia necessita ser inserida no cerne do ambiente escolar e disseminada para que as sementes possam produzir frutos, que são os leitores proficientes.

Cabe aqui destacar, a importante figura do professor, como agente mediador do processo ensino-aprendizagem, entendendo que é possível (sim!), trabalhar a literatura em sala de aula, com o propósito que atenda ao objetivo maior deste processo: a leitura como fim em si mesma e como transformadora do aluno em formação. Para isso, o papel do professor torna-se, essencialmente, imprescindível! É o professor, em sala de aula, quem irá construir uma ponte entre o aluno e as obras literárias. É o professor que será o mediador entre o texto e as possíveis interpretações e impressões que este poderá suscitar. É ele, em seu ofício de docente, que irá traçar estratégias para aproximar os alunos de obras não conhecidas e ampliar o repertório cultural da sua turma.

Para tanto, é necessário planejar estratégias que consolidem o trabalho com as obras literárias e que favoreçam a constituição de uma comunidade leitora dentro da escola. Para esse fim, apontamos como uma possibilidade de trabalhar com a literatura em sala de aula, a Sequência básica, desenvolvida por Rildo Cosson (2006), como premissa para a elaboração de um bom planejamento que almeje a formação leitora dos alunos. Acreditamos, todavia, que essa proposta deve ser pensada como um meio (não como um fim), ou seja, são proposições que devem nos servir como sugestões, as quais podem ser adaptadas a cada realidade, e não como modelo que deve ser rigorosamente seguido.

Desse modo, entendemos que a Sequência básica é uma proposta que visa nortear o trabalho do professor, uma vez que é necessário, para desenvolvê-la, planejar e organizar as etapas (motivação, apresentação, leitura

e interpretação), de acordo com o trabalho que se pretende realizar, levando em consideração a turma, na qual se desenvolverá o trabalho, como também, a obra literária que será lida. Nesse sentido, acreditamos que, quando bem planejada e aplicada em sala de aula, a intervenção aqui proposta, poderá servir de modelo e ajudar no processo do letramento literário, atendendo aos propósitos de desenvolvimento da formação de leitores. Um projeto dessa natureza, com certeza, é uma ideia toda azul que precisa ser disseminada.

## REFERÊNCIAS

- ACCAMPORA, Giselle Roza. Intertextualidade, mito e simbologia nos contos maravilhosos de Marina Colasanti. Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2016.
- ANTUNES, Irandé. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. São Paulo: Parábola, 2017.
- ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; MASSUIA, Caroline Sanchez. **Oralidade, fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola?** In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Orgs.). *Leitura literária na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: —. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porte Editora, 1994.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOSI, Alfredo. *Os trabalhos da mão*. Curitiba: Posigraf, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1988.
- CANNATÁ, Verônica. **Quando a inovação na sala de aula passa a ser um projeto da escola**. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. (Orgs.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica; ZAVAM, Aurea. **Intertextualidade e ensino**. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). *Linguística textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. RJ: José Olympio, 1998.

- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COLASANTI, M. **A moça tecelã** In: *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- COLASANTI, Marina. *Uma ideia toda azul*. São Paulo: Global, 2003.
- COLASANTI, Marina. *Fragatas para Terras Distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- COLASANTI, Marina. *Como se fizesse um cavalo*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- COLASANTI, Marina. *Mais de 100 histórias maravilhosas*. São Paulo: Global, 2015.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. C. P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSTA, Ivonete Ferreira da. *Intertextualização na obra de Marina Colasanti, 37: o tear e o tecido*. Dissertação de Mestrado. Goiás: PUC, 2016.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Paradigmas do Ensino da Literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Como Criar Círculos de Leitura na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2021.
- DANTAS, Goimar. *A arte de criar leitores: reflexões e dicas para uma mediação eficaz*. São Paulo: Editora Senac, 2019.
- DIAS, Valdenides Cabral de Araújo. **Marina Colasanti: a contadora de histórias**. In: OLIVEIRA, Ellen dos Santos. *Literatura infantil & juvenil*. Itapiranga/SC: Schreiber, 2021.
- DIONISIO, Angela Paiva. **Conversas entre textos**. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C. B. (Orgs.). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel Álvaro de; CARVALHO, Álvaro Monteiro. (Orgs). *Linguística aplicada e ensino: Língua e literatura*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisas*. São Paulo: Atlas, 2002.

GUGGENMOS, Josef. *As mais belas histórias da Grécia antiga*. Érica Gonçalves de Castro. Curitiba: Positivo, 2014.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer]. São Paulo: Ed. 34, 1996: vol. 1; 1999; vol. 2.

JOUBE, Vicente. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

KEMPINSKA, Olga Guerizoli; SOUZA, Roberto Acízelo Quelha. *Teoria da Literatura I*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2018.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. Tradução de Lúcia H. F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

\_\_\_\_\_. Ana Maria (adapt.). *As viagens de Marco Polo*. São Paulo: Editora Scipione, 1996.

MIGUEL, Maria Aparecida de Fátima; REIS, Carla Francine da Silva. **Letra e imagem: uma dupla leitura dos contos O Último Rei, Sete Anos Mais Sete, e Entre as Folhas do Verde O, de Marina Colasanti**. In: R. Letras, Curitiba, v. 21, n. 33, p. 16-29, jan./ jun. 2019. <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/download/10110/6660>. Acesso em 17/05/2023.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 2000.

OLIVEIRA, Luciana Amaral. *Coisas que Todo Professor de Português Precisa Saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SALMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAMUEL, Roger. *Novo manual de teoria literária*. 6. Ed. Rev. e Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

TELINI, Érika Alves de Moraes, 1982- 2021 *A tessitura de colasanti: viés feminino, fios simbólicos e teias intertextuais*. Dissertação de Mestrado. 2021. [TessituraColasantiViés.pdf \(ufu.br\)](#). Acesso em 17/05/2023.

TELES, Gilberto Mendonça. *A Crítica e o Princípio do Prazer*. Goiânia: Imprensa Universitária, 1995. 11 vol. dos Estudos Goianos.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura da literatura**. In: ROSING, Tânia M. K; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

**APÊNDICE 1****Questionário**

Essa é uma atividade para você responder questões relacionadas a sua vida escolar e sua experiência como leitor (a).

**Nome do aluno** - \_\_\_\_\_

**1.** Você gosta de ler?

( ) sim ( ) não

**2.** Você conhece a biblioteca pública da nossa cidade?

( ) sim ( ) não

**3.** E sobre a biblioteca da escola, costuma frequentá-la?

( ) sim ( ) não

Comente sua resposta: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**4.** Conhece o acervo da biblioteca da escola?

( ) sim ( ) não

**5.** Já leu algum livro da biblioteca da escola?

( ) sim ( ) não

Comente sua resposta: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**6.** Como foram seus primeiros contatos com a leitura literária na escola?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**7.** No ambiente familiar, alguém lhe incentiva a ler?

( ) sim ( ) não

Comente sua resposta: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**8.** No ambiente escolar, quais tipos de leitura costuma realizar?

\_\_\_\_\_

---

**9.** Você tem contato com obras literárias fora do espaço escolar?

( ) sim ( ) não

Comente sua resposta: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**10.** Durante sua jornada estudantil, alguém lhe incentivou a ler?

( ) sim ( ) não

Comente sua resposta: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

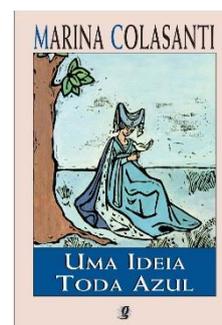
**APÊNDICE 2**  
**ATIVIDADE**

Nome: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

Após realizar a leitura dos contos da obra *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti, conte-nos o que achou do livro e como foi vivenciar essa experiência literária.



Impressões sobre a obra lida

1. O que você achou da obra literária *Uma ideia toda azul*?

---

---

---

---

2. Você recomendaria esse livro para alguém? \_\_\_\_\_

---

3. Se fosse recomendar o livro para outra pessoa ler, o que diria?

---

---

---

4. Se tivesse que sintetizar o livro em uma frase, qual seria essa frase?

---

5. Qual(is) história(s) chamou mais sua atenção? Comente.

---

---

---

---

6. Quais valores e/ou sensações esses contos transmitiram para você?

---

---

---

7. O que tem de mais importante no livro na sua opinião?

---

---

---

---

8. Algum personagem, em especial, chamou sua atenção? Comente sua resposta.

---

---

---

9. Você mudaria o final de alguma história? De qual? Por quê?

---

---

---

---

10. Após ter realizado a leitura dos contos da obra *Uma ideia toda azul*, existe algum fato ou filme, personagens, livro, etc que tenha despertado a sua curiosidade ou intenção em conhecer?

---

---

---

---

11. Se pudesse conversar com a autora da obra, o que perguntaria?

---

---

---

12. Em relação ao desenvolvimento do projeto de leitura realizado em sala de aula, quais pontos você considera positivos?

---

---

---

13. E quais foram os pontos negativos?

---

---

---

### APÊNDICE 3

#### Esquema da Sequência Básica

AÇÃO	TEMPO DE DURAÇÃO
<b>ABRINDO IDEIAS AZUIS:</b> Motivação	2H/A
<b>ENTRANDO NO REINO COLASANTIANO:</b> apresentação da obra e da biografia da autora	1H/A
<b>SONHANDO COM REIS E PRINCESAS:</b> explanação de como a leitura da obra será realizada e da produção e organização do Diário do leitor. Em seguida, iniciar a leitura dos contos.	2H/A
<b>1ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>O último rei</i> Intertextualidade – As viagens de Marco Polo (adp.: Ana Maria Machado)	2H/A
<b>2ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Além do bastidor</i> Intertextualidade – Os trabalhos com as mãos (Alfredo Bosi e Nelson Cruz)	2H/A
<b>3ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Por duas asas de veludo</i>	2H/A
<b>4ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Um espinho de marfim</i>	2H/A
<b>5ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Uma ideia toda azul</i>	2H/A
<b>INTERVALO DE LEITURA:</b> exibição do filme <i>Corrente do bem</i>	2H/A
<b>6ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Entre as folhas do verde</i> O Intertextualidade – <i>A Pequena Sereia / A moça tecelã</i>	2H/A
<b>7ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Fio após fio</i> Intertextualidade – <i>Aracne</i>	2H/A
<b>8ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>A primeira só</i>	2H/A
<b>9ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>Sete anos mais sete</i> Intertextualidade – <i>A Bela Adormecida</i>	2H/A
<b>10ª IDEIA TODA AZUL:</b> conto <i>As notícias e o mel</i>	2H/A
<b>INTERPRETANDO AS IDEIAS AZUIS:</b> atividade proposta: <i>História na caixa</i>	2H/A
<b>IDEIAS QUASE FINAIS:</b> avaliação: Roda de conversa e questionário	1H/A
<b>TOTAL DA C/H</b>	30H/A

Fonte: a autora

## ANEXO 1

### A MOÇA TECELÃ

Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas, se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E a noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila,

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas, tecendo e tecendo, ela própria trouxe tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado,

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava

justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.

Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

- Uma casa melhor é necessária-disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas, pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

- Para que ter casa, se podemos ter palácio? -perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E, entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

- É para que ninguém saiba do tapete - disse. E, antes de trancar a porta a chave, advertiu:

- Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E, tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

## ANEXO 2

### ARACNE

Aracne era filha de um tintureiro lídio; sua mãe, que morrera muito cedo, também era de origem humilde. Seu nome, contudo, ficou muito famoso, pois ninguém dominava a arte de tecer como Aracne. Até mesmo as ninfas das montanhas de Tmolos e do rio Pactolo vinham à sua cabana para admirar seu trabalho. Mas aconteceu de a própria Palas Atena querer prestar ensinamentos a Aracne. Esta, porém, não quis nem saber de tal honra. Ofendida, ela disse: "O que eu teria para aprender com ela? Ela que venha me desafiar!".

Foi com indignação que Atena a ouviu se gabar. Disfarçada como uma idosa, e apoiando-se em uma bengala, a deusa entrou na cabana de Aracne, dizendo: "Não é só feiura que a velhice nos traz, ela também nos dá experiência. Portanto, ouve meu conselho. Busca a glória de ser aquela dentre todas as mortais que melhor sabe tecer com o algodão. Mas seja respeitosa com a deusa. Pede perdão a ela por tuas palavras desmedidas, que ela com certeza te perdoará."

Enfurecida, Aracne deixou o fio correr: "Poupa-me de teu sermão, velha! Tua idade está te deixando gagá. Eu não preciso dos teus conselhos! Por que Palas Atena teme concorrer comigo? Por que ela não veio pessoalmente?".

"Ela está diante de ti!", gritou a deusa, mostrando-se em sua verdadeira figura.

As ninfas e as lídias que estavam presentes à cena caíram aos pés da deusa; só Aracne não estava tremendo, ela seguia obstinada no seu propósito. A filha de Zeus aceitou o desafio.

Logo cada uma delas começou, junto a seus teares, a movimentar suas mãos habilidosas. Púrpura e milhares de outras cores teciam-se artisticamente umas às outras, também fios dourados faziam parte do bordado. E, assim, magníficas figuras foram surgindo diante dos olhos estarecidos dos presentes.

Atena representou sua luta com Posidon e a posse da Ática. Doze deuses, com Zeus no meio deles, estavam sentados sobre uma rocha do castelo ateniense. Posidon aparecia espetando uma rocha com seu tridente e fazendo jorrar uma fonte. A própria deusa aparecia, de capacete sobre a cabeça e com

o terrível Aegis sobre o peito, arrancando com a ponta da lança uma oliveira do solo infértil e, com isso, preparando, para a terra de Ática, uma dádiva ainda mais magnífica do que a do deus do mar. E, assim, Atena teceu, em um enorme painel, rodeado de folhas de oliveira, sua própria vitória.

Aracne, por sua vez, representou em sua teia todos os tipos de imagens, tentando ridicularizar os deuses, principalmente Zeus que, ora como touro, ora como águia, cisne ou chuva, tentava seduzir as filhas dos homens. Tudo isso envolto por uma coroa de Efeu trespassada por flores. Quando Aracne terminou seu trabalho, nem mesmo Atena conseguia criticá-lo. Mas ficou indignada quando viu as imagens sarcásticas e em nada divinas. Então ela destruiu a tapeçaria e suas imagens injuriosas e bateu na testa de Aracne com a lançadeira. E nisso, a infeliz foi encolhendo até se tornar um animalzinho minúsculo. Como a aranha, ela exerce até hoje, fio a fio, a antiga arte.